

**RELATÓRIO REFERENTE AS PRIMEIRAS ETAPAS DO
PROJETO INSTRUÇÃO TÉCNICA DO PROCESSO DE
REGISTRO DA OURIVESARIA EM FILIGRANA EM
NATIVIDADE/TO - INVENTÁRIO**

**AÇÃO: REGISTRO DE BENS CULTURAIS DE NATUREZA
IMATERIAL**

PROGRAMA: BRASIL PATRIMÔNIO CULTURAL

**14ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DO INSTITUTO DO
PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS



Equipe técnica envolvida

Dra. Sandra Maria Faleiros Lima – Coordenadora Geral

Dra. Helena Mollo – Coordenadora Técnica

Dra. Juciene Ricarte Apolinário

Msc. Sonia Maria F. Neiva

Msc. Valdirene Gomes dos Santos de Jesus

Raphael Mendes – Fotógrafo

Marco Alencar- Kim – Cinegrafista/ Editor de vídeo

Vanesca Maria da Silva Matos – equipe de cinegrafia

Celso Bastos – Áudio/Trilha Sonora

Eunice dos Santos Moura - estagiária

Hueberon Veríssimo Ribeiro - estagiário

Wátila M. F. Bonfim - estagiário

Ângela M. Campos – estagiária

Valéria Moreira l. de Melo – estagiária

Tatiana Hundrel – estagiária

Piero Detoni – estagiário

Lista de anexos

Anexo 1 - Fotos Referentes ao Item A: Identificação e documentação dos trabalhos - Cópia também em cd

Anexo 2 - DVD que segue anexo com o registro de áudio das entrevistas realizadas em Natividade

Anexo 3 - DVD que segue anexo contendo ampla amostra do registro fotográfico

Anexo 4 - Primeiro Relatório Referente às Fontes Documentais (Testamentos e Inventários)

Anexo 5 - Fichas Referentes à Identificação dos Documentos Cartoriais (Testamentos e Inventários)

Anexo 6 - Levantamento Arquivo Histórico Ultramarino

Anexo 7 – Mapas

Anexo 8 - Amostra de Fotos de Jóias - Demais Fotos Referentes às Jóias Seguem no CD de Anexo

Anexo 9 - Fotos de Ourives Nativitanos

Sumário

- a. Identificação e documentação dos trabalhos
- b. Treinamento da equipe do projeto iniciado em março de 2007
- c. Levantamento de fontes primárias e secundárias
 - c.1 Realização de entrevistas
 - c.2 Realização de registro fotográfico
- d. Elaboração de roteiros
- d1 Identificação das peças
- e. Levantamento de referências bibliográficas
- f. Anexos

Primeiro Relatório relativo à primeira etapa do projeto Instrução
Técnica do Processo de Registro da ourivesaria em filigrana em
Natividade, no Estado do Tocantins.

A primeira etapa do projeto Instrução Técnica do Processo de Registro da ourivesaria em filigrana em Natividade, no Estado do Tocantins/inventário se refere aos passos dados no sentido de organização e levantamento do material necessário para que seja realizado o registro da filigrana nativitana como patrimônio imaterial.

A presente etapa, e, portanto, deste relatório consta a explanação dos seguintes itens:

- g. Identificação e documentação dos trabalhos
- h. Treinamento da equipe do projeto iniciado em março de 2007
- i. Levantamento de fontes primárias e secundárias
- c.1 Realização de entrevistas
- c.2 Realização de registro fotográfico
- j. Elaboração de roteiros
- d1 Identificação das peças
- k. Levantamento de referências bibliográficas
- l. Anexos

A. Identificação e documentação dos trabalhos

Anteriormente ao processo de trabalho que ora se inicia foi realizado um levantamento do sítio de Natividade, realizado pela fundação Aroeira de Goiânia, que se estabeleceu de certa forma como um marco inicial para a elaboração desta primeira etapa do projeto de inventário. Assim, como prevê o item A da relação acima, faremos uma explanação do material recebido pela equipe e feito em 2005.

De acordo com o relatório finalizado em 2005, foram feitos levantamentos destinados, principalmente, ao conhecimento de Natividade como um universo cultural que mantém uma relação bastante rica entre o que é o particular e o que é o geral, na cultura brasileira. Afirmamos este aspecto através dos parágrafos iniciais do relatório de 2005, onde está a informação de que em 1987 Natividade foi reconhecida patrimônio histórico nacional, tendo cerca de trezentas construções presentes no Livro de Tombo do Governo Federal.¹ O relatório em questão, apesar de apresentar um levantamento bibliográfico, privilegia o trabalho de campo, com, principalmente, a realização de entrevistas e registro fotográfico. De acordo, ainda, com este documento, foram mapeados os bens culturais de acordo com o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC), contando-se 86 destes bens, que expressam as seguintes categorias: celebrações, edificações, formas de expressão, lugares e ofícios.

O relatório teve em vista, quanto às celebrações, a organização de aspectos amplos, todos ligados à religiosidade. Entre eles estão (celebrações e formas de expressão): Festa do Divino Espírito Santo, Tríduo do Divino, Missa Solene do Imperador, Romaria do Senhor do Bonfim, Ofício de Nossa Senhora, Festa de São João, Procissão de Nossa Senhora das Candeias, Festejos de Santos Reis, Festas de Nossa Senhora de Natividade, Festa de São Benedito e Semana Santa.

A escolha de aspectos ligados à religiosidade provavelmente deu-se partindo da noção de referência cultural, que se mostra natural à primeira vista; contudo, pensar esta referência implica, no que tange ao patrimônio, uma nova organização daquilo que o compõe. Na relativização desta composição, principalmente, pensou-se de outra forma a questão nacional, visto que a abrangência daquilo que é a cultura brasileira passou a ser pensada através da relação entre o local e o geral, entre 1930, das idéias e propostas de Mario de Andrade, e a constituição de 1988, quando os bens culturais de natureza imaterial passaram a compor o que se chama patrimônio.

Nota-se, contudo, neste primeiro levantamento, um caráter dado ao aspecto religioso demasiadamente ordenador da sociedade nativitana. As fichas de identificação das celebrações e formas de expressão não evidenciam a relação constante entre as formas

¹ **Relatório Final do levantamento preliminar de referências culturais**, p. 01

sagrada e profana destas manifestações. Não ficam claras nas fichas as inter-relações existentes entre as diversas celebrações, estas aparecendo muitas vezes, como eventos separados, mesmo sendo parte integrantes umas das outras.

A categoria celebrações do INRC prevê que as celebrações têm um caráter religioso e social (no que tange à sua organização civil, mostrando-se através da própria organização do calendário). Realiza-se, neste inventário, cuja primeira etapa é objeto deste relatório, o levantamento destas celebrações, observando os aspectos laicos presentes nestas manifestações como expressões da vida civil (e seus aspectos organizativos e constitutivos: os ofícios, o comércio, os trabalhos).

Nosso objeto principal de observação é a ourivesaria em filigrana feita na cidade de Natividade. Tal técnica é referência econômica de um grande número de habitantes da localidade, portanto, como quer a proposição braudeliana de observar a cultura material, a organização da própria coletividade converge para esta atividade. Assim, partir da lavra da filigrana até a festa do Divino é ao mesmo tempo voltar à filigrana para, então, se encontrar a constante elaboração da identidade cultural da coletividade.

A noção de referência cultural apresenta, desta forma, uma característica semelhante à que Braudel² formaliza, visto que na filigrana nativitana há, além do valor artístico e histórico, também o valor econômico, que, no presente, se mostra um pilar da coletividade. De acordo com o levantamento feito, os habitantes que hoje se ocupam e se dedicam ao ofício da ourivesaria abrange cerca de quinze pessoas que estão vinculadas às duas ourivesarias que existem na cidade, e são elas: a ourivesaria dos mestres Joaquim Valdés Carvalho – Mestre Val e Abisania Ferreira Gama – Mestre Bisa que tem hoje oito aprendizes e a ourivesaria dos mestres Jesumar Batista Borges e João Bosco Nascimento que tem hoje três aprendizes. Nestas mesmas oficinas fazem a comercialização das peças produzidas, a partir do ouro adquirido principalmente nos garimpos locais, localizados principalmente em Chapada da Natividade. A prata usada na filigrana, por sua vez é extraída do próprio ouro, que nem sempre é puro, e vem também da região da chapada dos veadeiros. Os garimpos de prata de Natividade hoje são escassos. O ouro tradicionalmente utilizado na filigrana é o ouro mil, mas em

² BRAUDEL, Fernand. Civilização material, economia e capitalismo. Séculos XV-XVIII. Tradução de Telma Costa, volume 3- O tempo do mundo. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

natividade os ourives fazem uso também do ouro 22 ou 24 que é diretamente extraído da terra. Maior detalhamento sobre estas questões será fornecido em próximo relatório.

A preocupação do presente projeto não é a de realizar um re-trabalho, mas a de organizar-se a partir da primeira etapa (a saber, o relatório apresentado em 2005), e evidenciar a presença constante da ourivesaria nos vários aspectos da cultura nativitana. Ao caracterizarmos os aspectos religiosos e civis entrelaçados mostramos a organização que os habitantes da localidade impõem-se, e o modo como os vários elementos da vida nativitana se entrecruzam.

A festa do Divino, como se sabe, possui um caráter religioso e popular, e estão envolvidos os personagens considerados autoridades na coletividade. Tal autoridade, contudo, não necessariamente está vinculada ao “lugar de mando” (cargos executivos da municipalidade, por exemplo), mas ao poder que emana do prestígio dentro da comunidade. Este prestígio não é, todavia, apenas financeiro, mas simbólico. Os personagens que promovem a festa do Divino derivam das relações de trabalho (urbano ou rural). É a celebração nativitana de maior cunho popular, com a participação de atores de todos os segmentos da sociedade. Duas outras celebrações também podem ser consideradas bastante significativas, a festa do Bonfim e a Festa da Padroeira, que se realizarão consecutivamente em agosto e setembro de 2007, e que serão melhor discutidas no projeto referente ao Registro da Ourivesaria em Natividade.

A festa do Divino Espírito Santo está presente em várias localidades brasileiras. Contudo, as festas apresentam especificidades nos diferentes lugares em que acontecem. No Brasil Central, a festa do Divino é de crucial importância. O Divino ocupa um lugar, muitas vezes, de “padroeiro” das localidades. A origem desta celebração no Brasil se dá com a mineração, mostrando, desta forma, um processo que liga as Minas Gerais a Goiás, historicamente falando. Seguindo, então, um caminho que poderíamos designar aqui como cultura aurífera, os festejos do Divino guardam uma identidade destes lugares e podem ser identificados os elementos que constantemente promovem a coesão social, a agregação da coletividade.

Em Natividade é possível perceber que o Divino se faz presente no cotidiano da vida das pessoas, por exemplo: ela se faz presente na ourivesaria dos Mestres Val e Bisa, por

meio de cartazes e da execução de peças em filigrana (fotos 1, 2, 3, 4); na oficina de mestre Jesumar (foto 5) , por meio da caixa, instrumento usualmente tocado nas folias colocado como enfeite na parede, ou mesmo pela execução de peças em filigrana; na casa das pessoas pela presença de cartazes e bandeiras do Divino (foto10), ou mesmo pelo uso freqüente de camisetas produzidas ao longo de vários anos no momento da folia; na camiseta de Dona Adelina a parteira (foto 9) ou mesmo no colar e anel da pombinha do Divino utilizada pelo ferreiro (fotos 6, 7, 8) ; na casa de Dona Romana que também tem em suas celebrações a saída da folia do Divino Espírito Santo (foto11) em paralelo a da Igreja Católica (essa discussão será aprofundada no relatório final); diversos exemplos mais poderiam ser dados. (Anexo 1 fotos³)

A festa do Divino, em Natividade, envolve a comunidade como um todo e a ourivesaria em filigrana está presente principalmente através do uso das peças relacionadas à festividade, na figura da pombinha. Esta imagem é produzida em diversas formas e tamanhos por artífices das duas ourivesarias de Natividade. Nestas festividades também podemos encontrar pessoas utilizando as demais jóias (foto12 a 18) em filigrana, que ora são utilizadas como forma de ostentação do poder econômico, assim como pelo poder religioso e simbólico das peças que possuem. (Anexo 1 fotos A⁴)

No estado do Tocantins, as festividades do Divino Espírito Santo se dão entre janeiro e julho, e, segundo o site www.portaldocidadao.to.gov.br, a cidade de Natividade mantém o caráter móvel da data de celebração⁵. As Folias do Divino saem no Domingo de Páscoa (08/04/2007), após a bênção das bandeiras que giram quarenta dias e retornam em um momento de grande festividade (17/05/2007). Tal momento é chamado de “a chegada da Folia” (quinta-feira da hora); há dez dias de recesso quando ocorrem, então, a esmola geral (26/05/2007) e as festas do Imperador (27/05/2007) e do Capitão do Mastro (26/05/2007).

Segundo o inventário de bens culturais (2005), a festa do Divino é caracterizada como:

³ As fotos referentes ao texto foram inseridas enquanto anexo 1 e estão também no CD de número 2 referente aos anexos

⁴ Idem

⁵ Segundo o site www.portaldocidadao.to.gov.br, são duas as cidades no Tocantins onde a festa do Divino é mais expressiva: Monte do Carmo e Natividade. Na primeira cidade, contudo, a festa adquiriu data fixa, aproximando-se da festa da Padroeira, em 16 de julho.

Uma das mais tradicionais que ainda continua bastante viva e a que mais envolve a sociedade nativitana. É uma devoção geral e bastante popular. É uma festa móvel e secular que tem no sentimento de colaboração, de agradecimento e de fé as suas maiores características. Cada ano são sorteados os festeiros do ano seguinte. Os devotos do Divino dão o seu nome ao *procurador da sorte* e na Missa Solene do Divino faz-se o sorteio escolhendo o Capitão do Mastro e o Imperador do ano seguinte. *É o fim e o início dos festejos*. As comemorações do Divino Espírito Santo têm início no domingo de páscoa, com a saída das folias e encerram no Domingo de Pentecostes, com a festa do Imperador. O Imperador tem a responsabilidade de organizar as três Folias: Folia de Cima; Folia dos Gerais e Folia do Outro Lado. Alguns devotos se oferecem para despacharem estas Folias, são os chamados *Despachantes*. São eles quem montam e financiam cada grupo formado por mais ou menos de 16 homens. Todos os anos a história se repete, envolvendo os nativitanos: saída, giro e pousos da Folia; encontro das Folias; esmola geral; festa do Capitão do Mastro; Tríduo; Cortejo Real; festa do Imperador; preparação das comidas e bebidas e sorteio do *novo império*.⁶

As formas de expressão inventariadas se referem principalmente a partes importantes que compõem a festa do Divino ou, de alguma forma, estão relacionadas a ela. Entre as formas estão: o Tríduo do Divino, a Missa Solene do Imperador, a festa do Imperador, o Levantamento do Mastro, a Festa do Capitão do Mastro, o Cortejo real (reinado), o Bendito, a Bandeira do Divino Espírito Santo. A catira faz parte de outra forma de expressão, as Folias (do Divino Espírito Santo), que são três: a Folia de Cima, a Folia dos Gerais, a Folia do Outro lado. Os instrumentos musicais em si não constituem forma de expressão. Para sua categorização devem ser contextualizados, ou seja, disposto como modo de fazer, ou como forma de tocar, por exemplo.

O estudo desta celebração do Divino e das formas de expressão ligadas a ela é fundamental para a compreensão do modo de viver do nativitano. A partir do levantamento realizado, neste inventário será evidenciado o papel que a ourivesaria possui nesta celebração não só seu papel histórico, visto que há uma relação intrínseca entre a festa e a cultura aurífera, mas pela presença e pela circulação dos indivíduos ligados ao ofício da ourivesaria.

⁶ Ficha nº. 1 do Inventário apresentado em 2005

Na investigação que compõe o reconhecimento do lugar, a manifestação festiva é crucial. Sem perder de vista o objeto do presente, da sociedade do presente, a citação abaixo é importante para termos em vista que o objeto deste inventário está nas origens da sociedade brasileira. Na composição da identidade nativitana estão as marcas construídas no tempo. A festa atualmente entrelaça passado e presente, e, quanto, especificamente, à festa do Divino podemos identificar o que é próprio da sociedade colonial e o que permanece na pós-colonial. Segundo Íris Kantor e István Jancsó:

O que durante séculos foi uma constante, ganhou nova magnitude na América portuguesa quando a descoberta do ouro em Minas representou um novo momento do processo colonizador, correspondendo à plenitude do regime de festividades barrocas nos principais centros urbanos de então. [...] Inseridas na lógica da cultura política do Antigo Regime, as pessoas recebiam, davam e retribuía nas ocasiões festivas, pondo em circulação solidariedades, mercadorias, os costumes e as regras que orientavam a vida social. [...] Como é sabido, a colonização constituiu-se em empreendimento de sucesso multissecular, dotado de enorme capacidade de adequação de meios a objetivos. Hoje percebe-se com crescente nitidez que essa adaptabilidade resultou em complexas formas de sociabilidade expressando tanto os limites da eficácia dos paradigmas metropolitanos, quanto revelando a necessidade de recurso àqueles paradigmas, recurso insubstituível para conferir consistência aos fundamentos ideológicos da colonização. Esse problema, que é parte constitutiva de toda indagação historiográfica que contempla a formação da nação brasileira, encontra na interseção da cultura e das práticas festivas (necessariamente codificadas) promissor terreno para seu melhor entendimento.⁷

Não cabe neste inventário a realização de trabalho específico sobre a sociedade colonial, mas o levantamento das fontes primárias pontua as formas de organização material da sociedade que aqui se organizou. Ouro e bois, populações autóctones e colonos concretizam a interiorização do território, e, a partir do século XVIII, vários arraiais e vilas são fundados ao longo dos rios, caminhos naturais dos exploradores.

Assim, as formas de expressão inseridas na Festa do Divino Espírito Santo informam sobre a trajetória do espaço que se forma a partir da cultura aurífera. A medalha do símbolo do divino, a pomba, está no pescoço do folião que dança a catira nas expressões denominadas Folias (de Dentro, dos Gerais e do Outro Lado). O trajeto feito pelas três

⁷ JANCSÓ, I. e KANTOR, I. (org) **Festa**. Cultura e sociabilidade na América portuguesa. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa oficial, 2001, p. 11.

folias evidencia esta relação, bem como a relação com o conceito do julgado⁸ de Natividade que será abordado no próximo relatório, por estar relacionado à definição do sítio. Usualmente três são as Folias do Divino: A Folia dos Gerais que tem como trajeto: chapada de Natividade, Cangas, Santa Rosa, Silvanópolis, Ipoeiras, Morro de São João, Apinagé e os diversos pousos nas fazendas; A Folia de Cima que tem como trajeto: Bonfim, Barra, Almas e Jacompinha; A Folia do Outro Lado que tem como trajeto São Valério e Príncipe.

As entrevistas realizadas na primeira fase do trabalho (2005) não trazem, segundo as fichas de identificação, a dimensão do tempo nas manifestações culturais. A expressão “muito antigo” passa a significar o passado que não pode ser classificado pela cronologia. A memória toma lugar do primitivo.

No presente trabalho, os cidadãos nativitanos foram entrevistados em razão de sua participação na vida da coletividade. Foram entrevistadas lideranças locais, detentores de memória, pessoas envolvidas direta ou indiretamente com as cinco categorias relacionadas pelo INRC, ou vinculadas ao ofício da ourivesaria. O objetivo é realizar um histórico da ourivesaria em Natividade, do processo de confecção das jóias bem como a construção de uma breve genealogia (será trabalhada no próximo relatório) dos principais ourives. Os roteiros elaborados encontram-se no item D deste relatório.

O sítio, as edificações e os lugares.

A identificação do sítio, no relatório final apresentado em 2005, se dá em primeiro lugar através da apresentação geográfica do lugar, e, tomando como base os dados do IBGE e do Plano Diretor (2005), há as informações a respeito da densidade demográfica do

⁸ No tempo colonial as comarcas da capitania brasileiras e, notadamente a de Goiás eram subdivididas em Julgados. A de Natividade tinham algumas sub-regiões como Chapada da Natividade áreas sob a jurisdição do Juiz Municipal do arraial e minas da Natividade, que compreendia quase toda a região norte da capitania. E através de Carta Régia de 1809, e por Decreto Provincial, a Capitania de Goiás foi dividida em duas Comarcas: a do Norte e a do sul. A Comarca do Norte, com correição da Comarca de São João das Duas Barras, compreendeu oito Julgados: Porto Real, Natividade, Conceição, Arraías, São Félix, Cavalcanti, flores e Traíras. A Comarca do Sul, com sede em Vila Boa, recebeu o nome de Comarca de Goiás e compôs-se de seis Julgados, sujeitos à correição da mesma Comarca: Vila boa, Crixás, Pilar, Meia Ponte, Santa Luzia e Santa Cruz.

lugar, bem como o traçado correspondente ao crescimento da cidade⁹. De acordo com a ficha 10, referente aos marcos edificadas temos o seguinte:

Em conversa informal com os nativitanos, na busca de suas referências para os marcos edificadas, tivemos com maior frequência citados os seguintes locais: *Praça da Bandeira* - Antigo Pelourinho, Correio, Câmara Municipal. *Praça Leopoldo de Bulhões* - Museu, Casa de Câmara e Cadeia, atual sede da Polícia Militar, estão sendo restaurados nesta praça o Centro de Artesanato e Apoio ao Turista e também o Museu. *Praça São Benedito* - Ourivesaria do Mestre Wal, Casa de Cultura, Biblioteca Municipal e parte da Secretaria de Turismo. Antigamente era residência de Benício Nunes, já foi Escola e antes de ser Casa de Cultura foi uma Cooperativa. Na década de 60 o Prefeito Sebastião Antônio Araújo comprou o imóvel e implantou a Casa de Cultura. *Praça da Matriz* - antiga residência do Ouvidor, casa de Dona Naninha (biscoito Amor-Perfeito). *Largo do Rosário* - ruínas que é o ícone maior da cidade e o Programa Monumenta. *Rua Delcleciano Nunes* - onde está concentrado o maior número de Casarios históricos, hoje lá se instalou também a sede definitiva do IPHAN. *Rua dos Cruzeiros* - foi dita como descaracterizada, pois os moradores a chamam de Rua da Cirrose, nela se concentra hoje, um grande número de barzinhos, que tirou-lhe o aspecto bucólico. *Posto do César hoje atual Restaurante do César* - hoje os jovens estacionam no local, ligam o som dos carros e ficam “curtindo” uma música e namorando. Os becos não são por eles visto como espaço que deva ser muito comentado, citaram seus nomes sem maiores marcos, por exemplo: Beco Tia Naninha, Beco Tia Cora e outros nem nomes deram.

A partir das informações contidas nesta ficha, temos uma interpenetração de duas categorias, “lugares” e “edificações”. Se como “lugares” supõem-se os “espaços apropriados por práticas e atividades de natureza variada”¹⁰ as edificações partilham deste sentido. Tomando a categoria do INRC “edificações”, as construções são o seu componente. Provenientes de uma concepção que inaugura a política de patrimônio no Brasil, a “pedra” e o “cal” são estes lugares onde passado pode ser identificado através de suas marcas concretas, em estado de objeto material. Contudo, o objeto material desta categoria é pleno de sentido de memória, que foi atribuído ao longo do tempo pela coletividade. Assim, as edificações cumprem o papel de “lugares de memória”, na concepção de Pierre Nora.¹¹

O tombamento contribui na busca da preservação do patrimônio material, contribui de modo fundamental para a preservação do patrimônio imaterial e possui assim uma grande importância na manutenção dos festejos tradicionais. O ambiente físico, em si, com suas ruas estreitas e seu casario facilita a resignificação das expressões imateriais.

⁹ Ficha 10; Ficha de identificação do sítio, 4.3 “marcos edificadas”.

¹⁰ Idem

¹¹ NORA, Pierre (dir). Les lieux de mémoire. Paris: Gallimard, 1997.

Remete o imaginário aos que estiveram antes no local, erigindo a igreja de pedra (realizando quais cultos dentre aquelas paredes?), percorrendo as vielas, as trilhas da mineração na serra. Provoca a constante busca de reviver, cada ano a seu modo, o passado que ecoa em forma de cantorias, danças, cores, suores. As ruas e largos de Natividade foram e continuam sendo o melhor cenário para a comemoração de datas relevantes para sua comunidade.

Levantamento das edificações

Igreja da Matriz - Datada de 1759, já sofreu algumas alterações no seu interior e fachada. Nela se encontra a imagem de Nossa Senhora da Natividade, santa Padroeira do Estado do Tocantins. A igreja possui dois sinos em bronze datados de 1858.

Igreja do Rosário dos pretos – A igreja é toda em pedra; possui os arcos da entrada central feitos com grandes tijolos coloniais. Construída pelos escravos, ficou inacabada. Obra de admirável arquitetura. “Superaria as demais igrejas da capitania do Norte de Goiás se tivesse sido terminada”, escreveu Johan Emanuel Pohl, em 1819.

Prédio da Antiga Cadeia Pública – Ainda apresenta características originais da sua construção. Possui janelas e portas de largas, grades e enormes portais em madeira. Quando da passagem da “Coluna Prestes”, em 1925 e 1926, seus presos foram soltos pelos membros da Coluna. Foi restaurada em 1996 e se tornou Museu Histórico Municipal.

Casa do Sr. Salvador José Ribeiro (ten. Salvador) - Foi sede da primeira escola pública de natividade, nos anos de 1831 – Grupo Escolar D. Pedro II, e teve como primeira professora Georgiana Viana Torres.

Ruínas de São Luis – Local do antigo povoado no alto da Serra de Natividade, rico em buracos de garimpos de ouro, marca o início da história da atual cidade, onde também se encontra a Lagoa Encantada, construída pelos escravos.

Igreja de São Benedito – De características coloniais, conserva o sino original e a estrutura do primeiro altar.

No atual inventário o procedimento será o de continuar o trabalho de levantamento das edificações. Através do confronto com materiais fotográficos ou desenhos antigos será feita a indicação das construções que sofreram alterações, como reformas, e, assim, passaram a ter destinações diferentes, como antigas residências que passam a abrigar estabelecimentos comerciais. Em alguns casos, ainda, há a ocupação dupla: residência e comércio no mesmo espaço.

B. Treinamento da equipe do projeto realizado em março de 2007

O presente item se refere ao treinamento da equipe na metodologia do INRC. Deste item constam dois subitens:

a. Explicação do treinamento com as atividades realizadas nos dias 01 e 02 de março de 2007-07

b. Roteiro pormenorizado das atividades

Nos dias 01 e 02 de março de 2007, realizou-se, na cidade de Natividade, no estado do Tocantins, o treinamento na metodologia do Inventário Nacional de referências Culturais (INRC) para a equipe técnica envolvida nos Projetos “Instrução Técnica do Processo de Registro da Ourivesaria em Filigrana em Natividade/TO” e “Estudos para o Registro da Ourivesaria no município de Natividade/TO/Registro”.

Neste encontro estiveram presentes a equipe técnica do projeto (pesquisadores e alunos monitores), técnicos do IPHAN da 14ªSR/IPHAN e do Departamento de Patrimônio Imaterial do IPHAN – DPI, técnicos da Fundação Cultural do TO e alguns membros da comunidade nativitana, que trabalham com a valorização e preservação dos saberes e fazeres da cultura material e imaterial local. Estiveram também presentes o Prefeito Albany Nunes Cerqueira, o secretário da Cultura, Turismo e Juventude Hélio Aires Ribeiro, a Secretária de Educação Tânia das Mercês Nunes Cerqueira, momento no qual o prefeito deixou evidente seu interesse para com o trabalho, bem como seu compromisso em contribuir para com o desenvolvimento da pesquisa.

O treinamento foi realizado pelos técnicos do Departamento de Patrimônio Imaterial do IPHAN – DPI: Marcos Vinicius Garcia e Daniel Cardoso. O objetivo deste encontro foi

treinar os participantes do projeto na metodologia do Inventário Nacional de referências Culturais – INRC, para sua aplicação na cidade de Natividade.¹²

No período da manhã do dia 01/03 os participantes se apresentaram, cada um expondo seu envolvimento e sua expectativa em relação ao projeto. Após a apresentação foram discutidos os objetivos do trabalho evidenciando-se a integração existente entre os dois projetos. Foi feito também, neste momento, um breve histórico acerca da cidade de Natividade e de sua importância no contexto do Estado de Tocantins. Apontaram-se as possibilidades de visita a locais e a pessoas da cidade no sentido de enriquecer o encontro/treinamento.

12 De:	"ivana medeiros" <ivcavalcante@hotmail.com>  Ver detalhes do contato
Para:	smflima@yahoo.com.br
Assunto:	INRC e registro - Natividade
Data:	Fri, 23 Feb 2007 14:45:41 -0300

Olá Sandra,

Sou a Ivana, a historiadora da 14ª SR IPHAN, que irá acompanhar o desenvolvimento dos projetos de finalização do INRC de Natividade e do registro da ourivesaria. Falei com você essa semana. Estou entrando em contato para informar que também irei ao treinamento que o DPI realizará em Natividade. Meus horários de vôo são próximos aos do Marcos Vinícius (DPI), de forma que possamos ser conduzidos pelo mesmo transporte de Palmas a Natividade. Fui informada aqui que esse transporte seria providenciado pela FAPTO e gostaria de saber, mais precisamente, qual o horário que se dará a viagem Palmas - Natividade. Quanto ao material já produzido nas etapas anteriores do INRC, estou vendo por aqui as possibilidades de disponibilizá-lo. Informo que não há recurso do IPHAN para reproduzi-lo e que não temos cópia do material videográfico. O empréstimo teria que se dar mediante a assinatura de um termo de responsabilidade. Aguardo contato. Atenciosamente, Ivana

A equipe apresentou o Inventário Nacional de referências – INRC 2000 - Manual de Aplicação apontando a forma de se ler o INRC evidenciando-se os aspectos mais relevantes do que seria um Inventário de Referências Culturais. Destacou-se também a importância do levantamento preliminar para a estruturação de uma proposta de trabalho na qual se viabilizasse uma discussão referente à história do município, visando estabelecer uma linha do tempo relacionada a fatos marcantes e à sua repercussão no contexto atual de vida da comunidade.

Neste mesmo dia foi entregue à equipe técnica responsável pelo trabalho uma cópia do Manual de orientação sobre como fazer o inventário. Neste documento fica evidente a relevância da discussão acerca da concepção de sítio, visando contribuir para com o entendimento do conceito etimológico de inventário e das cinco categorias metodológicas que as compõe, sendo elas: celebrações, formas de expressão, ofícios e modos de fazer, edificações, lugares. Os técnicos do DPI chamaram atenção para a importância do mapeamento dos modos de apropriação prática e simbólica do espaço, delimitação do universo pesquisado. Neste contexto foram apresentados vídeos de trabalhos desenvolvidos por outras equipes: São Gonçalo do Rio das Pedras – 1980, Retrato da Cidade de Goiás – 1999, MADE e JONGO, que foram trabalhados como subsídios para discussões acerca do papel do sujeito local, refletindo sobre a comunidade e colocando a comunidade a refletir sobre o seu papel social, econômico, político e cultural na efetivação dos projetos de inventário e registro dos bens culturais de uma localidade. A partir desses dados inicia-se o levantamento preliminar das fichas, tendo inicialmente a identificação do sítio e localidades.

A socialização e a discussão dessas questões aconteceram durante os dois dias. O ponto central das discussões foi o enfoque na preservação do patrimônio material e imaterial na perspectiva da socialização, refletindo sobre o olhar dos profissionais inventariadores na ressignificação do passado no intuito de mantê-lo vivo no presente.

Para compreensão legal do Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial também foi analisado o significado de patrimônio material e patrimônio imaterial, estudo sustentado ainda pelo Decreto 3.551/2000, que trata das Populações Tradicionais e pela Resolução n 001 de 03 de agosto de 2006, que trata do que seja bem cultural e dos procedimentos a serem observados na instauração do processo administrativo do

Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial. Questão bastante ressaltada no encontro foi o Impacto e as Repercussões que Projetos como este podem ter em Natividade – em que melhora, piora para a cidade, a memória, a dinâmica da pesquisa, a divulgação e o retorno da mesma.

No dia 02/03 foi sugerido pelos técnicos do DPI que a equipe procurasse construir uma Cartografia da Ourivesaria em Natividade, evidenciando apenas os aspectos mais relevantes presentes na comunidade. No sentido de justificar o processo de registro da filigrana em ouro e prata. Assim ficou acordado entre os técnicos do DPI, a equipe técnica dos projetos e a técnica responsável pela 14ªSR/IPHAN que os projetos seriam tratados enquanto um corpo único, enquanto um projeto que teria como função inventariar o sítio de Natividade e encaminhar, a partir daí, o processo de Registro da Filigrana em ouro e prata. Neste momento foi discutida também a necessidade de uma dilatação de prazo para os dois projetos, tendo em vista que o treinamento foi realizado dois meses depois do prazo em que seria a data inicial dos projetos. Discutiu-se também a possibilidade de que os produtos dos projetos fossem encaminhados de forma única, já que muitos de seus resultados seriam redundantes.

Evidenciou-se também que para darmos prosseguimento ao projeto seria necessária uma discussão ampliada, por parte da equipe técnica do projeto, acerca das categorias propostas pelo INRC, visando compreender as inter-relações presentes nas formas de expressão, ofícios, edificações, lugares, celebrações e o cotidiano da comunidade. Ficou evidente também a importância de se fazer um levantamento dos atores detentores de consciência social, no sentido de resgatar os elementos de domínio público visando compor a micro cultura das cidades. Diz Marcos Vinícius do DPI que “esta realidade é composta por elementos do cotidiano que muitas vezes podem não parecer significativos, mas que traduzem, na verdade, o cotidiano da vida das pessoas”. Destacamos assim, que esta foi a principal razão da equipe priorizar determinadas manifestações, ou ofícios, ou formas de expressão, ou edificações, ou lugares.

No final do encontro do dia 02/03 visando uma maior integração dos participantes do treinamento, com a comunidade local, foi feita uma visita de todo grupo ao cemitério da cidade, às ruínas da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e a casa da boleira Dona Naninha. A partir daí, a equipe se despediu.

ROTEIRO PARA TREINAMENTO DO INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS – INRC. Natividade - TO¹³

**Departamento do Patrimônio Imaterial/IPHAN
MARÇO - 2007**

Técnicos: Marcus Vinícius Carvalho Garcia e Daniel Barbosa Cardoso

Dia 01/03/2007 – Quinta-Feira

Manhã

- Reunião preliminar com coordenadores e responsáveis pelo inventário.

Tarde

- O Departamento do Patrimônio Imaterial/IPHAN - Organização e Atribuições.
- Os novos instrumentos de preservação do patrimônio cultural – o INRC e o Registro – suas categorias organizadoras, suas características complementares e sua relação com o Tombamento.
- Debate.

Dia 02/03/2007 – Sexta-Feira

Manhã

- Historicidade do INRC: experiências anteriores desenvolvidas nas cidades históricas do Serro/MG, de Diamantina/MG e de Goiás/GO.
- INRC e suas etapas de desenvolvimento: Levantamento Preliminar, Identificação e Interpretação.
- Apresentação do vídeo “Retrato Primeiro – Cidade de Goiás”, como exemplo de mapeamento de referências culturais em seu contexto cultural amplo.
- Debate

¹³ Este roteiro foi apresentado pelos Técnicos do DPI Marcus Vinícius Carvalho Garcia e Daniel Barbosa Cardoso do Departamento do Patrimônio Imaterial/IPHAN - MARÇO - 2007

Tarde

- O contexto cultural e as referências indicadoras dos bens a serem inventariados.
- Procedimentos de campo e sistematização do Inventário nas Fichas de Identificação dos bens culturais. Apresentação INRC do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP/IPHAN.
- Debate

(sugestão do técnico do Iphan)

- Visita a algum local de relevante interesse para o inventário. Ex: oficina ou associação de artesão, lugar referencial (feira, museu, etc), conversa com algum mestre de expressão cultural, etc.

C. Levantamento de fontes primárias e secundárias

O levantamento de fontes primárias e secundárias foi planejado e segue duas linhas principais.

A primeira é o mapeamento dos atores sociais importantes na comunidade. Fez-se uma primeira perquirição para que se observassem quais personagens estão inseridos mais especificamente na ourivesaria (os artífices) e quais estão mais voltados para as outras manifestações.

A segunda é o mapeamento de registros documentais, oriundos da vida civil. São eles especificamente, para o caso de Natividade, testamentos e inventários. Ainda nesta parte do levantamento estão na bibliografia e a parte cartográfica, que faremos uma explanação mais detalhada abaixo.

Registros orais. A memória, o indivíduo e a coletividade.

De acordo com o projeto que tem como objetivo a realização do inventário, temos que a memória, e, aqui, portanto, conhecida através da fala dos membros da comunidade informa a respeito da construção identitária da coletividade. A relação entre o indivíduo e o grupo revela, a partir dos lugares de onde se emitem os significados, a construção constante da trama social. O método biográfico, de acordo com a definição do Laboratório de História Oral da Unicamp (LAHO), “é o registro da história de vida dos indivíduos que, ao focalizar suas memórias pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social a que pertencem”¹⁴.

As formas de rememorar fatos e de armazenar informações sofreram mudanças com o surgimento da escrita. Diferente do homem primitivo, que se sociabilizava e armazenava informações por meio de repetições, mitos e representações, o homem letrado foi capaz de reconstruir, de forma retrospectiva, o tempo da história. A memória apresenta-se disponível, catalogada e comparável: “o saber deixa de ser apenas aquilo

¹⁴ www.centrodememoria.unicamp.br/laho

que me é útil no dia-a-dia, o que me nutre e me constitui enquanto ser humano membro desta comunidade. Torna-se um objeto suscetível de análise e exame” (LÉVY, 1993)¹⁵.

Para Halbwachs (1990)¹⁶, pertencer a um determinado grupo é condição primordial para o registro da memória, que é tratada pelo autor como um fenômeno de natureza social. A coletividade vai influir na formação da memória individual, que sofre mudanças conforme o lugar que o indivíduo ocupa, por ser um ponto de vista sobre a memória coletiva. Assim, cada sociedade recorta o espaço a seu modo, de forma a constituir um quadro fixo onde encerra e localiza suas lembranças.

Assim, na primeira etapa de reconhecimento do sítio, os indivíduos indicados para as entrevistas foram:

c.1. Entrevistas que foram realizadas e em processo de gravação¹⁷

- 1) Entrevista com Simone Camelo – representante do Monumenta da ASCUNA e folião da Festa do Divino 16/01 – Sandra
- 2) Entrevista com Lula – folião –14/03 Sandra /Jocyléia
- 3) Entrevista com Faraildes – funcionária da Igreja de São Benedito 14/03 Sandra /Jocyléia
- 4) Entrevista com Marião – figura folclórica da cidade 14/03 Sandra
- 5) Entrevista com Flávio Pereira de Sousa – guia turístico 14/03 Sandra /Jocyléia

¹⁵ LÉVY P. **As Tecnologias da Inteligência** – O Futuro do pensamento na Era da Informática. São Paulo: Editora 34, 1993.

¹⁶ HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

¹⁷ Anexo 2 - DVD com o áudio das entrevistas realizadas, as transcrições e discussão sobre seu conteúdo serão resultado do próximo relatório.

- 6) Entrevista com Padre Joatan Bispo de Macedo – Pároco da cidade 14/03 – Sandra /Jocyléia
- 7) Entrevista com Romana Pereira da Silva – Centro Bom Jesus de Nazaré (Tia Romana) 15/03 –Sandra
- 8) Entrevista com João Bosco Nascimento – ourives - diversas Sandra /Jocyléia 15/03
- 9) 10) 11) Entrevista com D. Coracy/filha do ourives Bernardino de Souza Fernandes 07/04 Sandra
- 12) Entrevista com Padre Joatan Bispo de Macedo – Pároco da cidade – 07/04 Sandra
- 13) Entrevista com Júlia Ferreira de Jesus- dança Sússia 08/04 Sandra
- 14) Entrevista com Romana Pereira da Silva – Centro Bom Jesus de Nazaré (Tia Romana) – 08/04 Sandra
- 15) 16) Entrevista com Augustim 08/04 Sandra
- 17) Entrevista com Natividade Batista de Oliveira e Francisco da Silva - 08/04 Celso Bastos
- 18) Entrevista com Belarmino Romão Ferreira – Catireiro 08/04 Sandra
- 19) Entrevista com Alarico Suart – escrivão do Cartório de Natividade - idoso – testemunha ocular 10/04 Jocyléia
- 20) Entrevista com Joaquim Valdés Carvalho – Mestre Val - Ourives 10/04 Sandra
- 21) Entrevista com João Bosco Nascimento – ourives - Sandra – 10/04
- 22) Entrevista com Abisania Ferreira Gama – Mestre Bisa – ourives 10/04 Sandra
- 23) Entrevista com Joaquim Rodrigues Cerqueira – Sr Quincas – contador de histórias 10/04 Jocyléia
- 24) Entrevista com João Bosco Nascimento – ourives - diversas Sandra – 10/04
- 25) Entrevista com Jesumar Batista Borges – ourives – org. festa - - diversas Sandra /Jocyléia 10/04 e 11/04

- 26) Entrevista com Coquelino da Viola – Coquelino Soares Cardoso = 11/04 Sandra
- 27) Entrevista com Leôncio – cidadão nativitano 11/04 Sandra
- 28) Entrevista com Antonio Rocha/ Neto do Ourives Antonio Nunes 11/04 Sandra
- 29) Entrevista com Ana Benedita de Cerqueira e Silva - Tia Naninha Biscoiteira 11/04
- 30) Entrevista com Durval – Ferreiro 11/04 Sandra
- 31) Entrevista com Adelina – Parteira 11/04 Sandra
- 32) Entrevista com Minervino – folião beira rio 11/04 Sandra
- 33) Entrevista com Sr Moisés – contador de histórias 11/04 Sandra
- 34) 35) Entrevista com Ana Benedita Cerqueira e Silva – Naninha (boleira) – 20/04 – Eunice / Hueberson
- 36) Entrevista Valcy Sales Dias – despachante de folia 21/04 Eunice/Hueberson
- 37) Entrevista com Joaquim Rodrigues Cerqueira – Sr Quincas – contador de histórias 21/04 Eunice/Hueberson
- 38) Entrevista com Francassio Gonsavél de Calvario – Zé Folgado - folião 17/05 - Sônia / Valdirene
- 39) Entrevista com Simone Camelo – 18/05 - Sandra / Valdirene / Sônia
- 40) Entrevista com Padre Joatan Bispo de Macedo – Pároco da cidade – 18/05 – Sandra / Valdirene/ Sônia
- 41) Entrevista com Laudelina do Carmo Costa – bordadeira – 18/05 – Sandra / Valdirene
- 42) Entrevista com Ailton de Paiva Moreira – Darley – folião 18/05 – Sandra / Valdirene / Sônia
- 43) 44) Entrevista com Bolivar Araújo – alferes – 18/05 - Sandra
- 45) Entrevista com Tânia – Imperatriz da festa do Divino – 18/05 - Sandra / Valdirene

- 46) Entrevista com Tânia das Mercês Cerqueira - secretária da Educação - 18/05 - Sandra / Sônia
- 47) Entrevista com Benjamin Lourenço Rodrigues – ourives (aprendiz) - 11/06 - Eunice
- 48) Entrevista com Orleidi Sérgio Pinto de Carvalho - ourives (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 49) Entrevista com Deivison Rodrigues Costa – ourives (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 50) Entrevista com Fidelino de Souza Magalhães – ourives (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 51) Entrevista com Sadam Mendes Roberto – ourives (aprendiz) – 11/06 – Eunice
- 52) Entrevista com Ernani Pereira de Menezes – ourives (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 52) Entrevista com José Leal Pereira da Silva – ourives - (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 54) Entrevista com Uardo Moreira da Cunha – ourives - (aprendiz) – 11/06 - Eunice
- 55) Entrevista com Silvana Amaro Calisto de Souza – ourives – 11/06 – Eunice
- 56) Entrevista com Ailton de Paiva Moreira – Darley – folião 11/06 - Eunice
- 57) Entrevista com Flávio Pereira de Souza – guia turístico – 11/06 - Eunice
- 58) Entrevista com Cazimiro Nunes da Costa – benzedor – 12/06 - Eunice
- 59) Entrevista com Nair Nonato Pinto De Cerqueira – boleira – 12/06 - Eunice
- 60) Entrevista com Maria Helena Araújo – faz licores – 12/06 - Eunice
- 61) Entrevista com Alarico Suart – escrivão do Cartório de Natividade - idoso – testemunha ocular 11 / 06 – Eunice
- 62) Entrevista com Eloizo Alves da Silva – ourives – 12/06 - Eunice

c.2 Registros fotográficos - Raphael Mendes - acompanhados por Sandra Maria Faleiros Lima¹⁸

Registros fotográficos da festa do Divino:

- 1)- Procissão de sexta feira da paixão- Grande Via Sacra – 06/04
- 2)- Missa da Páscoa com a benção das bandeiras – 07/04
- 3)- Jantar da saída da folia – saudação pelas folias ao imperador – 07/04
- 4)- Início da Festa do Divino: saída das folias da Igreja Católica – 08/04 – tarde
- 5)- Saída das folias de D. Romana - 08/04 – manhã – almoço comemorativo

Fotos de pessoas e lugares:

- 6)- Registros da duas ourivesaria – Jesumar e do Val e bisa bem como do processo de trabalho envolvido na confecção das jóias em filigrana 09, 10, 11/04
- 7)- Cachoeira Paraíso 06/04
- 8)- Edificações em geral
- 9) - Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos – várias
- 10)- Dona Naninha – biscoitos foram feitas fotos também de seu esposo 11/04
- 11)- Durval – ferreiro 11/04
- 12)- Coquelino da Viola e violinha de buriti – Coquelino Soares Cardoso 10/04
- 13)- D, Adelina – parteira 10/04
- 14)- Sr. Messias – contador de histórias 10/04
- 15)- Leôncio – idoso da cidade 10/04
- 16)- Padre Joatan Bispo de Macedo – Pároco da cidade 06/04

¹⁸ Anexo 3 - DVD contendo amostra do registro fotográfico vem sendo desenvolvido, maior discussão será apresentada no próximo relatório.

- 17)- D.Coraci – filha do ourives - Bernardino de Sena 07/04
- 18)- Antônio Rocha – neto do ourives – Antônio Nunes 10/04
- 19)- Dona Romana – liderança religiosa local. 08/04
- 20) Foi fotografado também o fole que foi do ourives Antonio Nunes 10/04

Testamentos, inventários, registros fotográficos e mapas

A segunda dimensão documental se refere aos testamentos, inventários, registros fotográficos e mapas, e, na etapa em que se encontram os levantamentos foram arrolados os seguintes documentos:

Testamentos e inventários foram organizados em 27 pacotes, e estão divididos em três períodos: 1800 a 1812; 1812 a 1818 e 1818 a 1833.

Os documentos foram identificados e estão sendo transcritos pelos estagiários Ângela, Wátila, Conceição e Valéria, que trabalharam sob orientação da professora doutora Juciene R. Apolinário. Os documentos estão em péssimo estado de conservação o que exige cuidados especiais para o seu trato. O objetivo deste levantamento é investigar como a cultura do ouro se organiza neste período de tempo. O recorte temporal restrito ao século XIX nesta documentação se deu devido às condições materiais da documentação cartorária. Documentos relativos ao século XVIII hoje são apenas notícias de seu desaparecimento. Anexos 4¹⁹ e 5²⁰

Sorte melhor tiveram os documentos que fazem parte do Projeto Resgate feito com a documentação do Arquivo Ultramarino sobre o Brasil. O AHU (Arquivo Histórico Ultramarino) é composto por cerca de 250 mil documentos referentes à administração das 18 capitanias do Brasil entre os séculos XVI e XIX. O Arquivo Ultramarino possui uma importância crucial (e, principalmente, o acesso à documentação), visto que, a partir de 1642, quando Portugal se separou da Espanha, foi criado o Conselho

¹⁹ Anexo 4 - primeiro relatório referente às fontes documentais (testamentos e inventários).

²⁰ Anexo 5 - fichas referentes à identificação dos documentos cartoriais (testamentos e inventários)

Ultramarino, cujo papel era o de controlar das atividades da colônia. Por lá passaram todos os documentos despachados por reis, vice-reis, governadores gerais do Brasil e das capitanias.

A pesquisa realizada no Arquivo Histórico Ultramarino, que segue em anexo neste relatório, está ainda em formato de levantamento e não de reflexão e aprimoramento no que tange ao uso das categorias do INRC. A pesquisa se traduz no arrolamento dos documentos referentes ao que hoje é o estado do Tocantins, antiga parte de Goiás, e este, por sua vez, antiga Província de Goiás (Goiaz, Goiazes), e, anteriormente, Capitania de Vila Boa. Nos documentos pesquisados nota-se a interiorização do Brasil, o enfrentamento constante dos colonizadores com os índios, a descoberta do ouro e a organização da economia em torno da mineração (anexo 6).

Ainda na dimensão documental, além da pesquisa no Arquivo Ultramarino, está sendo feito o levantamento na Casa dos Contos, em Ouro Preto, Casa do Pilar e Casa Setecentista em Mariana, no estado de Minas Gerais. A preocupação inicial que tivemos foi o levantamento sobre a mineração e a cultura do ouro nas bibliotecas desses centros de documentação.

A bibliografia referente ao que aqui estamos denominando cultura do ouro encontra-se em formato de fichas, de acordo com as categorias propostas pelo INRC, e está no último item deste relatório.

Na busca documental os mapas também têm se mostrado uma importante fonte de informações sobre a formação da região. Os dados se relacionam ao conhecimento do território (e aí se incluem as informações dos viajantes cientistas e dos viajantes que são incumbidos do conhecimento das fronteiras) e a conquista do espaço, com a fundação de vilas e arraiais. Os mapas estão sendo pesquisados principalmente na Biblioteca Nacional e na Biblioteca de Obras Raras da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Os mapas ainda não foram tratados e temos como objetivo a análise da construção do caminho do ouro, e apenas alguns seguem (partindo de um bastante recente da cidade de Natividade). No relatório referente à etapa 2 eles serão organizados e a fundação de vilas e cidades na região de Goiás será o ponto para se mostrar a fixação dos habitantes e a permanência da ourivesaria como forma econômica. (anexo7)

D. Elaboração de roteiros

Roteiro de Trabalho sobre os lugares:

Os objetivos abaixo relacionados têm em vista a reflexão que tem norteado a equipe, no que se refere à pesquisa sobre os lugares, para o preenchimento das fichas de acordo com o INRC.

1. Análise dos documentos cartoriais, no intuito de cruzar as informações sobre os lugares significativos de Natividade;
2. Análise das entrevistas degravadas sobre os lugares significativos para os nativitanos; Visita de campo para aprofundar os estudos INRC/2005 sobre os lugares significativos dos nativitanos;
3. Análise do Plano Diretor de Natividade para a compreensão da ressignificação dos lugares históricos de Natividade, ou seja, como a cidade se vê hoje.
4. Análise do Material do Tombamento de Natividade, visando verificar de que modo os lugares se colocam, bem como se a ourivesaria é pontuada.
5. Aprofundamento no desenvolvimento da concepção de sítio de Natividade e relacionando historicamente ao Julgado do século XVIII, principalmente através das manifestações religiosas que ainda mantêm um relacionamento estreito com esta concepção.

Roteiro de Trabalho Complementar sobre as edificações:

1. Ruínas da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos

Por que esse nome? O que a caracteriza como edificação? Existe uma planta? Quem a construiu? Por que? Quem a freqüentava? Qual a importância dessa edificação? Tem registro de missa nessa igreja?

2. Quanto aos casarios

Qual a relação entre morar nesses casarios e a filigrana?

Algum mestre ourives morou ou mora nesses casarios?

Nomes dos mestres/ourives que habitaram em algum desses casarios?

O desenho da fachada indicava a origem da família?

Qual a relação dos casarios com o ciclo do ouro?

Quais as representações sociais a eles associadas?

Existem narrativas a eles associadas?

Quais os usos que tiveram ao longo do tempo? E hoje como é?

Qual a relação do desenho do formato das fachadas com o período de sua construção?

3. Antiga Cadeia Pública

Qual a relação com a ourivesaria/ouro e os detentos que por lá passaram?

É possível estabelecer alguma relação nesse sentido?

Qual importância tem para a história de Natividade?

4. Casa de Cultura

Relação entre a cultura e a ourivesaria

Paço Municipal - antiga Prefeitura

Relação com o ouro com impostos e sua repercussão na história da cidade.

5. Igrejas:

São Benedito; Matriz; Relação entre a fé, o divino, o poder e o ouro.

Roteiros das entrevistas

As entrevistas realizadas em Natividade foram elencadas em razão da participação dos entrevistados na vida da coletividade. Foram entrevistadas lideranças locais, detentores de memória, pessoas envolvidas direta ou indiretamente com as cinco categorias relacionadas pelo INRC, ou vinculadas ao ofício de ourivesaria. Buscou-se fazer um histórico da ourivesaria em Natividade, do processo de confecção das jóias, bem como a construção de uma breve genealogia dos principais ourives nativitanos.

Os roteiros foram elaborados a partir de uma abordagem qualitativa e semi-estruturada, na qual em lugar de se elaborar um questionário foi feito um roteiro semi-estruturado de questões gerais que deveriam ser trabalhadas com os entrevistados. Assim, o objetivo era o de chegar a respostas mais abrangentes que pudessem dar conta do rico universo estudado.

A princípio se fez uma breve apresentação do trabalho e de sua importância, e, a partir daí, buscou-se o envolvimento das pessoas entrevistadas com o propósito do trabalho que é o de se construir o Inventário da cidade e da ourivesaria com o objetivo de seu registro

Celebrações – roteiro semi-estruturado de questões:

Quais são as principais celebrações que ocorrem em Natividade

Qual a importância das mesmas para a população de Natividade

Como são organizada estas manifestações

Quem as organiza

Quando e onde ocorre essas manifestações

Qual seu tempo de duração

Desde quando ocorrem essas celebrações - De onde vieram, é possível localizar sua origem?

Essas manifestações vêm se modificando ao longo do tempo ou mantêm as mesmas características

O modo como vem sendo preservadas pela população nativitana

Quais suas principais características

Quais seus principais atores

Qual a relação da festividade com a ourivesaria e em especial a filigrana

levantamento das folias

Apresentação: Nome Idade Contato - o porquê da pesquisa

Porque são as três folias? As folias sempre foram estas? **Gerais, De cima e Do**

Outro Lado

Razão destes nomes e destas localidades

Trajetória: Por onde as folias passam? (todas) (todas nas principais cidades e distritos)

Como é feito o roteiro por onde as folias irão passar

O roteiro é fixo?

Elas passam pelas mesmas casas todos os anos?

Ou como que são escolhidas as casas em que as folias irão pousar?

Se alguma pessoa em que a folia nunca pousou na casa dela se ela pedir para que a folia possa pousar lá é atendido pelos os foliões ou já é um roteiro fixo?

As pessoas já sabem que a folia irão passar por lá naquele dia?

Como é feito a preparação para receber a folia nas casas das pessoas ? Elas são as responsáveis pelas as despesas do pouso?

Quem são os membros da folias? Ou seja, quem são as pessoas que fazem parte de um modo especial na folia. Quais são as categorias? Cargos ou funções.

Qual a função de cada membro?

Quantos membros há em cada folia ?

Instrumentos da folia: quais são?

- A caixa
- Os tambores
- A cuíca
- Os pandeiros
- Violas e violões

Como e quando cada um destes instrumentos é utilizado

- Quem os faz?
- Quem os toca?
- Onde mora e como posso localizá-los?
- Quais são as outras formas de expressão que ocorrem durante a folia
- Como por exemplo: A súa, a catira, a roda....quais outras?
- quando elas acontecem

Ofícios

- quais são os principais ofícios que ocorrem em Natividade?
qual seu significado para os nativitanos?
- existe relação com a vida econômica da cidade?
- Quem o pratica?
- É de tradição familiar?
- Como vem sendo transmitido?
- Desde quando vem sendo praticado?
- Qual é o processo de elaboração presente nesta atividade? Ou na elaboração dos objetos por eles gerados?
Quem são as pessoas que os pratica? Como encontrá-las para maiores detalhes?
- Qual sua relação com a ourivesaria e em especial com a filigrana?
- Estes são ofícios?
- Caixeiros
- Alferes
- Arrieiro
- Tocador de sino
- Bordadeiras
- Boleiras
- Fiandeiras
- Rendeiras
- Vaqueiros
- Artesãos (ourives, artesãos de violas, artesãos de buriti, cerâmica)
- Ferreiro
- Parteira

- Benzedores
 - forneiros
 - Rezadores
 - Cozinheiros (de pratos típicos como paçoca, arroz sirigado)
 - Licores
 - Doceiras
-
- Quem são?
 - Onde moram?
 - Como posso localizá-los?
 - Quem são as bordadeiras?
 - Quem são os benzedores?

Formas de expressão

Quais as principais formas de expressão presentes em natividade

Qual seu significado para os nativitanos

Quando e onde ocorrem

Quem são os envolvidos

Como ela é praticada

São utilizados instrumentos Quais são?

- Estas são formas de expressão?
- Os carretas
- As cavalhadas
- O baile das pastorinhas
- O juda
- A súcia
- A catira
- O carnaval
- A folia
- A esmola geral
- A pombinha do espirito santo
- As bandeiras

- O arroz sirigado
- Quem são as pessoas que participam ?
- Como é sua programação?
- Quem são as pessoas que dançam a sucia?
- Quem são as pessoas que trabalham com a catira?
- Existe alguma outra forma de expressão que você conheça?
- Onde é possível localizar essas pessoas?

Entrevista com os aprendizes das duas ourivesaria- Com os atuais e com os que já passaram.

- Apresentação: Nome Idade Contato – o pq da pesquisa
- Qual é seu nome completo?
- Qual a sua idade?
- O que te levou a querer ser ourives?
- No caso dos que não mas são ourives: como foi essa experiência e o que isso significou para você? Por quanto tempo permaneceu enquanto aprendiz?
- Faz quanto tempo que você é aprendiz ?
- Esta é a sua primeira profissão? Já teve outra ? Qual? Porque resolveu mudar e querer ser um artesão de jóias?
- O que ser um ourives significa na sua vida?
- O que você faz dentro da ourivesaria? Quais as atividades que pratica? Já realiza todas as etapas de confecção das jóias?
- Como é o processo de trabalho? Quais são as etapas?
- Qual a parte que você considera como a mais difícil no seu trabalho?
- Qual foi a primeira peça que você fez ?
- Qual a peça que você considera como a mais importante ? E porquê? Tem algum significado em especial?
- Quais são os tipos de jóias que você faz? Quem te ensinou a fazê-las?
- Você acha importante preservar as jóias tradicionais ou você gosta mais das atuais?

- Você considera como importante preservar a técnica da filigrana tradicional?
- Você acha importante que aja uma inovação dentro do *design* das jóias?
- Qual a sua visão sobre a origem da ourivesaria (da arte em filigrana) em Natividade? Tem origem de influência dos negros? Dos portugueses? De quem mais?
- Na sua família tem alguém que já praticou a ourivesaria (jóias em filigrana)?
- Você conhece a história dos antigos ourives? Poderia contar pra mim?
- Quem te ensinou a fazer jóias?
- Qual a relação que tem a ourivesaria e os ourives com as festas do Divino, do Romaria do Bonfim e com a festa da Padroeira de Natividade?
- Qual a sensação que você tem quando está fazendo as jóias? E como foi sua sensação quando você fez a sua primeira jóia?
- Qual a peça que você ficou mais emocionada em fazer?
- Quem você acha que poderia está contribuindo no sentido de contar mais sobre a arte da filigrana em Natividade?
- Como é a relação da sociedade nativitana com a ourivesaria?
- Quem compra as jóias hoje?

Perguntas para o senhor Alarico – testemunha visual - casa em frente a igreja.

- Apresentação: Nome Idade Contato – o pq da pesquisa
- O senhor sabe me contar a história de sua casa?
- - Quem foram os primeiros moradores dela?
 - Qual a importância dessas pessoas para a sociedade da época? E de hoje?
 - De que modo relaciona a história de sua casa com a história da cidade de Natividade? Tem alguma relação com o ciclo do ouro?
 - Com a ourivesaria e os ourives de natividade?
 - O senhor considera ela enquanto um patrimônio cultural da cidade? Porquê?
 - O senhor conheceu algum dos ourives de Natividade?
 - Sabe me contar alguma história relacionada a eles?
 - Quais deles o senhor considera mais importantes? Pq?
 - Conhece o trabalho de ourivesaria realizado ainda hoje aqui? É muito diferente do

que havia anteriormente?

- Quem eram as pessoas que usavam as jóias em filigrana aqui na cidade?
 - Tem alguma jóia antiga? Tem fotos antigas? (de sua casa por exemplo)
 - sabe me contar algo sobre a origem da cidade?
-
- Perguntas para o Padre Joatan Fávio, Simone
-
- Como que funciona o toque do sino da igreja
 - Qual sua importância?
 - Para que ele é tocado?
 - Quando ele é tocado?
 - Quem toca o sino da igreja?
 - Há uma pessoa que fica encarregado para tocar o sino?
 - Esta pessoa recebe por isso?
-
- Os caixeiros e os arrieiros e os alferes tem alguma função fora da folia?
 - O Bendito ele faz parte da folia do Divino? Quanto ele é recitado?
 - Quem são considerados como folião?E qual é a sua função dentro da folia?

As entrevistas realizadas com os ourives não tiveram um roteiro fixo, a intenção era deixá-los o mais a vontade, para que pudessem falar deste processo e estabelecessem as relações da ourivesaria com as demais categorias do INRC..além dos ofício.

Com todos os mestres da ourivesaria foram realizadas mais que uma entrevista, mas com alguns deles ainda serão realizadas entrevistas complementares conforme apontado abaixo.

Abaixo estão elencadas as entrevistas e os registros fotográficos a serem realizados.

Entrevistas a serem realizadas ou complementadas

- 1) Generosa Camelo – idosa – testemunha ocular

- 2) Maroto Borges – idosa – testemunha ocular
- 3) Ilma Borges = irmã de Jesumar e proprietária de jóias
- 4) Joaquim Valdeídes Carvalho – Mestre Val – ourives - Complementar
- 5) Abisania Ferreira Gama – Mestre Bisa – Complementar
- 6) Márcia Araújo Borges Pinheiro – Colar com peixe – Mestre Juvenal
- 7) Paulo Farsette – IPHAN
- 8) Romana Pereira da Silva – Centro Bom Jesus de Nazaré - Complementar

Registro fotográficos

Raphael Mendes - acompanhados por Sandra Maria Faleiros Lima

Serão ainda realizadas fotos de jóias de pessoas da cidade de Natividade e Fotos das edificações e lugares

Identificação de peças

Hoje em Natividade são feitas tanto peças que buscam resgatar as técnicas e os modelos tradicionais, quanto peças artísticas mas que apresentam novos *designs*, e jóias de *designs* modernos e pouco artesanais. Na verdade, existe um estímulo para o aperfeiçoamento técnico na confecção das jóias e o resgate dos modelos tradicionais. (Anexo 8)²¹

Atualmente, conforme apontado anteriormente, os que de fato se ocupam e se dedicam ao ofício da ourivesaria em Natividade são os mestres Jesumar Batista Borges, Joaquim Valdeídes Carvalho (Val), Abisania Ferreira Gama (Bisa), João Bosco Nascimento e os ourives aprendizes das duas oficinas existentes na cidade. (Anexo 9)²²

A renda gerada possibilita que dela se mantenham aproximadamente quinze ourives, dentre os mestres e aprendizes em atividade. Do total de vendas efetuadas na Oficina

²¹ Anexo 8 – pequena amostra de fotos das jóias as demais fotos referentes às jóias seguem no CD de anexos

²² Anexo 9 – fotos dos ourives, Jesumar, Val, Bisa e João Bosco

Mestre Juvenal e por Jesumar Batista, 80% são aos turistas e demais pessoas de fora de Natividade.

As jóias variam de preço conforme a cotação do ouro e da quantidade desse metal ou prata utilizada. O brinco adulto Flor de Maracujá (ouro) custava no mês de maio deste ano de 2007, aproximadamente R\$ 200,00. O brinco Cachinho de Uva por volta de R\$ 80,00, já um pingente de “peixa” (ouro) sai por mais de R\$ 300,00, uma pulseira escrava com três carreiras (ouro), R\$ 2.350,00, um crucifixo com corrente (prata) por R\$ 80,00 e um coração de filigrana (ouro), aproximadamente R\$ 450,00. O preço do ouro é uma das razões que dificulta o acesso dos nativitanos às jóias. Muitos deles, principalmente as mulheres, desejam possuir pelo menos um dos modelos típicos, mesmo porque essa em muitos casos é uma tradição familiar. O coração de filigrana é o mais citado pelas entrevistadas. Assim, alternativas são criadas pelos moradores para aproximarem de si estes signos, tão importantes aos nativitanos e uma delas tem sido adquirir as jóias em prata.

Apontam Santos (2006)²³ e Flavio Pereira de Souza²⁴ guia turístico da cidade, que o turismo tem ajudado a manter viva a joalheria tradicional, pois sem os compradores de fora, talvez apenas Wal, Bisa e Jesumar estivessem trabalhando, já que Uaci se mudou para Palmas e não pratica mais a joalheria em Natividade. A ourivesaria também vem sendo veiculada por meio de publicações em periódicos, de calendários, de cartões telefônicos, de documentários e de matérias televisivas, um site de divulgação da Ourivesaria Mestre Juvenal e a consultoria de um designer de jóias para definir coleções e elaborar novos modelos.

As jóias executadas em Natividade, tanto em ouro quanto em prata, são os três corações (o português, o nativo, o menino); os colares, os relicários, a pulseira escrava, o anel escravo, os brincos peito de moça, flor de maracujá, do modelo capim dourado, brincos

²³ SANTOS, CLÁUDIA BORGES DOS. Jóias de Natividade: Confluências e conflitos. Monografia de conclusão de curso apresentado no curso de Comunicação Social, Campus Universitário de Palmas, Universidade Federal do Tocantins, Palmas – To, 2006.

²⁴ Informações fornecidas em entrevista concedida a Sandra Lima/ Natividade 2007 (DVD anexo2 com entrevistas) com Flavio Pereira de Souza guia turístico de Natividade.

flor do campo, flor de maracujá, o globo, pulseiras e colares brincos flor do campo, flor de maracujá, corrente lantejola. Há também as peças ligadas à religiosidade como os crucifixos, os pingentes divininho, o anel e brincos do divino, anel sete vidas, das tradicionais o Brinco cacho de uva com a “peixa”, os relicários, no modelo capim dourado tem sido feitos o broche, o anel, os brincos em modelos variados, os pingentes, dentre outras. Uma discussão mais aprofundada sobre a questão seguirá no relatório seguinte.

Em Natividade, a cultura local apresenta, ainda hoje, traços de influência africana e portuguesa, o que se expressa em muitas de suas manifestações culturais, em seu cotidiano e também pela permanência de comunidades remanescentes de quilombos na região. Traços que se fazem presentes também na prática da ourivesaria artesanal, que vem sendo mantida em Natividade. Tanto a confecção quanto o uso de jóias fazem parte da tradição cultural da cidade. Peças feitas em filigrana, como o Coração Português, o Coração Nativo, o coração menino, o brinco Flor de Maracujá, são características do trabalho lá desenvolvido. Outras jóias como a “peixa”, o anel escravo, a pulseira escrava, o crucifixo e o relicário são modelos maciços ou feitos com placas trabalhadas. Os ofícios eram ensinados aos jovens da cidade como forma de profissionalização e de garantia de perpetuação. Os pais confiavam seus filhos aos mestres da cidade. E enquanto às meninas eram ensinados o bordado e a arte culinária, aos garotos o serviço de marceneiro, padeiro, carpinteiro, sapateiro, pedreiro, alfaiate, ourives eram transmitidos. A filigrana é a técnica de utilizar fios de ouro ou prata, tão finos quanto os de cabelo, que entrelaçados e soldados, tal uma renda preciosa, formam peças inteiras ou são aplicados como detalhes em outros objetos. Ela é essencialmente uma técnica da joalheria e característica da arte popular. Em Portugal, principalmente nas regiões de Gondomar, Póvoa de Lanhoso e Porto, ela é amplamente desenvolvida. Peças de grande complexidade, como caravelas portuguesas, são tecidas em filigrana, sendo uma atividade rara e pouco difundida, motivo para a realização desta ação²⁵.

²⁵ Extraído da proposta do projeto básico do IPHAN do projeto Estudos para o registro da ourivesaria no município de Natividade/TO

Santos (2006)²⁶ aponta ainda que poucas informações acadêmicas existem sobre ourivesaria tradicional de Natividade. Há décadas a ourivesaria artesanal vem sendo mantida em Natividade e acredita-se que uma das razões de sua permanência seja a abundância de ouro na região, por um relativo isolamento cultural de Natividade e pelo hábito dos mestres-ourives transmitirem o ofício a aprendizes. Desses mestres, alguns foram Bernardino de Sena, Evaristo Pinheiro, Francisco Rodrigues, Altino de Sena, José Luiz, João Milbourges, Leopoldo Hermano, Juvenal Rodrigues, José Fernandes Belo (Mestre Cazuza), Antonio Nunes, entre outros. (Anexo 8²⁷)

Wal e Bisa ainda garotos foram chamados por Jesumar Batista, aprendiz de Mestre Juvenal, a se tornarem aprendizes no ano de 1980. Confeccionavam jóias de *designs* modernos e pouco artesanais. Com a técnica de fundição chegavam a fazer cinquenta peças iguais em uma hora. Mas, passados nove anos, retornaram a Natividade e montaram juntos uma oficina. Continuaram produzindo os mesmos modelos de jóias que faziam em Goiânia e pegaram um ou dois garotos como aprendizes, que, segundo Wal, não chegaram a ter muito empenho.

Wal e Bisa, ao retornarem da capital, não se dedicaram às jóias artesanais de Natividade. Conheciam as técnicas e os modelos tradicionais, mas estavam habituados a confeccionarem os mesmos modelos que fabricavam em Goiânia. Mas aos poucos e principalmente por meio da Associação Comunitária Cultural de Natividade (ASCCUNA), sob a coordenação de Simone Camelo Araújo, membro, fundadora e presidente e com a participação dos ourives Wal e Bisa que estão à frente da Oficina Educacional de Jóias Artesanais Mestre Juvenal começaram a fazer um resgate da ourivesaria em filigrana visando ampliar o alcance do ensino das técnicas de joalheria e favorecer garotos e garotas da cidade com o aprendizado de uma profissão. Estes perceberam que ensinando a ourivesaria aos garotos e garotas de Natividade conservariam uma tradição secular, já que a arte da joalheria tradicional nativitana

²⁶ SANTOS, CLÁUDIA BORGES DOS. Jóias de Natividade: Confluências e conflitos. Monografia de conclusão de curso apresentado no curso de Comunicação Social, Campus Universitário de Palmas, Universidade Federal do Tocantins, Palmas – To, 2006.

²⁷ Anexo 9 – fotos dos ourives Leopoldo Hermano, Juvenal Rodrigues, e Antonio Nunes – fotos antigas cedidas por Simone Camelo

estava sob o risco de desaparecer quando os quatro últimos ourives-mestres da cidade, Wal, Bisa, Jesumar e Uaci, deixassem de trabalhar.

Jesumar também contribui para evitar o fim dessa tradição. Além de ter ensinado aos próprios Bisa e Wal, repassou o que sabe a mais quinze garotos. Alguns deles montaram oficinas próprias e atendem parte da demanda da cidade. Até uma pessoa de São Paulo veio procurar Jesumar e os ourives da Oficina Mestre Juvenal para aprender a técnica da filigrana.

Jesumar, Val e Bisa apontam que o povo as pessoas gostam de novidade, daí a necessidade de se introduzir modelos novos, mas reconhecem também a necessidade da preservação das práticas tradicionais, para que esta arte não morra.

Jesumar, por exemplo, aponta que o anel Celebridade, o anel pedra rendada Nova Geração, o anel Senhor do Bonfim foram criados pela necessidade de renovação. E que a técnica de cravação, por exemplo, não era utilizada pelos antigos ourives porque, segundo Jesumar, eles não a conheciam. Mas hoje uma peça tradicional, que é o coração de filigrana, pode vir acrescida de pedraria porque Jesumar aprendeu a técnica de cravação quando morou fora de Natividade, e Wal e Bisa também a dominam. Outra jóia, à qual pode ser acrescida pedra é a Flor de Maracujá, seja brinco, pulseira ou colar. Uma das características da joalheria nativitana é a “peixa”. Símbolo das nativitanas, principalmente das que saíam de sua cidade para estudar, era usado para que as professoras e colegas soubessem a origem de onde vinham. Outro significado não lhe foi dado pelos moradores de Natividade, além de Simone Camelo Araújo, que lhe atribuiu sentido religioso. O peixe, ictes, em grego, tem um simbolismo cristão. As letras da palavra em grego formam as iniciais de Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador. Mas se a “peixa” de Natividade em algum momento teve este simbolismo, hoje, para os moradores do centro histórico, caracteriza as nativitanas.

E. Levantamento bibliográfico

Livros e outras publicações não seriadas

Referência	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR	Nº
ABREU, S. Fróes. A Riqueza mineral do Brasil. São Paulo, Rio, Recife, Porto Alegre, 1937. Cia. Editora Nacional, 383p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	1
ADUCCI, Edésia. Maria e seus gloriosos Títulos. Juiz de Fora: Ed. Lar Católico, 1960.	RELIGIÃO - BRASIL; INVOCAÇÕES – MARIA.	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	2
AGASSIZ, Louis, 1807-1873. Viagem ao Brasil : 1865-1866. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.	RELATO DE VIAGENS.	BIBLIOTECA NACIONAL	3
AGUIAR, M.M. Vila Rica dos Inconfidentes, São Paulo, Dissertação de Mestrado defendida na USP, 1993.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	4
ALMEIDA, Theóphilo de. História Antiga de Pará de Minas de 1700 a 1859: O Ciclo do Ouro à Capela do Arraial do Patufo, até a Vila do Pará. Belo Horizonte: Mantiqueira, 100p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	5
ALMEIDA, Carla Maria C. Minas Gerais de 1750 a 1850: Bases da Economia e tentativa de Periodização. LPH – Revista de História, Mariana, n.º 5, p.88-111, 1995.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	6
ALMEIDA, C. M. Alterações nas Unidades produtivas mineiras: Mariana, 1750-1850, Dissertação de Mestrado apresentada à UFF, 1994.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	7
ALMEIDA, C. M. "Homens Ricos em Minas Colonial", in Modos de Governar, São Paulo: Alameda, 2005, p.361-84.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	8
ALMEIDA, Renato de. Tablado Folclórico. São Paulo: ed. Record, s/d.	CELEBRAÇÕES E MODOS DE FAZER ENRAIZADOS NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES	BIBLIOTECA NACIONAL	9

ALTWATER, Donald. Dicionário de Santos . São Paulo: Art Editora, 1991.	SANTOS; <u>ÍDOLOS E IMAGENS</u>	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	10
ALVES, Francisco das Neves. Quinhentos anos do processo colonizatório : continuidades e rupturas. Rio Grande, RS: Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG, 2000.	HISTÓRIA – BRASIL; COLONIZAÇÃO.	BIBLIOTECA NACIONAL	11
ALVES, Marieta. Mestres Ourives de Ouro e Prata da Bahia. 21ed. Salvador: Museu do Estado da Bahia, 1962. 83p.	SABERES E MODOS DE FAZER ENRAIZADOS NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	12
AMARAL, Rita de Cássia. Povo de Santo, Povo de festa . Dissertação de Mestrado, Depto. de Antropologia, FFLCH-USP. SP, mimeo, 1992.	RITOS; CANDOMBLE; <u>ANTROPOLOGIA</u> ; <u>ANTROPOLOGIA CULT-SOCIAL (BRASIL)</u> .	BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS (FFLCH) DA USP.	13
ANASTASIA, Carla Maria Junho, A geografia do crime : violência nas Minas Setecistas / 2005 Ed. UFMG.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	14
ANASTASIA, C. M. “Um Mundo às Avessas em um Tempo Europeu?”, In Vassalos Rebeldes, Belo Horizonte: c/Arte, 1998.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	15
ANDERSON, Lawrence El arte de la platería em Mexico, 1519-1936 / 1941. Oxford University Press, Iconografia.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	16
ANDRADE, Reinaldo de. Estrada Real, desbravando os Caminhos do Ouro e do Diamante no Brasil : Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro / 2005 Empresa das Artes.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	17
ANDRADE, Mário de. Danças Dramáticas do Brasil . São Paulo: Martins, 1966.	DANÇAS <u>FOLCLÓRICAS</u> ; <u>MÚSICA FOLCLÓRICA</u> .	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	18
ANTONIL, André João. Cultura e Opulência no Brasil . São Paulo: Editora Melhoramentos/INL, 1976.	<u>AÇUCAR</u> ; <u>FUMO</u> ; <u>OURO</u> .	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	19

ANTUNES, A. A. O espelho de Cem Faces, São Paulo: Annablume, 2004.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	20
AQUINO, Geralda Julia Fonseca de. Porteira da divisa : (tradicao oral, usos e costumes de Minas Gerais - 1) / 1987 [s.n.].	LINGUAGEM MUSICAIS, ICONOGRÁFICAS E PERFORMÁTICAS	BIBLIOTECA NACIONAL	21
ARAUJO, Emmanoel (org.). A mão afro-brasileira . Brasília, Tenenge/Ministério da Cultura, 1988.	HISTORIA DO BRASIL – SOCIEDADE.	BIBLIOTECA NACIONAL	22
ARAUJO, Emmanoel. "O negro e as artes no Brasil" in: Schwarcz, L. e Queiroz, R.(orgs.) Raça e Diversidade . SP, Edusp, 1995.	ANTROPOLOGIA, RACISMO (SOCIOLOGIA)	BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS (FFLCH) DA USP.	23
ARAUJO, Alceu Maynard de. Folclore nacional. São Paulo: Ed melhoramentos, 1967.	CELEBRAÇÕES E MODOS DE FAZER ENRAIZADOS NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES	BIBLIOTECA NACIONAL	24
ARAUJO, Emmanoel. O teatro dos vícios : transgressão e transigência na sociedade urbana colonial do Brasil. RJ, José Olympio, 1993.	HISTORIA DO BRASIL – SOCIEDADE; POLITICA (COLONIA)	BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS (FFLCH) DA USP.	25
ARINOS, Afonso. Lendas e Tradições Brasileiras . Rio de Janeiro: F Briguiet Ed., 1937.	<u>LENDAS BRASIL;</u> <u>TRADIÇÃO; FOLCLORE</u> <u>BRASIL; BRASIL - VIDA</u> <u>E COSTUMES SOCIAIS.</u>	BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UFMG.	26
ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Mitologia da mineiridade : O imaginario mineiro na vida politica e cultural do Brasil / 1990 Brasiliense.	LINGUAGEM MUSICAIS, ICONOGRÁFICAS E PERFORMÁTICAS	BIBLIOTECA NACIONAL	27
ARTIAGA, Zoroastro. Geografia econômica histórica e descritiva do estado de Goiaz . 1º e 2º tomo. Tip. Triângulo, 1951.	<u>GEOLOGIA;</u> <u>ECONÔMICA GOIÁS.</u>	BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS (FFLCH) DA USP.	28

ARAÚJO, Alceu Maynard, "Cavalcadas", In: ____ Folclore nacional: danças, recreação, música. São Paulo: Melhoramentos, 1967.	FOLCLORE - BRASIL; FESTAS POPULARES - BRASIL; MITOLOGIA; LENDAS; DANÇAS FOLCLÓRICAS BRASILEIRAS.	BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS.	29
Arte sacra em Minas Gerais no século XVIII: acervo Geraldo Parreiras / 1972 Palácio das Artes.	SABERES E MODOS DE FAZER ENRAIZADOS NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES	BIBLIOTECA NACIONAL	30
AZEVEDO, J. Lúcio de. Épocas de Portugal Econômico: Esboço de História. Lisboa: M. Teixeira, 1929. 498p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	31
BARBOSA, W. A . Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1971.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	32
BARBOSA, W. A .Negros e Quilombos e Minas Gerais, Belo Horizonte, 1972.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	33
BARBOSA, W. A .Dicionário da Terra e da Gente de Minas Gerais, Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	34
BARBOSA, Elmer C. Correa. Ciclo do Ouro: O tempo e a Música do Barroco Católico. Rio de Janeiro: PUC, 1979.	LINGUAGEM MUSICAIS, ICONOGRÁFICAS E PERFORMÁTICAS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	35
BARBOSA, Eduardo. Raposo Tavares : o maior dos bandeirantes / 1971 EBAL.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	36
BARBOSA, Waldemar de Almeida, Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais / 1995 Ed. Itatiaia.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	37
BERGAD, Laird W. Escravidão e História Econômica: Demografia de Minas Gerais, 1720 – 1888. Bauru (SP): EDUSC, 2004.p. 43-76.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	38
BRAGA, Ana. Nossa Senhora da Natividade, padroeira do Estado do Tocantins. Goiânia: Cartográfica, 1994.	FOLCLORE - BRASIL; FESTAS POPULARES - BRASIL.	BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS.	39
BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Festa do Santo de Preto. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.	ROSARIO, NOSSA SENHORA DO, FESTA DE - CATALÃO (GO); CONGADAS; NEGROS - FOLCLORE. - CATALÃO (GO); FOLCLORE - CATALÃO (GO).	BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS.	40

BRASILEIRO, Francisco. Na Serra do Roncador. São Paulo – Rio – Recife – Porto Alegre. 1938. Cia Editora Nacional. A Vanguarda da Bandeira Anhanguera, 221p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	41
BOLTSHAUSER, João. Noção de evolução urbana nas Américas. Belo Horizonte: UMG / Edições Escola de Arquitetura, 1959. 3v.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	42
BOSCHI, Caio C. Nem tudo que reluz vem do ouro... In: SZMRECSÁNYI, Tamás (org). História Econômica do Período Colonial. 2 ed. Ver. São Paulo: Hucitec/ABPHE/Edusp/Imprensa Oficial, 2002. p.57-66.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	43
BOSCHI, C. C. “Igreja, Estado e Irmandades em Minas Gerais”, In Os Leigos e o Poder, São Paulo, Ática, 1996.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	44
BOSCHI, Caio César. Achegas à historia de Minas Gerais : séc. XVIII / 1994 Universidade Portucalense.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	45
BOULOS JÚNIOR, Alfredo, A capitania do ouro e sua gente / 2000 Ed. FTD.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	46
BOXER, C. R. A Idade de Ouro no Brasil, trad., 2ªed., São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1969.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	47
BRANCANTE, Maria Helena. Os ourives na história de São Paulo / 1999 EdiçõesPinacoteca : Árvore da Terra.	SABERES E MODOS DE FAZER ENRAIZADOS NO COIDIANO DAS COMUNIDADES	BIBLIOTECA NACIONAL	48
BRANDAO, Carlos Rodrigues, Sacerdotes de viola : rituais religiosos do catolicismo popular em Sao Paulo e Minas Gerais / 1981 Vozes.	CELEBRAÇÕES, FESTAS E FOLGUEDOS QUE MARCARAM ESPIRITUALMENTE A VIVÊNCIA DO TRABALHO, DA RELIGIOSIDADE, DO ENTRETENIMENTO E DA VIDA COTIDIANA	BIBLIOTECA NACIONAL	49
BUESCU, Mircea. História Econômica do Brasil: Pesquisas e Análises. Rio de Janeiro: Apec, 1970. 283p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	50
BUNBURY, Charles J. F. (Charles James Fox). Viagem de um naturalista ingles ao Rio de Janeiro e Minas Gerais, (1833-1835) Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1981.	RELATO DE VIAGENS.	BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS DA UFOP	51

BURMEISTER, Hermann, 1807-1892. Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais : visando especialmente a historia natural dos distritos aurí-diamantíferos. Belo Horizonte : Itatiaia, 1980.	RELATO DE VIAGENS.	BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS DA UFOP	52
BURTON, Richard Francis, 1821-1890. Viagem de Canoa de Sabara ao Oceano Atlântico. Belo Horizonte: Itatiaia; 1977.	RELATO DE VIAGENS.	BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS DA UFOP	53
BURTON, Richard Francis, 1821-1890. Viagens aos planaltos do Brasil. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1983.	RELATO DE VIAGENS.	BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS DA UFOP	54
BURTON, Richard Francis, 1821-1890. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.	RELATO DE VIAGENS.	BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS DA UFOP	55
BUZATTI, Dauro Jose. Viagem as minas dos Cataguases / 1984 FUMARC : PUC.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	56
CALDCLEUGH, Alexander. Viagens na America do Sul (extrato da obras contendo relato sobre o Brasil). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2000.	RELATO DE VIAGENS.	BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS DA UFOP	57
CALÓGERAS, João Pandiá. As Minas do Brasil. Rio de Janeiro, 1905. Imprensa Nacional. Vols. II e III.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	58
CALÓGERAS, Pandiá. As Minas do Brasil e sua Legislação. São Paulo, Rio, Recife, Porto Alegre, 1938. Cia. Editora Nacional. 2ª Edição refundida, Atualizada e dirigida por Djalma Guimarães com auxílio de vários colaboradores.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	59
CÂMARA CASCUDO, Luís da. Presença moura no Brasil.	LITERATURA FOLCLÓRICA BRASIL.	BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UFMG.	60
CÂMARA CASCUDO, Luís da. “Informação sobre a História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França”. In: Cinco livros do povo. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1953.	LITERATURA FOLCLÓRICA - BRASIL.	BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS.	61

CAMPOS, Leonardo Álvares da Silva. O homem da pré-história do norte de Minas / 1983 Impr. Oficial.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	62
CAPISTRANO DE ABREU, João. Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1960. 311p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	63
CAROLINA, Cora. Alfinim : Tradição de mais de quatro séculos. Boletim 2. Comissão Goiana de Folclore. Goiana, 2 (2): 11-14, dez 1980.	FOLCLORE - GOIÁS; <u>FESTAS POPULARES - BRASIL.</u>	<u>BIBLIOTECA DA UNIVERSIDAD E FEDERAL DE GOIÁS.</u>	64
CARRARA, A.A. Contribuição para História Econômica da Capitania de Minas Gerais (1674-1807), Versão alterada de Agricultura e Pecuária na Capitania de Minas Gerais, 1674-1807, Tese de Doutorado apresentada à UFRJ, 1997.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	65
Cartografia da conquista do território das Minas / 2004 Ed. UFMG ; Lisboa [Portugal] : Kapa Editorial.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	66
CARVALHO, Theophilo Feu de. Comarcas e Termos. Belo Horizonte, 1922. Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 309p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	67
CASSIANO, Ricardo. Marcha para o oeste . Rio de Janeiro: Ed. J. Olympio.	HISTÓRIA-BRASIL.	<u>BIBLIOTECA NACIONAL</u>	68
CASTRO, HEBE MARIA MATTOS DE. DIVERSIDADE DA POBREZA: PARA ALÉM DE SENHORES E ESCRAVOS. IN:____. AO SUL DA HISTÓRIA. SÃO PAULO: BRASILIENSE, 1987.p.75-116.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	69
CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. Tocantins o movimento separatista do norte de Goiás 1821-1988 . Goiânia: UCG, 1999.	<u>TOCANTINS – HISTORIA.</u>	<u>BIBLIOTECA DA UNIVERSIDAD E FEDERAL DE GOIÁS.</u>	70
CHAVES, Cláudia Maria das Graças. Os Caminhos que Levam às Minas. In:____. Perfeitos Negociantes: Mercadores das Minas Setecentistas. São Paulo: Annablume, 1999. p.83-109.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	71
CHAUL, Nasr Fayad, (organizador). Goiás: 1722 - 2002 . Goiânia: Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2002.	GOIÁS – HISTÓRIA.	<u>BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS (FFLCH) DA USP.</u>	72

CHAVES, Luiz. As filigranas . Lisboa: SPN, [19--?].	OURIVESARIA	BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO.	73
CHICÓ, M. et al. História da Arte em Portugal. Porto: Portucalense, 1948. 543p. il.v.2. CLUBE DE ARTE BRASILEIRA. Barroco no Brasil. São Paulo: 1961.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	74
Ciclo da Mineração. Rio de Janeiro, 1984. Museu da Fazenda Federal, 96p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	75
COELHO, Gustavo Neiva; Milena d'Ayala Valva. Goiás: uma reflexão sobre a formação do espaço urbano . Goiânia: UCG, 1996.	PLANEJAMENTO URBANO - GOIÁS.	BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS.	76
COELHO, Gustavo Neiva. Arquitetura da mineração em Goiás . Goiânia: UCG, 1995. (cadernos didáticos; 4)	HISTÓRIA-GOIÁS; MINERAÇÃO.	BIBLIOTECA NACIONAL	77
COELHO, José João Teixeira. Instrução para o Governo de Minas Gerais. Introdução para Francisco Iglesias. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1994, 304p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	78
COSTA, Antônio Gilberto. Cartografia da Conquista do Território das Minas. Belo Horizonte: Belo Horizonte: UFMG Lisboa: Kapa Editorial, 2004 245p. il.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	79
COPPOS, Odette. Congadas (Folclore) . Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1971.	CONGADA (FOLCLÓRE)	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	80
COUTO, João. Ourivesaria Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional, 1929. 42p.	SABERES E MODOS ENRAIZADOS NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	81
COUTO, João; GONÇALVES, Antônio M.. A Ourivesaria em Portugal. [S.I] Horizonte, 1960. 186p.	SABERES E MODOS ENRAIZADOS NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	82

COUTO, José Vieira. Memórias sobre a Capitania das Minas Gerais; Seu território, Clima e Produções Metálicas. Estudo Crítico, Transcrição e Pesquisa Histórica de Júnia Ferreira Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1994, 104p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	83
DAMANTE, Hélio. Folclore Brasileiro . São Paulo, Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.	<u>FOLCLORE</u> .	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	84
DEL PRIORE, Mary. Festa e utopia no Brasil colonial . SP, Brasiliense, 1994.	<u>CULTURA POPULAR;</u> <u>FESTAS RELIGIOSAS - HISTORIA;</u> <u>FESTAS POPULARES - HISTORIA;</u> <u>UTOPIAS.</u>	BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UFMG.	85
DEUS, Maria Socorro de, Mônica Martins da Silva. História das Festas e Religiosidades em Goiás . Goiânia: Agepel/UEG, 2002. (História de Goiás 4).	<u>HISTÓRIA; HISTORIA REGIONAL DO BRASIL.</u>	<u>BIBLIOTECA DA UNIVERSIDAD E FEDERAL DE GOIÁS.</u>	86
Dicionário do Folclore Brasileiro Luis da Camara Cascudo . 5ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.	FOLCLORE.	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	87
DUARTE, A. Teixeira. Garimpeiros do Tijuco. Belo Horizonte, 1915. Imprensa Oficial do Estado. Conferência Pronunciada em Sessão solene Especial do Instituto Histórico e Geográfico de Minas em 1915, 46p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	88
DUBUGRAS, Elvin Mackay. Notas sobre arquitetura do século XVIII em Pilar de Goiás. Brasília: Universidade de Brasília / Instituto Central de Artes, 1965. 3v.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	89
DO BRASIL, Americano do. Pela história de Goiás . (Introdução, seleção e notas de Humberto Crispim Borges) Goiânia: Ed. da UFG, 1980. (Col. Documentos Goianos. Vol.06)	<u>GOIÁS - HISTORIA.</u>	<u>BIBLIOTECA DA UNIVERSIDAD E FEDERAL DE GOIÁS.</u>	90

ELLIS, Alfredo (Júnior). O Bandeirismo Paulista e o Recúo do Meridiano. São Paulo – Rio de Janeiro – Recife – Porto Alegre. 1938. Cia. Editora Nacional. 3ª Edição, 333p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	91
ELLIS, Alfredo (Júnior). O Ouro e a Paulistânia. São Paulo, 1948. História da Civilização Brasileira – nº 8. Universidade de São Paulo, 322p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	92
ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. Jornal do Brasil 1811-1817, ou relatos diversos do Brasil, coletados durante expedições científicas. <u>Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002.</u>	RELATOS DE VIAGENS.	BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS DA UFOP.	93
ESCHEWEGE, W. L. Von. Pluto Brasiliense. São Paulo, 1944. Cia. Editora Nacional. Edição Ilustrada.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	94
ESTEVAM, Luís. O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás. Goiânia: Ed. do Autor, 1998. (três exemplares)	HISTÓRIA – GOIÁS; ECONOMIA.	BIBLIOTECA NACIONAL	95
FARIA, Sheila de Castro. Histórias Esquecidas: Os Andarilhos da Sobrevivência. In: _____. A Colônia em Movimento; Fortuna e Família nas Minas Setecentistas. São Paulo: Hucitec, 1999.p.197-272.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	96
FERRAND, M. Paul. L'or A Minas Gerais (Brésil). Belo Horizonte, 1913. Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. Vols. I e II.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	97
FERREIRA, Manoel Rodrigues. Mistérios do Ouro dos Martírios: Desvendando O grande Segredo das Bandeiras Paulistas. São Paulo: Biblos, 1960.457p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	98
FERREIRA, Roquinaldo. Dinâmicas do Comércio Intracolônia: Geribitas, Panos Asiáticos e Guerra no Tráfico Angolano de Escravos (século XVIII). In: FRAGOSO, João, BICALHO, Maria Fernanda, GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs). O Antigo Regime nos Trópicos: A Dinâmica Imperial Portuguesa (Séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 20001.p. 339-378.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	99

FERREIRA, Tito Lívio. Gêneses, Social da Gente Bandeirante. São Paulo – Rio de Janeiro. 1944. Cia. Editora Nacional. Biblioteca Nacional, 255p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	100
FERRETTI. Repensando o Sincretismo. São Paulo/São Luís: EDUSP/FAPEMA, 1995.	<u>SINCRETISMO (RELIGIAO) MARANHAO;</u> <u>CULTOS AFRO-BRASILEIROS MARANHÃO;</u> <u>CRISTIANISMO E OUTRAS RELIGIÕES;</u> <u>MARANHÃO – HISTÓRIA.</u>	BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UFMG.	101
FERREZ, Giberto. O Brasil do primeiro reinado visto por W. J. Burchell – 1825/29. Rio de Janeiro: Fundação Moreira Salles, 1981.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	102
Festa e religião: imaginário e sociedade em Minas Gerais / 2003 Templo: CEHILA.	CELEBRAÇÕES, FESTAS E FOLGUELOS QUE MARCAM ESPIRITUALMENTE A VIVÊNCIA DO TRABALHO, DA RELIGIOSIDADE, DO ENTRETENIMENTO E DA VIDA COTIDIANA	BIBLIOTECA NACIONAL	103
Festa: Cultura e sociedade na América Portuguesa. Istvan Jancsó e Iris Kantor (org.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001.	CULTURA; <u>FESTAS FOLCLÓRICAS;</u> <u>FESTAS POPULARES.</u>	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	104
FIGUEIREDO, L. R. O Averso da Memória, Rio de Janeiro: José Olympio. Brasília: Edunb, 1993.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	105
FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. Protesto, Revoltas e Fiscalidade no Brasil Colonial. LPH – Revista de História, Mariana, nº 5, p.56-87, 1995.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	106
FIGUEIREDO, Luciano Raposo de Almeida. Barrocas Famílias: Vida Familiar em Minas Gerais no Século XVIII. São Paulo, 1989, 265p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	107
FILHO, Mello Moraes. Festas e Tradições populares do Brasil. Belo Horizonte: Ed USP, 1979.	<u>FOLCLORE; FESTAS POPULARES;</u> <u>FESTAS RELIGIOSAS.</u>	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	108

FLEXOR, Maria Helena Ochi.. Oficiais Mecânicos e Vida Cotidiana no Brasil. Oceanos, Lisboa, nº42, p.70- 84, 2000.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	109
FRANCO, Francisco de Assis Carvalho, Dicionário de bandeirantes e sertanistas do Brasil : séculos XVI-XVII-XVIII / 1989 Ed. Itatiaia ; EDUSP.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	110
FRANCO, Carvalho. Bandeiras e Bandeirantes de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre, 1940. Cia. Editora Nacional, 340p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	111
FURTADO, Celso. Economia Escravista Mineira. In:____. Formação Econômica do Brasil. 18ª ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1982.p.73-88.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	112
FURTADO, Júnia Ferreira. Homens de negócio : a interiorização da metrópole e do comércio nas minas setecentistas / 1999 Hucitec.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	113
FURTADO, Júnia Ferreira. Negociantes e Caixeiros. In____. Homens de Negócios: A Interiorização da Metrópole e do Comércio nas Minas Setecentistas. São Paulo: Hucitec, 1999.p.197-272.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	114
GARCIA, Marcolina Martins; Breda, Judite Ivanir. Divisão regional para o estudo e defesa do folclore de Goiás. Goiana: Universidade Federal de Goiás. Museu Antropológico, 1972.	<u>FOLCLORE - BRASIL</u> <u>- GOIÁS.</u>	BIBLIOTECA NACIONAL	115
Galvão. M. A. Filigrana : o encontro com a luz. São Paulo : Linear B, 2004.	SABERES E MODOS ENRAIZADOS NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES	BIBLIOTECA NACIONAL	116
Godoy, Marcelo Magalhães. Intrépidos viajantes e a construção do espaço : uma proposta de regionalização para as Minas Gerais do século XIX / 1996 CEDEPLAR.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	117
GOES FILHO, Synesio Sampaio. Navegantes, bandeirantes, diplomatas : aspectos da descoberta do continente, da penetração do território brasileiro extra- Tordesilhas e do estabelecimento das fronteiras 1991 FUNAG : IPRI.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	118
GOES FILHO, Synesio Sampaio. Navegantes, bandeirantes, diplomatas : um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil / 2000 Biblioteca do Exército ; Martins Fontes	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	119

GÓES, Carlos. História da Terra Mineira. 14.ed. [S.I]: [S.N], 1947. 182p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	120
GRAEFF, Edgar A. (coord.). Natividade/Goiás – levantamento cadastral. In: Oito vertentes e dois momentos de síntese da arquitetura brasileira. Goiás: FNPM/UCG/Fundação Cultura de Goiás, 1983.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	121
GROSSI, Filippo. Lo Stato Di Minas Gerais. 1911. Editores: S. Nesi e F. Grossi, 97p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	122
GUIMARÃES, Acyr Vaz, A saga bandeirante : de São Vicente ao Chuí : dos campos de Piratininga às minas do Cuiabá / 2004 Ed. UCDB.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	123
GUIMARÃES, C. M. A Negação da Ordem Escravista, São Paulo: Ícone, 1988.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	124
GURGEL, Heitor; AMARAL, Edelweiss Campos de. Paraty, Caminho do Ouro: Subsídio pa História do Estado do Rio: São José, 1973. 213p. il.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	125
HALFELD, Henrique Guilherme Fernando, A província brasileira de Minas Gerais / 1998 Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	126
HAUTECOEUR, Louis. História Geral da Arte: DA Magia à Religião. São Paulo: Difel, 1962. 342p. il. v.1.	CELEBRAÇÕES, FESTAS E FOLGUEDOS QUE MARCARAM ESPIRITUALMENTE A VIVÊNCIA DO TRABALHO, DA RELIGIOSIDADE, DO ENTRETENIMENTO E DA VIDA COTIDIANA	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	127
HISTORIA UNIVERSAL DE LAS JOYAS: ATRAVES DEP ARTE Y LA CULTURA. Buenos Aires: Centurión, [S.D]. 671p.	SABERES E MODOS ENRAIZADOS NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	128
HOFFNAER, Joseph (Bispo). Colonialismo e Evangelhos: Ética do colonialismo espanhol no Século de Ouro. São Paulo: Presença, 1973. 412p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	129

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Caminhos e fronteiras . 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, s/d.	<u>ECONOMIA</u> .	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	130
HOLANDA, Sérgio Buarque de. Metais e Pedras Preciosas. In:____. (dir). História Geral da Civilização Brasileira: A Época Colonial. Tomo 1, vol. 2, p.259-310.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	131
IGLÉSIAS, F. “Reedição de Diodo de Vasconcelos”, In VASCONCELOS, D. História Antiga das Minas Gerais, 4ªed., Belo Horizonte: Itatiaia, 1974, v.1, p. 11-29.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	132
IKEDA, Alberto T. Introdução ao estudo do congado . Belo Horizonte: Universidade Católica de Minas Gerais, 1974.	ETNOGRAFIA	<u>BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS (FFLCH) DA USP.</u>	133
Jesuítas e bandeirantes no Guairá (1549 [i.é. 1594]-1640) / 1951 Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	134
LACERDA, Regina. Os antecedentes e a repercussão da independência em Goiás. Goiânia: Oriente, 1970.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	135
LACERDA, Regina. Vila Boa; historia e folclore. 2ª ed. Goiânia: Bolsa publicações Hugo de Carvalho Ramos, 1977.	CELEBRAÇÕES E MODOS DE FAZER ENRAIZADOS NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES	BIBLIOTECA NACIONAL	136
LACERDA, Regina. Cantigas e Cantares . Músicas folclóricas e modinhas goianas. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1985.	FOLCLORE, MÚSICA.	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	137
LACERDA, Regina. Estórias e lendas de Goiás e Mato Grosso . São Paulo: Ed. Edigraf, s/d.	FOLCLORE; MITOS – GOIÁS.	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	138
LAMAS, Dulce, “Persistência temática de Carlos Magno no folclore brasileiro”, Revista Goiana de Artes (Goiânia) , Vol. 10 nº 1, 1989.	<u>FOLCLORE BRASILEIRO; MAGNO, CARLOS.</u>	<u>BIBLIOTECA DA UNIVERSIDAD E FEDERAL DE GOIÁS.</u>	139

LASTEYRIE, F. de. Historie de L'Orfèvrerie. 10. ed. Paris: Hachette, 1877. 322p.	SABERES E MODOS ENRAIZADOS NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	140
LEME, Pedro Tacques de Almeida Paes. Informação Sobre as Minas de São Paulo. A Expulsão dos Jesuítas do Colégio e São Paulo. São Paulo. Cia. Editora Melhoramentos de São Paulo, 215p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	141
LEAL, Oscar. Viagem às Terras Goyanas (Brazil Central) . Goiânia: Ed. da UFG, 1980. (Coleção Documentos Goianos, 4)	<u>GOIÁS (ESTADO) - DESCRIÇÕES E VIAGENS.</u>	<u>BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS.</u>	142
LIMA, Rossini Tavares de. Folguedos Populares do Brasil . São Paulo, Ricordi, 1962.	<u>FOLGUEDOS FOLCLÓRICOS; FOLCLORE.</u>	BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UFMG.	143
LIMA Augusto (Júnior). História dos Diamantes nas Minas Gerais. Rio de Janeiro, Lisboa. 1945. Livros de Portugal, Ltda e Livros do Brasil Ltda, 240p	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	144
LIMA, Augusto de (Júnior). A Capitania das Minas Gerais. Rio de Janeiro. Livraria Editora Zélio Valverde, 329p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	145
LUNA, F. V. & COSTA, I. N. Minas Colonial: Economia e Sociedade, São Paulo: FIPE, Pioneira, 1982.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	146
MACEDO, José Rivair. Mouros e cristãos : a ritualização da conquista no velho e no novo mundo.	CULTURA – SINCRETISMO; SOCIEDADE.	CATÁLOGO VIRTUAL DE TESES DA UNICAMP.	147
MACHADO, Alcântara. Vida e Morte do Bandeirante. São Paulo, 1930. Empresa Graphica da “Revista dos Tribunaes”. 2ª Edição, 278p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	148
MAGALHÃES, Basílio de. Expansão Geographica do Brasil Colonial. São Paulo, 1935. Cia. Editora Nacional, 403p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	149

MARTINS, R. B. Minas Gerais. Século XIX: Tráfico e Apego à Escravidão numa Economia não-exportadora. Estudos Econômicos, São Paulo: IPE/USP, v. 13, n.1, Jan./Abr. 1983, p.181-209.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	150
MARTIUS, Karl Friedrich Von. Viagem pelo Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.	RELATO DE VIAGENS.	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	151
MATA MACHADO FILHO, Aires da. Negro e o Garimpo em Minas Gerais. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 131p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	152
MATTA, Roberto da. Carnavais, malandros e heróis. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.	CELEBRAÇÕES E MODOS DE FAZER ENRAIZADOS NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES	BIBLIOTECA NACIONAL	153
MATTOS, Raymundo José da Cunha. Chorographia histórica da província de Goyas. In: Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil. Tomo XXXIII, parte I, 2º semestre 1874.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	154
MATTOS, Raimundo J. da C. Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas Províncias de Minas Gerais e Goiaz. Vol I e II. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial e Constitucional de J. Villeneuve, 1836.	RELATO DE VIAGENS.	BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS DA UFOP.	155
MATTOS, Joaquim Francisco de. Os caminhos de Goiás / 1980 Ed. Comercial Safady.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	156
MATOS, Raimundo José da Cunha. Corografia Histórica da Província de Minas Gerais (1837). Belo Horizonte, 1979. Imprensa Oficial. Publicações do Arquivo Público Mineiro Número 3 – Volume I, 416p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	157
MAURO, Frédéric. Do Brasil à América. São Paulo: Perspectiva, 1975. 245p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	158
MAWE, JOHN. Viagens ao interior do Brasil. São Paulo: USP, 1978.	RELATO DE VIAGENS.	BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS DA UFOP.	159

MAWE, JOHN. Viagens ao interior do Brasil, principalmente aos distritos do ouro e dos diamantes. Rio de Janeiro : Zelio Valverde, 1944.	RELATO DE VIAGENS.	BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS DA UFOP.	160
MEGALE, Nilza Botello. O livro de Ouro dos Santos. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.	CATOLICISMO – BRASIL; SANTO; CULTURA POPULAR (ASPECTOS RELIGIOSOS) – BRASIL; ICONOGRAFIA.	BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS (FFLCH) DA USP.	161
MEGALE, Nilza Botello. Invocações da Virgem Maria no Brasil. 6ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.	RELIGIÃO - BRASIL; INVOCAÇÕES – MARIA.	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	162
MELLO E SOUZA, Laura de. Desclassificados do Ouro: A Pobreza Mineira do Século XVIII. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2ª Ed. 1986, 237p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	163
MELLO, J. Soares de. Emboabas. São Paulo, 1939. Editora Limitada. Crônicas de uma Revolução Nativista. Documentos Inéditos, 295p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	164
MEYER, Marilyse. “Tem mouro na costa ou Carlos Magno ‘reis’ do congo”, In: ____ Caminhos do Imaginário no Brasil. São Paulo; EDUSP, 1993.	SOCIOLOGIA.	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	165
MENDONÇA, Belkiss Spencièrre Carneiro de. A música em Goiás. 2ª ed. Goiânia: Ed. Universidade Federal de Goiás, 1981.	LINGUAGENS MUSICAIS, ICONOGRÁFICAS E PERFORMÁTICAS	BIBLIOTECA NACIONAL	166
MENDONÇA, Marcos Carneiro de. O Intendente Câmara. Rio de Janeiro, 1933. Imprensa Nacional. Manoel Ferreira da Câmara, e Sá. Intendente Geral das Minas e dos Diamantes, 1764 – 1835, 428p.		CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	167
MENESES, J. N. O Comércio Rústico, Diamantina: Maria Fumaça, 2000.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	168
MONTEIRO, John Manuel, Negros da terra : índios e bandeirantes nas origens de Sao Paulo / 1995 Companhia das Letras.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	169

MONTES, Maria Lúcia. Entre o arcaico e o pós-moderno: heranças barrocas e a cultura da festa na construção da identidade brasileira.	SINCRETISMO – RELIGIÃO; SOCIEDADE.	BIBLIOTECA NACIONAL.	170
MOOG, Vianna. Bandeirantes e Pioneiros. Rio de Janeiro – São Paulo, 1954. Editora Globo. Paralelo Entre Duas culturas, 413p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	171
MORAES, C. C. P. ; ROCHA, Leandro Mendes ; WUST, I. . Atlas Histórico de Goiás. Goiania: CECAB, 2001. v. 1. 82 p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CL	172
MORAES, Luciano Jacques de e BARBOSA, Octávio. Ouro no Centro de Minas Gerais. Rio de Janeiro, 1939. Serviço de Publicidade Agrícola, 186p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	173
MOSER, Gerald. “Elementos medievais na literatura popular do Brasil”. In: Homenagem a Manuel Rodrigues Lapa. Boletim de Filologia (Lisboa), Tomo XXVIII, 1983.	<u>LITERATURA FOLCLÓRICA - BRASIL.</u>	BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS (FFLCH) DA USP.	174
MOURA, Gentil de Assis, O primeiro caminho para as minas de Cuyaba / 1975 Edicoes UFMT : Secretaria de Educação e Cultura.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	175
MOURA, Maria da Glória. Ritmo e ancestralidade na força dos tambores negros: o currículo invisível da festa. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação - USP. SP, mimeo, 1997.	ANTROPOLOGIA EDUCACIONAL; EDUCACAO (FILOSOFIA, TEORIA).	BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS (FFLCH) DA USP.	176
MUSEU DE ARTE BRASILEIRA. Barroco no Brasil. São Paulo: 1961.	LINGUAGEM MUSICAIS, ICONOGRÁFICAS E PERFORMÁTICAS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	177
MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. Arte Portuguesa (1550-1950). Rio de Janeiro: Bertrand, 1965. 45p.	LINGUAGEM MUSICAIS, ICONOGRÁFICAS E PERFORMÁTICAS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	178
NATAL E SILVA, Colemar. História de Goyaz. Vol. I e II. Rio de Janeiro: Estabelecimento Gráfico Mundo Médico Borsoi & C., 1935.	<u>GOIAS – HISTORIA.</u>	BIBLIOTECA DA UNIVERSIDAD E FEDERAL DE GOIÁS.	179

NINA RODRIGUES, Raimundo, Os africanos no Brasil . 4ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.	<u>NEGROS</u> <u>CONDICÕES SOCIAIS.</u>	BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UFMG.	180
O Ciclo do Ouro – Brasil Séc. XVIII. Rio e Janeiro, 1980. Banco Central do Brasil – Diretoria de Administração do Meio Circulante. Divisão Museu de Valores.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	181
OLIVEIRA, Tarquínio José Barbosa de. Ensaio da Casa dos contos: Conferências e Pesquisas Históricas, Varia. Ouro Preto: Casa dos Contos, 1977. 287p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	182
OLIVEIRA, Tarquínio José Barbosa de. Uma Experiência de Arquivologia: A Criação e a Finalidade do Centro de Estudos do Ciclo do Ouro, Instalado na Casa dos Contos. Ouro Preto: Centro de Estudos do Ciclo do Ouro, 1978. 28p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	183
OLIVEIRA, Tarquínio José de e LANARI, Cássio. Ouro Nas Minas Gerais, 1976. Ouro Preto. ESAF – Casa dos Contos 1ª Edição, 53p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	184
OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de Oliveira. História Cultural de Goiânia . Goiânia: Agepel/ UEG, 2002. (História de Goiás 3).	HISTORIA – CULTURA; GOIÁS.	<u>BIBLIOTECA NACIONAL</u>	185
OURIQUE, Ana Zenaide Gomes & JACHEMET, Célia Silva. Cavalcadas: uma tradição de raiz milenar . Porto Alegre: Edições EST, 1997.	CAVALHADAS – TRADIÇÃO; FOLCLORE.	<u>BIBLIOTECA NACIONAL</u>	186
PAES LEME, Pedro Taques de Almeida. Notícias das Minas de São Paulo e dos Sertões da mesma Capitania. São Paulo: Martins, 1954. 217p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	187

PAIVA, Clotilde Andrade. As Características Demográficas. In: _____. População e Economia nas Minas Gerais do Século XIX. São Paulo: Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da USP, em 2002. p. 128-155.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	188
PALACIN, Luiz. Subversão e Corrupção: um estudo da Administração Pombalina em Goiás. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1983. (Dois volumes)	<u>GOIAS (ESTADO) – HISTORIA - 1659-1770.</u>	BIBLIOTECA DA UNIVERSIDAD E FEDERAL DE GOIÁS.	189
PALACIN, Luiz. Goiás 1722-1822. Goiânia: Editora Oriente.	<u>GOIAS (ESTADO) – HISTORIA.</u>	BIBLIOTECA DA UNIVERSIDAD E FEDERAL DE GOIÁS.	190
PALACIN, Luiz; MORAES, M ^a Augusta Sant'Anna. História de Goiás. 6 ^a ed. Goiânia: Ed. Da UCG, 1994;	<u>GOIAS (ESTADO) – HISTORIA.</u>	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	191
PALACIN, Luiz; BORGES, Ana Maria. Patrimônio Histórico de Goiás. 1 ^a edição. Goiânia: Governo do Estado de Goiás / Secretaria de Cultura e Desporto / J. Câmara S/A / Gráfica O Popular, s/d.	<u>PATRIMONIO CULTURAL - GOIAS (ESTADO) - PROTEÇÃO; EDIFICIOS HISTORICOS - GOIAS (ESTADO); IGREJAS - GOIAS (ESTADO); GOIAS (ESTADO) - HISTORIA.</u>	BIBLIOTECA DA UNIVERSIDAD E FEDERAL DE GOIÁS.	192
PINTO, Virgílio Noya. O Ouro Brasileiro e o Comércio Anglo-Português: Uma Contribuição aos Estudos da Economia Atlântica no Século XVIII. São Paulo: Nacional, 1979. 346p, il.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	193
PINTO CORREIA, João David, Os romances carolíngios da tradição oral portuguesa. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1992.	TRADIÇÃO – FOCCLORE; PORTUGAL.	BIBLIOTECA NACIONAL	194
PIRES. Simeão Ribeiro. Raízes de Minas. Montes Claros: Minas Gráfica, 1979. 393p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	195

POHL, Johann Emanuel. Viagem ao interior do Brasil – 1817/21. Tradução Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Universidade de São Paulo – Coleção Reconquista do Brasil, v.14, 1976.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	196
PRADO JÚNIOR, Caio. Mineração. In:____. Formação do Brasil Contemporâneo. 18ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983 [1943].p. 169-185.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	197
RAMOS, D. A Social History Of Ouro Preto, Flórida, The University Of Florida, 1973.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	198
RESENDE, M. L. Gentios Brasíliaicos, tese de doutoramento apresentada à Unicamp, 2003.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	199
RIBEIRO, Regina Helena de Araújo. Bandeirantes : buscando riquezas, desbravando o sertão. 2004; Saraiva.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	200
RIBEIRO, Joaquim. Folklore dos Bandeirantes. Rio de Janeiro, 1946. Livraria José Olympio Editora, 212p.	CELEBRAÇÕES, FESTAS E FOLGUEDOS QUE MARCARAM ESPIRITUALMENTE A VIVÊNCIA DO TRABALHO, DA RELIGIOSIDADE, DO ENTRETENIMENTO E DA VIDA COTIDIANA	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	201
RICARDO, Cassiano, Marcha para oeste : a influencia da Bandeira na formacao social e politica do Brasil) / 1970 J. Olympio ; Ed. da USP.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	202
RICARDO, Cassiano. Marcha para Oeste. Rio de Janeiro, 1942. Livraria José Olympio Editora. 2ª Edição. Volumes I e II, 279p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	203
RODRIGUES, F. Contreiras. Traços da economia Social e Política do Brasil Colonial. Rio de Janeiro: Ariel, 1935. 300p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	204
RODRIGUES, J. Lopes. Natividade: fragmentos do passado. Natividade/Goíás. 6.7.1978.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	205
ROMEIRO, Adriana. Dicionário histórico das Minas Gerais : período colonial / 2004 Autêntica.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	206

ROMEIRO, A. . As aventuras de um viajante no Império português: trocas culturais e tolerância religiosa no século XVIII.. O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver (séculos XVI a XIX).. São Paulo: Annablume/Programa de Pós-Graduação de História da UFMG, 2002, v. 1, p. 198-212.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CL	207
ROMEIRO, A. ; FURTADO, J. F. . Caminhos do ouro e Estrada Real. In: COSTA, Gilberto Antonio. (Org.). Caminhos do Ouro. Belo Horizonte/Lisboa: UFMG/KAPA, 2005, v. 1, p. 25-43.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CL	208
ROMEIRO, A. & BOTELHO, A. V. Dicionário Histórico de Minas Gerais. Período Colonial, Belo Horizonte: Autêntica, 2003.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	209
ROSA, Mercedes. Aspectos da ourivesaria sacra na Bahia seculos XVIII e XIX / 1982 s.n..	SABERES E MODOS DE FAZER ENRAIZADOS NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES	BIBLIOTECA NACIONAL	210
SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem à província de Goiás. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	211
SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goyaz. São Paulo: Nacional, 1944.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	212
SALLES, Fritz Teixeira de. Associações Religiosas no Ciclo do Ouro. Belo Horizonte: Universidade de Minas Gerais, 1963. 135p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	213
SALVADOR, José Gonçalves. Cristãos Novos em Minas Gerais Durante o Ciclo do Ouro, 1695-1755: Relações com a Inglaterra. São Paulo:Pioneira, 1992.197p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	214
SALVADOR. Prefeitura Municipal. Registro das Marcas dos Ensaiaadores de Ouro e Prata da Cidade de Salvador 1725-1845. Salvador: [S.N], 1952. 107p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	215

SANTOS, Helena Mendes dos; CHUVA, Márcia Regina Romeiro. Conjunto Urbanístico, Arquitetônico e Paisagístico de Natividade. In: <i>Estudos de Tombamento</i> / Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento de Promoção. Rio de Janeiro: IPHA, 1995.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	216
SANTOS, Reinaldo dos. Oito Séculos de Arte Portuguesa: História e Espírito. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1970. 478p. il. v.3.	SABERES E MODOS DE FAZER ENRAIZADOS NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	217
SANTOS, Márcio. Estradas Reais: Introdução ao estudo dos Caminhos do Ouro e do Diamante no Brasil. Belo Horizonte: Estrada Real, 2001.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	218
SATHLER, Evandro, Tropeiros & outros viajantes / 2003 UFF, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito : E. Sathler.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA NACIONAL	219
SÉBILLOT, Paul. Les Travaux Publics Et Les Minas. Dans Les Traditions Et Les Supertitions de Tons Les Pays. Paris. 1894. J. Rothschild Éditeur, 623p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	220
SILVA, Colemar Natal e. História de Goyaz . Rio de Janeiro: Borsoi S. C.	<u>GOIAS – HISTORIA.</u>	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	221
SILVA, Mônica Martins da. A Festa do Divino: romantização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1988) . Goiânia: 2001.	<u>HISTÓRIA; HISTORIA REGIONAL DO BRASIL; DIVINO, FESTA DO - PIRENÓPOLIS (GO).</u>	<u>BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE E FEDERAL DE GOIÁS.</u>	222
SILVICLENE, gaspar dos Santos. As visitas pastorais em goiás no século XVIII. 2002. 0 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Federal de Goiás. Orientador: Cristina de Cássia Pereira Moraes.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	UFG	223
SIMONSEN, Roberto Cochrane. História Econômica do Brasil 1500-1820. 2ed: Nacional, 1944. 366p. il. v.2.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	224

SOUZA, Luiz Antônio da Silva e. Descobrimento da Capitania de Goyaz (Governo, população e coisas mais notáveis) 30 de setembro de 1812. Goiânia: UFG, 1967.	<u>GOIAS -</u> <u>DESCOBRIMENTO.</u>	BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS.	225
SOUZA, Marina de Mello e. Reis negros no Brasil escravista: história da festa de Coroação de Rei Gongo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.	<u>FOLCLORE; FESTAS</u> <u>RELIGIOSAS;</u> <u>FESTAS</u> <u>POPULARES;</u> <u>CONGADAS;</u> <u>NEGROS.</u>	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	226
SOUZA VITERBO. Artes e artistas em Portugal. 2.ed. Lisboa: Livraria Ferin, 1920. 331p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILAR (OURO PRETO)	227
SPIX, Johann Baptist von, 1781-1826. Viagem pelo Brasil: 1817-1820. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.	RELATOS DE VIAGENS.	BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS DA UFOP.	228
TAUNAY, Afonso de E. História Geral das Bandeiras Paulistas. São Paulo, 1924. Typografia Ideal. Tomo 1º, 370p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	229
TAUNAY, Afonso de E. História Geral das Bandeiras Paulistas. São Paulo, 1924. Typografia Ideal. Tomo 2º, 379p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	230
TAUNAY, Afonso de E. História Geral das Bandeiras Paulistas. São Paulo, 1924. Typografia Ideal. Tomo 3º, 366p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	231
TAUNAY, Afonso de E. História Geral das Bandeiras Paulistas. São Paulo, 1924. Typografia Ideal. Tomo 4º, 401p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	232
TAUNAY, Afonso de E. História Geral das Bandeiras Paulistas. São Paulo, 1924. Typografia Ideal. Tomo 5º, 366p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	233
TAUNAY, Afonso de E. História Geral das Bandeiras Paulistas. São Paulo, 1924. Typografia Ideal. Tomo 6º, 372p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	234
TAUNAY, Afonso de E. História Geral das Bandeiras Paulistas. São Paulo, 1924. Typografia Ideal. Tomo 7º, 377p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	235
TAUNAY, Afonso de E. História Geral das Bandeiras Paulistas. São Paulo, 1924. Typografia Ideal. Tomo 8º, 545p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	236

TAUNAY, Afonso de E. História Geral das Bandeiras Paulistas. São Paulo, 1924. Typografia Ideal. Tomo 9º, 676p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	237
TAUNAY, Afonso de E. História Geral das Bandeiras Paulistas. São Paulo, 1924. Typografia Ideal. Tomo 10º, 379p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	238
TAUNAY, Afonso de E. História Geral das Bandeiras Paulistas. São Paulo, 1924. Typografia Ideal. Tomo 11º, 313 páginas 1ª parte e 219 da 2ª parte.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	239
TEIXEIRA, Maximiano da Matta. Outras estórias de Goiás. Goiânia: Unigraf, 1983.	FOLCLORE – GOIÁS.	BIBLIOTECA NACIONAL	240
TEIXEIRA, Jose. Folklore goiano : concioneiro, lendas, superstições. São Paulo: Nacional, 1941.	HISTORIA DO BRASIL - CULTURA (FOLCLORE)	BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS (FFLCH) DA USP.	241
THE HISPANIC SOCIETY OF AMERICA. Handbook of Museum and Library Collections. New York: Trustees, 1938. 442p. il.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	242
TINHORÃO, José Ramos. As festas no Brasil Colonial. São Paulo: Editora 34, 2000.	FESTAS RELIGIOSAS; FESTAS FOLCLORICAS; BRASIL.	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	243
TORRES, João Camillo de Oliveira. Estratificação Social no Brasil: Suas Origens Históricas e Suas Relações Com a Organização Política do País. São Paulo: Difel, 1965. 222p. il.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	244
UNESCO. Culturas Africanas. Documentos da Reunião de Peritos sobre “As sobrevivências das Tradições Religiosas Africanas nas Caraíbas e na América Latina”. São Luís, 24-29 de junho de 1985. Paris, s. ed., 1986. Com edição em francês, inglês e português.	RELIGIÃO – TRADIÇÃO; SINCRETISMO.	BIBLIOTECA NACIONAL	245

VALLADARES, José. Arte Brasileira: Publicações de 1943-1953, Bibliografia Comentada com Índice Remissivo. Salvador: Centro de Estudos Bahianos, 1955. 78p.	SABERES E MODOS DE FAZER ENRAIZADOS NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	246
VALLADARES, José. Estudos de Arte Brasileira. [S.I]: Museu do Estado da Bahia, 1960. 193p.	SABERES E MODOS DE FAZER ENRAIZADOS NO COTIDIANO DAS COMUNIDADES	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	247
VAUCHEZ, A.. A Espiritualidade da Idade Média Ocidental Séc VIII-XIII . Trad. Teresa Antunes Cardoso. Lisboa. Editorial Estampa. 1995.	<u>ESPIRITUALIDADE HISTORIA - SEC. VIII-XIII; VIDA ESPIRITUAL - HISTORIA - SEC. VIII-XIII; CRISTIANISMO - HISTORIA DAS DOCTRINAS IDADE MEDIA, 600-1500.</u>	BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DA UFMG.	248
VARAZZE, Jacopo. Legenda Áurea: Vidas de Santos . São Paulo: Companhia das Letras, 2003.	<u>SANTOS CRISTÃOS.</u>	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	249
VASCONCELOS, Jorge Luiz Ribeiro de. Passos da fé e da folia : etnografia musical de uma congada mineira / Jorge Luiz Ribeiro de Vasconcelos. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003.	<u>CULTURA POPULAR; MUSICA POPULAR; ETNOMUSICOLOGIA ; CONGADAS; FOLCLORE BRASILEIRO.</u>	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	250
VASCONCELOS, Diogo de. Breve Descrição Geográfica, Física e Política da Capitania de Minas Gerais. Estudo Crítico por Carla Maria Junho Anastásia; Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1994, 1888p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	251
VASCONCELOS, Diogo de. História Antiga das Minas Gerais (1703-1720). Rio de Janeiro, 1948. Imprensa Nacional. Volumes 1º e 2º.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	252
VASCONCELOS, Diogo de. História Média de Minas Gerais. Rio de Janeiro, 1948. Imprensa Nacional, 425p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	253

VEIGA, José Pedro Xavier da. Ephemerides Mineira. Ouro Preto, 1897. Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. Volumes I a IV 1664-1897.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	254
VENÂNCIO, Renato Pinto. Caminho Novo: A longa Duração. Varia História, Belo Horizonte, v.21, p.181-189, 1999.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	BIBLIOTECA DO ICHS (UFOP)	255
VIANA, Mário Gonçalves, “As cavalhadas em Portugal e no Brasil: ensaio de história comparada”, Boletim Cultural (Junta Distrital de Lisboa), nº 75-78, 1971-1972.	CAVALHADA – FOLCLORE; SINCRETISMO.	<u>BIBLIOTECA NACIONAL.</u>	256
VIANNA, Hélio. Formação Brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. 258p. il.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DO PILLAR (OURO PRETO)	257
VIANNA, Urbino. Bandeiras e Sertanistas Bahianos. São Paulo. São Paulo, 1935. Cia. Editora Nacional, 207p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	258
ZEMELLA, Mafalda P. O Abastecimento da Capitania de Minas Gerais no Século XVIII – 2ª Ed. – São Paulo: Hucitec: Editora da USP, 1990. (Estudos Históricos) Volume 19, 247p.	ESPAÇOS EM QUE SE PRODUZEM AS PRÁTICAS CULTURAIS	CASA DOS CONTOS (OURO PRETO)	259
WALSH, Robert. Notícias do Brasil [1828-1829] . Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1985.	RELATOS DE VIAGENS.	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	260
WECKMANN, Luis. La herencia medieval del Brasil . México: Fondo de Cultura Económica, 1993.	HISTORIA DO BRASIL	<u>BIBLIOTECA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS (FFLCH) DA USP.</u>	261
KARNALL, Leandro. Teatro da fé: representação religiosa no Brasil e no México do século XVI . São Paulo: Editora HUCITEC, 1998.	RELIGIÃO – SÉCULO XVI.	BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE CIÊNCIA HUMANAS E SOCIAIS DA UFOP.	262

Publicações seriadas

Referência	Assunto	Onde encontrar	Nº
ALENCASTRE, José Martins Pereira de. Annaes da Província de Goyaz. In: Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico do Brasil. Jul./set. 1864.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	263
ANASTASIA, C. M. J. . Conflitos de jurisdição e violência nos sertões da comarca do Rio das Mortes (Minas Gerais). Revista Politéia, Vitória da Conquista/BA, v. 1, p. 140-152, 2003.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	264
ANASTASIA, C. M. J. . Mandonismo bandoleiro: conflitos de jurisdição e violência de escravos e libertos nos sertões da capitania de Minas Gerais, Brasil, século XVIII. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Rio de Janeiro, v. 423, 2004.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	265
ANASTASIA, C. M. J. ; FURTADO, J. F. . A Estrada Real na História de Minas Gerais. História & Perspectivas, v. 20, p. 33-54, 1999.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	266
BARROCO, Belo Horizonte, v.6, 1974.	Linguagem musicais, iconográficas e performáticas	Biblioteca do ICHS (UFOP)	267
BOAVENTURA, D. M. R. . O EDIFÍCIO RELIGIOSO E A FORMAÇÃO URBANA DE VILA BOA DE GOIÁS. FRAGMENTOS DE CULTURA, GOIÂNIA, v. 12, N. 3, P. 345-369, 2002.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	268
BOAVENTURA, D. M. R. . CONSTRUÇÃO DE IGREJA E CAPELAS EM VILA BOA DE GOIÁS NO SÉCULO XVIII. FRAGMENTOS DE CULTURA, GOIÂNIA, v. 11, N. 2, P. 311-324, 2001.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	269
ESPIG, Márcia Janete. De Roncesvales ao contestado: resignificações da memória carolíngia na Península Ibérica e no Brasil, Estudos Ibero-Americanos (PUCRS), Vol. XXV nº 1, 1999.	Religião – Sincretismo.	Biblioteca do Instituto de Ciência Humanas e Sociais da UFOP.	270
GARDNER, George. Viagem ao interior do Brasil – 1836/41. Tradução Milton Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP – Coleção Reconquista do Brasil, 1975. v.13.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	271
GOMES, J. Pinharanda. “Cultos Portugueses do Divino Espírito Santo (Contributo Bibliográfico)”. Separata da Revista Theologica . Braga. s/data.	Festa do Divino Espírito Santo; Sincretismo.	Biblioteca do Instituto de Ciência Humanas e Sociais da UFOP.	272

MAGNANI, José G. Cantor. "Cultura Popular: controvérsias e perspectivas." <i>Bib</i> 12:23-39, 1982.	Cultura Popular.	Biblioteca do Instituto de Ciência Humanas e Sociais UFOP.	273
MORAES, C. C. P. . A Capitania dos Guayazes em festa. As comemorações pela convalescência do Rei D. José I em 1760. Estudos Ibero-americanos, Porto Alegre RS, v. 1, n. 1, p. 81-92, 1999.	Celebrações, festas e folguedos que marcaram espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e da vida cotidiana	CL	274
MORAES, C. C. P. . A ocupação do sertão de Goiás no século XVIII. Revista de História (Rio de Janeiro), 2007.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	275
MORAES, C. C. P. . A Religiosidade nos setecentos nos Guayazes: Uma questão de enraizamento ou desenraizamento? . In: V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2002, Ouro Preto. Humanidades, Universidade e Democracia. Ouro Preto : Universidade Federal de Ouro Preto, 2001.	Celebrações, festas e folguedos que marcaram espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e da vida cotidiana	CL	276
MORAES, C. C. P. . A Vila com Eira e Beira: A ocupação e Fixação de Homens e Mulheres no Sertão dos Guayazes.. História: Acontecimento e narrativa, João Pessoa, p. 186-195, 2003.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	277
MORAES, C. C. P. . As estratégias usadas pela espada e pela estola na ocupação dos Guayazes: A criação da prelazia de Goiás e de Cuiabá. As muitas faces do Cristianismo, Goiania, p. 22-45, 2005.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	278
MORAES, C. C. P. . Benção e Maldição na terra dos Guayazes: Uma análise sobre os costumes no século XVIII. In: IV Semana de História da UFG, 2001, Goiânia. Semana de História. Goiânia : Universidade Federal de Goiás, 2001. p. 69-69.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	279
MORAES, C. C. P. . Deus e o Diabo no sertão dos Guayazes: abusos e desmandos do vigário da Vara de Vila Boa. Sociedade e cultura, v. 9, p. 91-103, 2006.	Celebrações, festas e folguedos que marcaram espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e da vida cotidiana	CL	280

MORAES, C. C. P. . Espaços de Sociabilidade e Fraternidade: as Irmandades e confrarias em Vila Boa de Goiás. In: Simpósio Regional do CEHILA, 2002, Cidade de Goiás. Vivência do Sagrado no centro-oeste. Goiania : CEHILA, 2002. p. 3-3.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	281
MORAES, C. C. P. . Faça o que mando, mas olha o que eu faço: Um estudo sobre a religiosidade no setecentos.. Portugal Brasil Memória e Imaginário, Lisboa: Calouste Gulbenkian, v. 2, p. 170-181, 2001.	Celebrações, festas e folguedos que marcaram espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e da vida cotidiana	CL	282
MORAES, C. C. P. . Faço o que Vossa Mercê Manda, mas olha o que eu faço. Um estudo sobre a religiosidade na constituição da sociedade em Goiás 1736-1770.. In: Congresso Luso-Brasileiro: Portugal-Brasil: Memórias e Imaginários, 2000, Lisboa. Actas Oirtygak-Brasil: Memórias e Imaginários. Lisboa : Fundação Caloute Gulbenkian, 1999. v. 1. p. 170-181.	Celebrações, festas e folguedos que marcaram espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e da vida cotidiana	CL	283
MORAES, C. C. P. . O cristianismo na ocupação do centro-oeste. In: COUTINHO, Sergio R.. (Org.). Religiosidades, Misticismo e História do Brasil central. Brasília: CEHILA, 2001, v. , p.	Celebrações, festas e folguedos que marcaram espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e da vida cotidiana	CL	284
MORAES, C. C. P. . O Hospital de Caridade São Pedro de Alcântara e os trabalhadores na Cidade de Goiás 1830-1860. In: Lena Castelo Branco Ferreira de Freitas. (Org.). Saude e Doença em Goiás. A Medicina Possível.. 1 ed. Goiânia: Ed. da UFG, 1999, v. 1, p. 129-168.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	285
MORAES, C. C. P. . O Público e o Privado no Espaço Rural da Província de Goiás. Uniciência, Universidade Estadual de Goiás, v. 2, 1994.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	286
MORAES, C. C. P. . O Tráfico de escravos para os Guayazes no século XVIII. In: II Simposio Internacional de História, 2005, Goiânia. Cultura e Identidade, 2005. v. 1. p. 193-193.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	287

MORAES, C. C. P. . Reflexões sobre a História de Goiás no século XVIII através da religiosidade e dos costumes. In: VII Encontro Regional da ANPUH-Go e I Simpósio Internacional sobre arquivos permanentes, 2001, Goiania. Minorias, Identidade e Memória. Goiania : ANPUH/ARQAS, 2001. p. 11-11.	Celebrações, festas e folguedos que marcaram espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e da vida cotidiana	CL	288
MORAES, C. C. P. . Rua, Casa e outro mundo: A cidade de Goiás no século XIX. Uniciência, Universidade Estadual de Goiás, v. 1, 1994.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	289
MORAES, C. C. P. . Inventário de Fontes para a História Regional em Goiás. História Revista, Ed UFG, v. 1, n. 2, p. 19-35, 1996.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	290
MORAES, C. C. P. . Sociabilidade e religião na capital de Goyaz: confraria, casamento e vivência religiosa. In: III Simpósio Regional do CEHILA, 2006, Cidade de Goiás. Cristianismo em Goiás: Um balanço historiográfico. Goiânia : Ed. DEESCUBRA. v. 1. p. 6-6.	Celebrações, festas e folguedos que marcaram espiritualmente a vivência do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e da vida cotidiana	CL	291
MORAES, C. C. P. . TERRITÓRIOS DE EL REY: LIMITES DAS PRELAZIAS, PASSAGENS E FRONTEIRAS ENTRE PORTUGAL, GOIÁS E CUIABÁ. IN: I ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA:ANPUH-MT, 2001, CUIABÁ. TERRITORIALIDADES, MEMÓRIAS E IDENTIDADES. CUIABÁ : UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO, 2001. P. 2-2.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	292
MORAES, C. C. P. . TRABALHAR OU VADIAR. UMA ANÁLISE SOBRE OS TRABALHADORES NA PROVÍNCIA DE GOIÁS. SOLTA VOZ, CEGRAF, v. 8, p. 15-21, 1998.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	293
MORAES, C. C. P. . UM REPENSAR SOBRE OS ASPECTOS DA OCUPAÇÃO DA PROVÍNCIA DE GOIÁS POR MINEIROS NO PERÍODO REGENCIAL. IN: X ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-MG, 1996, MARIANA MG. EXCLUSÃO SOCIAL. OURO PRETO MG : UFOP, 1996.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	UFOP	294
PIRES, Antonio Olyntho dos Santos. A Mineração. Riquezas Minerais. Memória. Livro do Centenário. 1ª Parte, 163p.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	Casa dos Contos (Ouro Preto)	295
ROMEIRO, A. . A febre do ouro. Nossa História, Rio de Janeiro, p. 12 - 18, 05 out. 2006.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	296
ROMEIRO, A. . As contradições da sociedade mineira dos setecentos. Varia História, v. 22, p. 10-20, 1999.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	297

ROMEIRO, A. . No rastro dos emboabas. História Viva, São Paulo, p. 44 - 51, 05 jun. 2006.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	298
SILVA, C. ALVES DA . FONTES HISTÓRICAS E ETNO-HISTÓRIA: POSSIBILIDADES DE NOVAS ABORDAGENS PARA UMA HISTÓRIA INDÍGENA DO TOCANTINS. IN: III SEMINÁRIO FONTES HISTÓRICAS - PATRIMÔNIO DA SOCIEDADE: MEMÓRIA, HISTÓRIA E PRESERVAÇÃO, 2004, PALMAS - TO. ANAIS DO III SEMINÁRIO FONTES HISTÓRICAS - PATRIMÔNIO DA SOCIEDADE: MEMÓRIA, HISTÓRIA E PRESERVAÇÃO. PALMAS - TO : UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, 2004. v. 1. P. 1-14.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	299
SILVA, C. ALVES DA . GUERRA COMO ESTRATÉGIA: CONTATOS ENTRE AKWEN E LUSO-BRASILEIROS NA CAPITANIA DE GOIÁS (1749-1811). IN: XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - HISTÓRIA: GUERRA E PAZ, 2005, LONDRINA - PR. ANAIS DO XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - HISTÓRIA: GUERRA E PAZ. LONDRINA - PR : ANPUH - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA. v. 1. P. 1-8.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	300
SILVA, C. ALVES DA . OS AKWEN DO SÉCULO XVIII EM GOIÁS: APONTAMENTOS HISTORIOGRÁFICOS E PERSPECTIVAS DE TRABALHO PARA UMA HISTÓRIA INDÍGENA. REVISTA ARANDU, DOURADOS - MS, v. 9, n. 1, p. 14-39, 2006.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	301
SILVA, C. ALVES DA . UM OLHAR SOBRE O CONTATO: DINÂMICA E RESISTÊNCIA AKWEN DIANTE DO CONQUISTADOR NA CAPITANIA DE GOIÁS NO SÉCULO XVIII - CONSIDERAÇÕES INICIAIS. IN: IX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES /ANPUH - PR, 2004, PONTA GROSSA - PR. ANAIS DO IX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES /ANPUH - PR. PONTA GROSSA - PR : ANPUH/PR - DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA/UEPG, 2004. v. 1. P. 1-13.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	302
SILVA, C. ALVES DA ; EREMITES DE OLIVEIRA, JORGE . FONTES TEXTUAIS E ETNOISTÓRIA: POSSIBILIDADES DE NOVAS ABORDAGENS PARA UMA HISTÓRIA INDÍGENA DO TOCANTINS. REVISTA DO MUSEU ANTROPOLÓGICO, GOIANIA – GO, v. 8, n. 1, p. 77-84, 2005.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	303
SILVA, C. ALVES DA ; GIRALDIN, ODAIR . O ÍNDIO OU O OURO: OS CONTATOS ENTRE AKWEN E OS CONQUISTADORES NO NORTE DA CAPITANIA DE GOIÁS (HOJE TOCANTINS): 1749-1811. TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS, CUIABÁ - MT, v. 5, n. 2, p. 157-170, 2004.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	304

SOUZA, Luiz Antônio da Silva e (Padre). Memória sobre o descobrimento, governo, população e cousas mais notáveis da Capitania de Goyaz. In: Revista Trimestral de História e Geografia.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	305
Varia história, Belo Horizonte, nº 21, 1985 (Número Especial dedicado ao Códice Costa Matoso).	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	306

Pequenos impressos (folders, cartazes, etc.)

Referência	Assunto	Onde encontrar	Nº
CLUBE DE ARTE SANTOS. I Mostra de Antiguidades. Santos: 1966.	Saberes e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades	Biblioteca do ICHS (UFOP)	307
			308
			309

Textos inéditos, relatórios técnicos e manuscritos

Referência	Assunto	Onde encontrar	Nº
BRASIL, Ministério da Fazenda. Casa dos Contos Vila Rica: Códices e Documentos Avulsos. Belo Horizonte: [S.D] v.1.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	Casa do Pillar (Ouro Preto)	310
Boschi, Caio César. Fontes primárias para a história de Minas Gerais em Portugal / 1998 Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	311
CENTRO DE ESTUDOS DO CICLO DO OURO. Códices e Documentos Avulsos: Casa dos Contos, Vila Rica – Documentação. Ouro Preto: SEGRAF, v.1.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	Casa do Pillar (Ouro Preto)	312
Códice Costa Matoso : coleção das notícias dos primeiros descobrimentos das minas na América que fez o doutor Caetano da Costa Matoso sendo ouvidor-ge 1999 Fundação João Pinheiro.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	Biblioteca Nacional	313
Inventário dos manuscritos avulsos relativos a Minas Gerais existentes no Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa) / 2000 Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	Biblioteca Nacional	314

MATHIAS, Herculano Gomes. Autos da Devassa da Inconfidência Mineira: Complementação Documental. Ouro Preto: MINC – IPHAN – Museu da Inconfidência, 2001. 175p.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	CL	315
VALADARES, V. & REIS, L. Minas Colonial em documentos, Belo Horizonte, Expressão, 1999.	Espaços em que se produzem as práticas culturais	Biblioteca Nacional	316
		CL	317

Técnicos responsáveis

Pesquisador(es)			
Supervisor			
Preenchido por		Data	
Responsável pelo inventário			

Anexo 1

Fotos Referentes ao Item A: Identificação e documentação dos trabalhos - Cópia também em CD



Raphael Mendes 2007



Raphael Mendes 2007



Raphael Mendes 2007



Raphael Mendes 2007



Raphael Mendes 2007



Raphael Mendes 2007



Raphael Mendes 2007



Raphael Mendes 2007



Raphael Mendes 2007



Sandra Lima 2007



Raphael Mendes 2007



Sandra Lima 2007



Sandra Lima 2007



Sandra Lima 2007



Sandra Lima 2007



Sandra Lima 2007



Sandra Lima 2007



Sandra Lima 2007

Anexo 2

DVD que segue anexo com o registro de áudio das entrevistas realizadas em Natividade

Anexo 3

DVD que segue anexo contendo ampla amostra do registro fotográfico

Anexo 4

Primeiro Relatório Referente às Fontes Documentais (Testamentos e Inventários)

MINISTÉRIO DA CULTURA
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO
NACIONAL – IPHAN
14ª SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT

PROJETO – INSTRUÇÃO TÉCNICA DO PROCESSO DE REGISTRO
DA OURIVESARIA EM FILIGRANA EM NATIVIDADE/TO -
INVENTÁRIO

**PRIMEIRO RELATÓRIO REFERENTE À PESQUISA
DOCUMENTAL-CARTORIAL**

A pesquisa documental em acervos cartoriais foi acompanhada por um esforço empírico objetivando documentar a vida cotidiana de natividade em sua complexidade no século XIX procurando dados da cultura imaterial que enriquecesse o projeto – Instrução Técnica do Processo de registro da Ourivesaria em Filigrana de Natividade. Procurou-se ampliar os horizontes da pesquisa lançando mão de fontes inéditas, ou seja, inventários e testamentos, verificando a diversidade das práticas culturais imateriais nativitanas objetivando visualizar nas entrelinhas documentais as correlações entre ofícios, formas de expressão, celebrações, edificações e lugares.

Os inventários e testamentos são documentos riquíssimos para a pesquisa proposta. São fontes históricas de caráter jurídico-civil que ao se aplicar métodos de análise seja qualitativo ou quantitativo revelam informações de ordem social, cultural, econômica e outras.

Os inventários são instrumentos de disposições materiais. Estes contém, além da relação de herdeiros, a avaliação dos bens móveis e imóveis, ou de raiz, com suas devidas avaliações, relações de dívidas, partilhas, termos de curadoria ou tutoria, petições de várias naturezas, despachos de juízes, certidões, notificações etc. Neles é possível desenvolver pesquisas sobre a cultura imaterial de homens e mulheres no passado através das listas de bens deixados descritos nos documentos. Como exemplo os escravos que ao serem citados muitas vezes lhes davam valor pelos ofícios e especializações.

Os testamentos tratavam, sobretudo, das disposições de última vontade do testador, relativa às obras pias em favor da sua alma, sua naturalidade, estado civil e listagem de filhos e alguns legados especiais. Nesse tipo de documentação, como a que se encontrou em Natividade, é possível verificar traços da cultura imaterial descritas nas últimas vontades do senhor de escravos que informavam como desejavam que fossem as cerimônias de seu funeral, muitas vezes evidenciando os desejos das celebrações de religiosidade popular vinculadas as irmandades e confrarias como a de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário. Ou seja, rituais funerários que marcavam as vivências coletivas da religiosidade popular e de outras práticas da vida social nativitana oitocentista.

No que se refere à pesquisa documental-cartorial foram elaborados instrumentos de pesquisa como fichas para preenchimento de dados de inventários e testamentos dos séculos XVIII e XIX.

A pesquisa documental objetivou conhecer no tempo e espaço as primeiras formas-representações, adorno, costumes e circulação das jóias, especialmente em filigrana que eram ostentadas no cotidiano da sociedade nativitana e que direta ou indiretamente tinham a influencia negro-africana já que as práticas culturais e sociais estavam pautadas no sistema escravista de origem africana.

No preenchimento da primeiras fichas para a arrolação documental, criação de banco de dados e posterior análise foram identificados dezenas de senhores de escravos que registraram em inventários e testamentos bens móveis representados pela posse de jóias em ouro e prata e também registraram as origens etnico-linguísticos da sua escravaria, revelando um quantitativo importante dos negros Mina, da Costa do Ouro que trouxeram importantes técnicas de mineração e possivelmente de joalheria (como era de costume na África ocidental) para a vila de Natividade.²⁸

A partir da sua ocupação inicial e no transcorrer do período setecentista, Natividade recebeu escravos de dois grandes grupos lingüísticos africanos: sudanes e banto. Os sudanes eram, normalmente, adquiridos na Bahia, vinham em comboios do Recôncavo Baiano, via sertão do São Francisco em direção a Natividade. Os banto, normalmente, afluíam para a região de Natividade vindos do porto do Rio de Janeiro.²⁹

²⁸ APOLINARIO, Juciene Ricarte. **Escravidão Negra no Tocantins Colonial**. Vivências escravistas em Arraías (1739-1800). 2. Ed. Goiânia: Kelps, 2007.

²⁹ Idem

Sudaneses eram os negros procedentes do Golfo de Benin, na África Ocidental: Nagô, Iorubá, Jejê, Mina, entre outros.³⁰

Os negros denominados minas eram, freqüentemente, utilizados na mineração, por já trazerem da África métodos de extração aurífera. Na África, os minas conheciam a mineração de ouro aluvional que coletavam na curva do rio Niger, nas áreas de Baimbuk e Buré, desde a Idade Média. A metalurgia africana, em vários aspectos, encontrava-se em um estágio tecnológico mais adiantado do que a dos europeus. Esses negros faziam parte dos “povos de língua EWÊ, do Togo e Daomé (do grupo KWA), segundo Pierre Verger, provenientes dos portos ao longo da Costa do Daomé, mas teria emigrado na opinião de Vivaldo da Costa Lima, da região da Mina (Gana) para a região de Anexô (entre os atuais Togo e Daomé)”³¹.

De acordo com Alberto Costa e Silva as principais regiões onde se exploravam o ouro, por volta do século XVI, fosse de origem aluvional ou de rocha em profundidade, eram a núbia, banbuk (nos limites do Guiné-conacri), Lobi (sobre o rio Volta Negro), o país dos Ashanti (no atual Gana) e o planalto oriental de Zimbábue.³²

Sabe-se, que os minas, foram os mais utilizados durante a faina extrativa das minas de Goiás, especialmente no século XIX, outrossim, eram valorizados nessa região, posto que já traziam de África várias técnicas de extração aurífera. Segundo Paiva (2002), o termo Mina, sucinta interpretações, ou seja, a origem do termo tem associação com o castelo de São Jorge da Mina, erguido pelos portugueses, em 1482, na costa africana, onde, hoje, fica Gana. A região passou então a ser chamada de Costa da Mina. Os escravos embarcados nos portos existentes nessa região eram, então, chamados de Mina. Assim sendo, levavam a denominação de onde eram embarcados, ainda que fossem oriundos de outras regiões.

Existia uma tradição entre os luso-brasileiros que investiam nas áreas mineradoras do Brasil de que os escravos Mina tinham poderes de descobrir ouro. Como já se asseverou há séculos que os homens e mulheres da Costa da Mina conheciam as técnicas de mineração e também de fundição de metais preciosos. O que levou os

³⁰ APOLINARIO, Juciene Ricarte. **Vivências escravistas no norte de Goiás no século XVIII**. In. GIRALDIN, Odair (Org.) **A (Trans)formação histórica do Tocantins**. 2. ed. Goiânia: UFG.Palmas:UNITINS, 2004.

³¹ Idem.

³² SILVA, Alberto Costa. **A enxada e a lança**. A África antes dos portugueses. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996, p. 136.

traficantes luso-brasileiros a sempre escolherem os negros e negras Mina foi principalmente pelo conhecimento das técnicas de mineração e metalurgia.³³

A Mina, assim como, outros povos africanos, foram agentes de mediação cultural junto aos habitantes da capitania de Goiás. Mesmo que tenha existido adaptações ressignificações e hibridações culturais os escravos e escravas da região da Costa da Mina tornaram-se atores singulares, ao criarem espaços de liberdade e resistência ao moldarem e rearranjarem as práticas culturais da sociedade escravista mineradora, entre elas o “saber fazer”³⁴.

A partir das análises dos primeiros inventários e testamentos para esta pesquisa é provável que em Natividade que se localizava no norte goiano no ofício da joalheria utilizando técnica de filigrana, as mãos de escravos negros tenham contribuído para ressignificar as formas, traçados e símbolos que passaram a adornar os corpos das senhoras de escravos sejam brancas ou negras forras. Jóias que até os dias atuais fazem parte da cultura material e imaterial da sociedade nativitana no atual estado do Tocantins³⁵.

³³ APOLINARIO, Juciene Ricarte. **Escravidão Negra no Tocantins Colonial**. Vivências escravistas em Arraías (1739-1800). 2. Ed. Goiânia: Kelps, 2007.

³⁴ Idem.

³⁵ Idem.

Anexo 5

Fichas Referentes à Identificação dos Documentos Cartoriais (Testamentos e Inventários)

1 – TABELA – ANÁLISE GERAL – DOCUMENTO CARTORIAL – INVENTÁRIO – BENS

INVENTÁRIO DE: FRANCISCO FERNANDES CERQUEIRA. ANO: 1802.

INVENTARIANTE: FRANCISCO FERNANDES CERQUEIRA.

ARRAIAL/VILA: Arraial e Minas de Nossa Senhora de Natividade.

BENS ARROLADOS:

1- IMÓVEIS

- (X) TERRAS PARA CRIATÓRIO/PECUÁRIA
- () TERRAS PARA ROÇADOS/SUBSISTÊNCIA
- () TERRAS PARA MINERAÇÃO
- () COMERCIANTE

2- MÓVEIS

- (X) ESCRAVOS(AS): Nº 8 Escravos mais 1 Negrinha
- () GADOS – CAVALOS.

BENS MÓVEIS – Pg. 14	BENS IMÓVEIS	PEÇAS/JOIAS – PG 10	INSTRUMENTOS/MINERAÇÃO/JOALHE RIA
Animais	01 Tacho de cobre 12 oitavas	OURO LAVRADO	Pg. 19
09 cavalos 15/8	01 Tacho de cobre 6 oitavas 9/4 e 1 vintém	01 Cordão e 01 crucifixo de ouro valor 29 oitavas de ouro	01 balança de pesar ouro – 3/8
04 cangalhas	01 Tacho de cobre – peso libras cinco 3/4 de ouro	01 Fivela de ouro – 8 oitavas 3/4 e 5 vinténs de ouro	
Alexandre (mina)	01 Serralhateira – em bom uso	01 Castiçal de ouro 30 oitavas 1/4 e 3 vinténs de ouro	

Antonio (mina)	01 Bacia de banho 25 oitavas	04 Colheres e 4 garfos de prata 11 oitavas e 4 vinténs de ouro	
Antonio (Nagô)	01 Bacia pequena de bom uso 1 oitavo de ouro	01 Par de fivelas de pratas 2 oitavas 1/4 e 9 vinténs	
Francisco (Nagô)	01 Panela de ferro 3 oitavas de	<i>PG. 12</i>	
Leandro (mina)	01 Enseada – 1/8	01 Capodim com cores de prata – 4 oitavas 1/4 e 2 vinténs	
BENS MÓVEIS	BENS IMÓVEIS	PEÇAS/JOIAS	INSTRUMENTOS/MINERAÇÃO/JOALHERIA
Negrinha (mina)	01 Machadão $\frac{3}{4}$	02 Pares de botões de ouro	Pg. 19
Moleque	01 Cama de vento 8/8	01 Par de esporas de prata	01 balança de pesar ouro – 3/8
Moleque	01 Cela 20/8	01 Par de fivelas 8 oitavas de ouro	
Sebastião (criolo)	01 Cela 3/8		
	01 Mala de couro		
	01 Par de alforjes – 1 oitava e 8 vinténs		
	01 Sino com campainha – 2 oitavas de ouro		
	01 Lata de fumo – 6 oitavas		
	01 Almofariz e mão de bronze – 1 oitavas de ouro		
	01 Facão – 1/2 oitava		
	01 Faca – 6 vinténs		
	01 Estante de tábuas		
	01 Cabeçote de selas com ferraduras – 8 oitavas		

	01 Baú de madeira – 8 oitavas		
	01 Bacia de ferro de estanho 3/8		
	01 Vestido laranja 3/8		
	01 Jaleco de cetim amarelo 1/8		
	01 Rede pintada – 4/8		
	Roupas brancas – Pg. 16		
	01 Lençol branco – 1/8		
	02 Camisas – 6/8		
	02 Camisas de bertanha – 7/8		
	03 Pares de ceroulas – 2/8		
	02 Fronhas de linho com bordado – 2/8		
	01 Toalha de pertanha – 2/8 linho		
	03 Lençóis – linho – 4/8		
	BENS MÓVEIS	PEÇAS/JOIAS – PG 10	INSTRUMENTOS/MINERAÇÃO/JOALHERIA
	01 Toalha de algodão ¼ de ouro		
	<i>03 Jalecos de pano de linho – 3/4</i>		
	01 Par de meias – ¼		
	01 Ceroula branca – 7/8		
	01 Calção de cetim amarelo – 2/8		
	Louças		

	<i>01 garrafa de vidro – 1/8</i>		
	02 Tigelas grandes – 1/8		
	02 Pratos de louça 1/8		
	01 Caneca de louça – 4 vinténs		
	01 Copo de louça 1/4 de ouro		

2 – TABELA – ANÁLISE GERAL – DOCUMENTO CARTORIAL – TESTAMENTO – BENS MENTALIDADES

INVENTÁRIO DE: FRANCISCO FERNANDES CERQUEIRA. ANO: 1802.

INVENTARIANTE: FRANCISCO FERNANDES CERQUEIRA.

ARRAIAL/VILA: Arraial de Mina de Nossa Senhora de Natividade.

BENS ARROLADOS:

1. IMÓVEIS

- (X) TERRAS PARA CRIATÓRIO/PECUÁRIA
() TERRAS PARA ROÇADOS/SUBSISTÊNCIA
() TERRAS PARA MINERAÇÃO
() COMERCIANTE

2. MÓVEIS

- (X) ESCRAVOS(AS): Nº 9
() GADOS

3. MENTALIDADE/RELIGIOSIDADE DE QUEM DEIXOU O TESTAMENTO

MEMBRO DE IRMANDADE/CONFRARIA: () SIM () NÃO

Nome da Irmandade/Confraria _____

FESTA(S) RELIGIOSA(S) CITADA(S): () SIM () NÃO

Nome da festa(s) religiosa(s) citada(s): _____

HERDEIROS	BENS MÓVEIS	BENS IMÓVEIS	PEÇAS/JOIAS	INSTRUMENTO/MINERAÇÃO/JOALHERIA
	09 cavalos	Tacho de cobre –	01 Cordão e crucifixo de ouro	Balança de pesar ouro - 19

		17	10/8	
		02 Tacho de cobre - 12/8	01 Fivela de ouro – 10/8	
		01 bacia e 01 jarro de estanho – 14/8	01 Castiçal de ouro – 10/8	
		01 vestido 14/8	04 colheres e 04 garfos de prata – 10/8	
		01 jaleco 14/8	01 par de fivela de prata	
		01 rede de trama 15/8	01 copodim com 11 copos de prata	
		04 camisas 15/8	02 pares de botões de ouro 12/8	
		03 pares de ceroula	01 par de esporas e fivelas de prata 12/8	
		02 fronhas		
		03 lençóis de linho		
		02 toalhas		
		03 lenços branco		
		02 calção de cetin		
		01 par de meias		
		Louças		
		02 tigela		
		02 pratos		

		01 copo		
		01 caneta		
		01 garrafa de vidro		
		02 bacias de banho12/8		
		01 enxada		
		01 machado		
		01 panela de ferro		
		01 cama de vento		
		02 celas		
		01 mala de couro		
		01 par de alforjes		
		01 sino com campanha		
		01 vara de fumo		
		01 almofariz		
		01 facão e 01 faca		
		01 estante de tábua		
		01 cabeçote de cela com		

[illegible]

1 – TABELA – ANÁLISE GERAL – DOCUMENTO CARTORIAL – INVENTÁRIO – BENS

INVENTÁRIO DE: ANA FRANCISCA BARRETO – PRETA FORRA. ANO: 1805.

INVENTARIANTE: FRANCISCO FERNANDES CERQUEIRA.

ARRAIAL/VILA: Arraial e Minas de Nossa Senhora de Natividade.

BENS ARROLADOS:

1. IMÓVEIS

- () TERRAS PARA CRIATÓRIO/PECUÁRIA
- (X) TERRAS PARA ROÇADOS/SUBSISTÊNCIA
- (X) TERRAS PARA MINERAÇÃO
- () COMERCIANTE

2. MÓVEIS

- (X) ESCRAVOS(AS): Nº 1
- () GADOS

Sepultamento – Igreja Matriz de Chapada
Irmandade Nossa Senhora do Rosário – Chapada arraial

BENS MÓVEIS – Pg. 10	BENS IMÓVEIS (pg. 11)	PEÇAS/JOIAS	INSTRUMENTOS/MINERAÇÃO/JOALHE RIA
Marta (crioula) inventariada		PG 10	Pg. 19
Maria (mina) quartada	01 morada de casa em Chapada (arraial) 32 oitavas de ouro	01 laço ouro lavrado 2/8	01 balança de pesar ouro – avaliação em ¾ ouro
Juliana (crioula) alforriada	01 bolceta - 4 vinténs	01 laço de ouro 1.3/4	01 balança de pesar ouro – 1 oitava ½ de ouro
Mª Benedita (crioula) alforriada	01 lanceta muito velha avaliada 4 vinténs de ouro	2 pares de brincos – 1 oitavas e 2 vinténs	
Mª Benedita (crioula) testamento	01 camisa de crivo abertura de babados avaliado em 3/4 de ouro	01 par de brincos de ouro	

	01 saia de cambraia muito velha – 2 ½ uma oitava e meia	01 par de botões – 1 oitavas e 7 vinténs	
	01 saia de chita – 6 vinténs de ouro	05 voltas de fios de miçangas verdes de ouro - 1 oitavas e ¼ de ouro	
	01 01 toalha de algodão muito velha – ¼ de oitava de ouro	(PG 10)	
	01 par de meia de algodão - 4 vinténs de ouro		
	01 caixa comprida de madeira de pinho de muito valor – 1 oitavas ½ de ouro		
	01 frasqueira com 12 frascos dos quais 2 quebrados de avaliação em 2 oitavas e meia de ouro		
	01 machado velho avaliado 4 vinténs de ouro		
	01 tacho de cobre velho sem asas com remendo no fundo – 3 oitavas ¼ e 6 vinténs		
	01 prato de mesa muito velho em 6 vinténs		
	01 par de fivelas de prata pequena		
	01 roda de fiar		

Obs.: Justiliano Neto – Filho de Ana Luiza – casado Valentino Rodrigues Escrava Marta crioula.

2 – TABELA – ANÁLISE GERAL – DOCUMENTO CARTORIAL – TESTAMENTO – BENS MENTALIDADES

INVENTÁRIO DE: ANA FRANCISCA BARRETO. ANO: 1805.

INVENTARIANTE: FRANCISCO FERNANDES CERQUEIRA.

ARRAIAL/VILA: Arraial e Minas de Nossa Senhora de Natividade.

BENS ARROLADOS:

1. IMÓVEIS

- () TERRAS PARA CRIATÓRIO/PECUÁRIA
- () TERRAS PARA ROÇADOS/SUBSISTÊNCIA
- (X) TERRAS PARA MINERAÇÃO
- () COMERCIANTE

2. MÓVEIS

- (X) ESCRAVOS(AS): Nº 1 no inventário = 4 testamento
- () GADOS

3. MENTALIDADE/RELIGIOSIDADE DE QUEM DEIXOU O TESTAMENTO

MEMBRO DE IRMANDADE/CONFRARIA: (X) SIM () NÃO

Nome da Irmandade da Senhora Rosario_____

FESTA(S) RELIGIOSA(S) CITADA(S): () SIM () NÃO

Nome da festa(s) religiosa(s) citada(s):_____

HERDEIROS	BENS MÓVEIS	BENS IMÓVEIS	PEÇAS/JOIAS – Pg. 10	INSTRUMENTO/MINERAÇÃO/JOALHERIA
Antonia Luiza (filha) falecida		01 Bouceta – 10	01 laço de ouro – lavrado = 20/8	Balança de pesar ouro – 10
Justiliano (neto)		01 Lancela de sua casa – 10	01 laço de ouro	Balança de pesar ouro – 10
		01 camisa muito velha = 10	02 par de brincos	
		01 Saia de cambraia muito velha		
HERDEIROS	BENS MÓVEIS – Pg. 10	BENS IMÓVEIS	PEÇAS/JOIAS	INSTRUMENTO/MINERAÇÃO/JOALHERIA
		Casa	01 par de botões	Balança de pesar ouro – 10
		01 saia de chita	05 fios de nylon gray verdes	
		01 cinto de cetim	01 fivela de prata	
		01 toalha de algodão		
		01 par de meias de algodão		

		01 caixa grande de madeira de pinho		
		01 frasqueira		
		01 machado -. 11		
		01 tacho de cobre		
		01 tacho muito velho		
		01 caixa de frasqueira		
		01 prato de mesa		

Ana Barreto, Preta Forra
Alforriada: Maria Benedita Crioula

1 – TABELA – ANÁLISE GERAL – DOCUMENTO CARTORIAL – INVENTÁRIO – BENS

INVENTÁRIO DE: IZABEL MARIA DE MENEZES. **ANO:** 1800.

INVENTARIANTE: _____.

ARRAIAL/VILA: Arraial e Minas de Nossa Senhora de Natividade.

BENS ARROLADOS:

1. IMÓVEIS

- (X) TERRAS PARA CRIATÓRIO/PECUÁRIA
() TERRAS PARA ROÇADOS/SUBSISTÊNCIA
() TERRAS PARA MINERAÇÃO
() COMERCIANTE

2. MÓVEIS

- (X) ESCRAVOS(AS): Nº 3.
() GADOS – CAVALO.

BENS MÓVEIS – Pg. 3	BENS IMÓVEIS	PEÇAS/JOIAS – PG 10	INSTRUMENTOS/MINERAÇÃO/JOALHE RIA
01 escravo mina João mina – 130/8			
01 Feliciano Mestiça 100/8			
01 Valentina (crioula) – 45/8			
01 Cabrinha 36/8			
01 Cavalo castanho			

1 – TABELA – ANÁLISE GERAL – DOCUMENTO CARTORIAL – INVENTÁRIO – BENS

INVENTÁRIO DE: MARIA JOSÉ DA COSTA. ANO: 1819.

INVENTARIANTE: SEMIÃO DA SILVA.

ARRAIAL/VILA: Arraial e MinaS de Nossa Senhora de Natividade.

BENS ARROLADOS:

1. IMÓVEIS

- (X) TERRAS PARA CRIATÓRIO/PECUÁRIA
- () TERRAS PARA ROÇADOS/SUBSISTÊNCIA
- () TERRAS PARA MINERAÇÃO
- () COMERCIANTE

2. MÓVEIS

- (X) ESCRAVOS(AS): Nº 4.
- () GADO

BENS MÓVEIS – Pg. 4	BENS IMÓVEIS - Pg. 3	PEÇAS/JOIAS	INSTRUM./MINERAÇÃO/JOALHERIA
01 Antonio – mina - 50 anos – 100/8	01 morada de casa rua do Cruzeiro, 2 portas, 1 janela, coberta de telha	OURO LAVRADO	Pg. 19
01 Domingas – mina 30 anos – 96/8		01 relicário de ouro com 4 voltas – 52/8	01 balança de pesar ouro – 3/8
01 Constantino – nagô 30 anos – 50/8		01 relicário de ouro com vidro de ambas as bandas, 4 voltas de colar – 56/8	
01 Marcos – nagô 30 anos – 50/8		01 rosário de ouro com crucifixo 12/8 e	

		3/4 mais 2 vinténs de ouro	
01 Thomazia – crioula 35 anos 80/8		01 par de canetas 4/8 mais 6 vinténs	
01 Crioulinho Manoel – filho de Thomazia – 4 anos 35/8		01 caneta 5/8 mais 4 vinténs	
01 Crioula – 18 anos 100/8		01 par de brincos com pedras roxas de já quebradas – 1 oitavas	
BENS MÓVEIS	BENS IMÓVEIS	PEÇAS/JOIAS	INSTRUM./MINERAÇÃO/JOALHERIA
Pg. 5	Fazendas – tecidos	01 colar fino de ouro peso 2/8 mais 6/8 mais 4 vinténs	
Silvéria (crioula) 13 anos 80/8	25 covadas de chita branca da fábrica com flores verdes	01 par de botões de ouro – 1/8 mais 3/4	
Stevan (crioulinho) 7 anos 45/8	20 covadas de chita roxa da fábrica	01 anel de pedra branca 1/8	
	32 covadas de chita azul riscada inglês	PRATA – PG. 4	
	24 covadas de riscado inglês	01 par de talheres pequena 2/8 mais 3/4	
	10 covadas de inglês	03 pares de garfos – 7/8 mais 3/4	
	11 covadas de azuis	01 par de fivelas redondas 2/8 mais 5 vinténs	
	03 covadas de azuis	01 par de fivelas redondas 2/8 mais 5 vinténs	
	03 varas e meia de cambrainha larga	01 par de esporas 5/8	
	17 covadas de belbotina azul	01 par de esporas pequenas 2/8 mais 3/4	
	07 varas de morim	09 peças de surrates	
	02 peças de bertanha de	03 peças de pano de linho de flores	

	Amburgo grossa		
	02 lenços azuis	11 varas de meia de Bretanha	
	11 lenços	01 peça de Bertanha	
	03 lenços azuis grossas	04 peça de gongo	
	10 lenços brancos franceses de beradas vermelhas	04 peça de gongo	
	09 lenços brancos inglesas de berada vermelhas	04 portes de coletes	
	BENS MÓVEIS	06 peças de chita barradas inglesas	
	07 pares de meias	02 peças de chita barradas	
	<i>41 covadas de gangó</i>	01 peça de chita roxa inglesa	
	30 meadas de linha de bertanha	01 peça de chita azul inglesa	
	34 meadas de linha de bertanha	30 covados de chita azul inglesa	
	06 covadas de landilha	01 peça de chita inglesa	
	<i>06 covadas de baeta azul</i>	11 covados de chita amarela inglesa	
	18 covadas de baeta azul claro	28 covados de chita roxa inglesa	
	21 covadas de baeta preto	29 covados de chita azul inglesa	
	08 chapéus de nº 4	24 covados de chita roxa de cama (inglesa)	
	03 chapéus de Braga – capa alta nº 3	10 covados de chita azul inglesa	
	01 chapéus de Braga – capa alta nº 2	01 peça de chita azul de cama	

	21 varas de linhagens capa de fardo		
	01 libra de pólvora		
	06 libra de chumbo		
	LOUÇAS		
	12 pratos		
	03 chécaras com 3 pires		
	02 chécaras de asas com pires da Índia		
	01 copo de vidro		
	01 copo de vidro pequeno		
	ROUPAS DE USO		
	01 capona de pano fino		
	01 bastão de chifre		
	01 vestido de seda		
	02 lençóis de pano de linho com babados		
	01 lençol de pano de linho com babados		
	02 toalhas pano de linho		
	OUTROS		
	01 par de caixas com ferraduras altas		

	01 caixa		
	01 sela		
	01 chapéu ainda novo		
	01 jogo de pistolas		
	ARAMES E COBRES		
	01 bacia de cobre		
	01 bacia de cobre maior		
	01 bacia de cobre de cama		
	01 tacho de cobre		
	ANIMAIS		
	01 cavalo – pelo de gato		
	01 cavalo castanho		
	01 cavalo turco idade 5 anos		
	01 besta		
	01 selote		
	01 falhia de 8 libras		
	04 garrafas de vidro do Pará		

1 – TABELA – ANÁLISE GERAL – DOCUMENTO CARTORIAL – INVENTÁRIO – BENS

INVENTÁRIO DE: VIITORIANO LEITÃO. ANO: 1816.

INVENTARIANTE: MARIANO VITÓRIA RANGEL.

ARRAIAL/VILA: Arraial e Minas de Nossa Senhora de Natividade. Comarca S. João da Palma.

BENS ARROLADOS:

1. IMÓVEIS

- ☐ TERRAS PARA CRIATÓRIO/PECUÁRIA
- ☐ TERRAS PARA ROÇADOS/SUBSISTÊNCIA
- ☐ TERRAS PARA MINERAÇÃO
- ☐ COMERCIANTE

2. MÓVEIS

- ☒ ESCRAVOS(AS): Nº
- ☐ GADOS

BENS MÓVEIS – Pg. 4	BENS IMÓVEIS	PEÇAS/JOIAS	INSTRUM./MINERAÇÃO/JOALHERIA
Luiza – crioula 40 anos 60/8			
Pedro – crioulinho 4 anos 36/8	01 morada de casa coberta de telhas 20/8		
Inácia – crioula 25 anos 100/8			
Nicolau – crioulinho 2 anos 32/8			
Pg. 14			
01 crioulinha Valéria – 3 anos 45/			
Isidoria crioulinha 2 anos 38/8			

Pg. 33			
Manoel Estanislau – crioulo 4 anos 40/8			

1 – TABELA – ANÁLISE GERAL – DOCUMENTO CARTORIAL – INVENTÁRIO – BENS

INVENTÁRIO DE: MARIA ÁLVARES PEREIRA. ANO: 1818.

INVENTARIANTE: _____.

ARRAIAL/VILA: Arraial e Minas de Nossa Senhora de Natividade.

BENS ARROLADOS:

1. IMÓVEIS

- (X) TERRAS PARA CRIATÓRIO/PECUÁRIA
- (X) TERRAS PARA ROÇADOS/SUBSISTÊNCIA
- () TERRAS PARA MINERAÇÃO
- () COMERCIANTE

2. MÓVEIS

- (X) ESCRAVOS(AS): Nº 4.
- () GADOS – CAVALOS

BENS MÓVEIS – Pg. 3	BENS IMÓVEIS	PEÇAS/JOIAS – Pg. 03	INSTRUM./MINERAÇÃO/JOALHERIA
Domiciana – crioula 35 anos 32/8 com papo grande e asmática	01 foice velha	OURO LAVRADO	
Luiz – crioulo 7 anos, 64/8 – filho da dita	01 machado velho	01 par de brincos	
Maria – crioula 5 anos 40/8	01 capa de baeta com golas de veludo	01 par de fivelas de sapato (prata)	
Felix – crioulinho aleijado não fala 3 anos – sem valor			

01 cavalo – 9 anos			
01 cavalo castanho			
07 bestas curraleiras			

1 – TABELA – ANÁLISE GERAL – DOCUMENTO CARTORIAL – INVENTÁRIO – BENS

INVENTÁRIO DE: MARIA THOMAZIA. ANO: 1811.

INVENTARIANTE: _____.

ARRAIAL/VILA: Arraial e Minas de Nossa Senhora de Natividade.

BENS ARROLADOS:

1. IMÓVEIS

- () TERRAS PARA CRIATÓRIO/PECUÁRIA
- (X) TERRAS PARA ROÇADOS/SUBSISTÊNCIA
- () TERRAS PARA MINERAÇÃO
- () COMERCIANTE

2. IMÓVEIS

- (X) ESCRAVOS(AS): Nº 3.
- () GADOS

BENS MÓVEIS – Pg. 3	BENS IMÓVEIS	PEÇAS/JOIAS	INSTRUM./MINERAÇÃO/JOALHERIA
01 escravo José mina – 130/8 36 anos	01 caixa cobre		
José Nagô – 35 anos, 135/8	02 enxadas		
Felipe Nagô – 28 anos, 90/8 camboio das pernas	01 enxada pequena		
Felix – crioulinho aleijado não fala 3 anos – sem valor	01 almofariz pequeno		
COBRE	01 machado		

	01 foice		
	01 RODA DE RALAR MANDIOCA		
	01 espingarda bom uso		

1 – TABELA – ANÁLISE GERAL – DOCUMENTO CARTORIAL – INVENTÁRIO – BENS

INVENTÁRIO DE: JOSÉ ANTONIO DE ARAÚJO RAMOS. ANO: 1815.

INVENTARIANTE: _____.

ARRAIAL/VILA: Arraial e Minas de Nossa Senhora de Natividade.

BENS ARROLADOS:

1. IMÓVEIS

- (X) TERRAS PARA CRIATÓRIO/PECUÁRIA
- (X) TERRAS PARA ROÇADOS/SUBSISTÊNCIA
- () TERRAS PARA MINERAÇÃO
- () COMERCIANTE

2. MÓVEIS

- (X) ESCRAVOS(AS): Nº 3.
- () GADOS

BENS MÓVEIS – Pg. 8	BENS IMÓVEIS	PEÇAS/JOIAS – Pg. 09	INSTRUM./MINERAÇÃO/JOALHERIA
Antonio Angola 30 anos 100/8	01 arma de fogo	01 par de botões de pedras brancas gravadas a ouro 2/8 e 3/4	01 prato de estanho
Bárbara crioula 30 anos 75/8	01 jogo de pistola	01 anel de ouro e prata 1/8 e meia	01 prato de estanho pequeno
01 cabrinha – Brígida 7 anos 50/8	01 copinho de louça	01 anel de pedras brancas 2/8 e 1/4	01 bacia de estanho

ANIMAIS	01 par de caixa de cano	01 relógio de ouro com pedras rosas 2/8	
02 cavalos	01 rede de tanga	01 relógio 20/8	
02 cavalos castanhos	01 ponche de pano grosso	PRATA – Pg 8	
02 bestas	02 pares de pires e tigelas	01 par de espora 7/8	
02 cavalos russos	01 livro velho – Libelo de Caminha	02 pares de colheres 3/8e 1/4	
Vários potros	COBRE	03 colheres de prata ¾ e 3 vinténs	
	01 bacia de cobre	01 bouceta de prata 2/8 de ouro e 5 vinténs	
	01 bacia de cobre	01 par de fivelas de prata 4 vinténs	
	01 prato de estanho	01 balancinha de prata 2/8	
	01 candeeiro de latão		
	01 machado e 01 foice		
	01 sela		
	01 chapéu de sol		
	01 cama de vento		
	01 par de caixas de couro		
	02 chapéus finos		
	01 estojo de navalhas		
	01 espelho velho		
	ROUPAS		
	01 coberta		
	01 vestido riscado		

	01 calção		
	01 anagua de chita inglesa		
	01 calça de gongó		
	01 par de meias de seda		
	02 lenços azuis		
	02 camisas		
	01 ceroula de linho		
	02 ceroulas de algodão		
	01 toalha de mesa de algodão		
	01 travesseiro		
	01 bengala		
	04 garrafas azuis de vidro		
	01 jarro grande de vidro		
	02 fransquinhas pequenas		
	01 saco de couro de cervo		
	04 pares de couro de veado		
	01 par de couro de catingueiro		
	01 pele de onça pintada		
	01 pele de onça suçuarana		
	01 pele de onça suçuarana		
	01 pele de gato pintado		
	02 couros de guariba		
	OUTROS		
	01 cangalha de besta		

	01 panela de ferro		
	01 bacia velha		
	01 lenço preto de gravata em bom uso		

1 – TABELA – ANÁLISE GERAL – DOCUMENTO CARTORIAL – INVENTÁRIO – BENS

INVENTÁRIO DE: ANTÔNIO BOTELHO PIMENTEL. **ANO:** 1800.

INVENTARIANTE: _____.

ARRAIAL/VILA: Arraial e Minas de Nossa Senhora de Natividade.

BENS ARROLADOS:

1. IMÓVEIS

- ☐ **TERRAS PARA CRIATÓRIO/PECUÁRIA**
- ☐ **TERRAS PARA ROÇADOS/SUBSISTÊNCIA**
- ☐ **TERRAS PARA MINERAÇÃO**
- ☐ **COMERCIANTE**

2. MÓVEIS

- ☒ **ESCRAVOS(AS):** Nº 3.
- ☐ **GADOS – CAVALO**

BENS MÓVEIS	BENS IMÓVEIS	PEÇAS/JOIAS	INSTRUM./MINERAÇÃO/JOALHERIA
01 cavalo	01 sela bertanha		
Luciana - crioula	01 cama de vento velha		
Maria - crioula			
Joaquina			

Anexo 6

Levantamento Arquivo Histórico Ultramarino

Levantamento Arquivo Histórico Ultramarino

Caixa 1 documento n.12 001/001 0108

1735, janeiro, 23

ROTEIRO (cópia) da derrota do rio Tocantins até Belém do Pará (minas de ouro do rio Tocantins)

Caixa 1 documento n.17 0150

1735, setembro 2, Goiás

CARTA do superintendente-geral das Minas de Goiás, Gregório Dias da Silva ao rei [d. João V], sobre as hostilidades dos índios Caiapós nos descobertos de Pilões e Tocantins; a reação dos seus moradores, acerca da bandeira armada para afugentar os ditos índios e solicitando ordens para lhes fazer guerra.

001 /002

caixa 1 documento n. 24 0249

1736, janeiro, 27 Lisboa

CONSULTA do Conselho Ultramarino, ao rei [D. João V], sobre a súplica feita pelos mineiros do descoberto do Tocantins, solicitando a entrada de gado dos currais da Bahia, naquelas minas.

Caixa 1 documento n. 29 0275

1736, março, 20, Goiás

CARTA ao superintendente e intendente-geral das Minas de Goiás, Gregório Dias da Silva, ao rei [D. João V], sobre a devassa tirada conta os moradores das minas dos Tocantins, os quais pediam melhoramento no valor da capitação, devido à diminuição dos seus jornais e respondendo à provisão que lhe ordenava informasse acerca de tudo o que necessitava, e se devia formar governo separado ou mais vilas e justiças.

001/ 003

caixa 1 documento n. 45 0406

1738, maio, 18, Santa Ana

CARTA do superintendente-geral das Minas de Goiás, Agostinho Pacheco Teles, ao rei [D. João V], sobre a devassa tirada nas Minas do Tocantins pelo seu antecessor, Gregório Dias da Silva; as inquietações dos habitantes das ditas Minas, devido ao valor da capitação e por serem obrigados a captarem em Vila Boa; a resolução de igualar o valor da capitação para as Minas de Goiás, acerca da ordem expedida pelo governador e [capitão-general de São Paulo, Conde de Bobadela, Gomes Freire de Andrade], para que se ocupasse da diligência das Minas dos Tocantins e passasse às de São Félix para por em boa arrecadação a capitação e censo e evitar os descaminhos do ouro.

Caixa 1 documento n. 48 0427

CARTA do intendente e provedor da Fazenda Real, Sebastião Mendes de Carvalho ao rei [D. João V], sobre a seleção dos ofícios de fiscal, escrivão e meirinho para a Intendência do Tocantins, justificando a demora da chegada dos oficiais selecionados por não terem tomado posse no princípio de 1737, e solicitando que os ditos oficiais recebam inteiramente os seus ordenados e não a partir do dia das suas posses, em razão de terem atendido aos trabalhos para o bem da Fazenda Real.

Caixa 1 documento n. 59 0495

1739, junho, 15, Lisboa

REQUERIMENTO de João Soares de Aguirre, ao rei [D. João V], solicitando provimento do ofício de tabelião das Minas do Tocantins por tempo de um ano.

002/ 001

caixa1 documento n. 76 0043

1739, outubro, 2, Vila Boa

CARTA do superintendente-geral das Minas de Goiás, Agostinho Pacheco Teles, ao rei [D. João V], sobre a avaliação do rendimento dos ofícios da justiça das Minas do Tocantins, feita pelo intendente e provedor da Fazenda Real das Minas de Goiás, Sebastião Mendes de Carvalho.

OBSERVAÇÃO: Do microfilme 0071 passa para o rolo 002/ 002 e microfilme 0201

002/ 002

caixa 2 documento n. 129 0296

1741, fevereiro, 9, Traíras

CARTA do [governador e capitão-general de São Paulo], D. Luís de Mascarenhas, ao rei [D. João V], em resposta à provisão sobre a carta do intendente e [provedor das Minas de Goiás], Sebastião Mendes de Carvalho, acerca de se haver pago inteiramente a propina anual aos oficiais da Intendência do Tocantins, em atenção ao desvelo com que os ditos oficiais expediram a matrícula do primeiro semestre de 1731.

Rolo 003/ 001

Caixa 2 documento n. 172 0022

1742, março, 29, Lisboa

DECRETO do rei, [D. João V], nomeando Gaspar Dias no ofício de tabelião do distrito do Tocantins, comarca de Goiás, pelo tempo de 3 anos.

Caixa 2 documento n. 187 0121

OFÍCIO do [governador e capitão-general de São Paulo], D. Luís de Mascarenhas a João Pacheco do Couto, sobre a discórdia e emulação da campanha do rio Tocantins Grande e do outro colocando por governador a Jacinto de Sampaio; a expulsão de um religioso daquela região; o seqüestro dos bens de João Martins Guimarães e de outros que estiveram na bandeira que saiu para o Pontal e acerca da patente pedida para João Gonçalves Chaves.

Rolo 003/ 002

Caixa 3 documento n. 217 0284

1743, abril, 5, Lisboa

CONSULTA do Conselho Ultramarino, ao rei D. João V, sobre o requerimento do intendente da capitação do ouro e Fazenda Real do arraial e distrito do Tocantins e São Félix, nas Minas de Goiás, João de Mendonça, solicitando a mesma propina q receberam os intendentes seus antecessores.

Caixa 3 documento n.228 0392

1743, novembro, 7, Pará

CARTA ao governador e capitão-general do Pará, João de Abreu de Castelo Branco, ao rei D. João V, em resposta à provisão sobre os descobrimentos de ouro no rio Tocantins, fomentado pelo governador de São Paulo e acerca do conflito de jurisdição entre as capitanias do Pará e Goiás.

003/ 003

Caixa 3 documento n.229 0407

1744, março, 10, Traíras

CARTA do intendente do Tocantins, Minas de Goiás, João de Mendonça, ao rei D. João V, remetendo mapa da capitação das Minas do Tocantins de 1743.

Caixa 3 documento n.232 0417

REQUERIMENTO do escrivão da intendência da Capitação Real das Minas do Tocantins, Evaristo Álvares de Moura, ao rei D. João V, solicitando pagamento de excesso por Ter acumulado a função de escrivão da Intendência e fiscal da Fazenda Real das Minas de Goiás.

Caixa 3 documento n. 239 0481

1744, Maio, 2, Vila Boa

CARTA dos oficiais da Câmara de Vila Boa de Goiás ao rei D. João V, sobre a decadência das minas de ouro na região de Vila Boa e solicitando providências para que os mineiros possam explorar o descoberto dos Pilões devido a utilidade da extração dos seus diamantes.

Rolo 004

004/ 001

Caixa 3 documento n.243 0011

[ant. 1744, maio, 23, Goiás]

REQUERIMENTO de Francisco José Raimundo, assistente nas minas dos Tocantins, ao rei D. João V, solicitando confirmação da carta patente no posto de sargento-mor do Requerimento das Ordenanças do Tocantins.

Caixa 3 documento n.262

1745, março, 20, Traíras

CARTA do intendente de Tocantins, João de Mendonça ao rei D. João V, remetendo mapa da capitação da Intendência de Tocantins e comissárias do ano de 1744.

Caixa 3 documento n.266 0176

1745, abril, 21, Lisboa

DECRETO do rei D. João V nomeando Bernardo Antônio de Abreu Mota na serventia do ofício de tabelião do Público, Judicial e Notas de Tocantins, comarca de Goiás.

004/ 002

Caixa 4 documento n. 288 0367

1746, Fevereiro, 24, Lisboa

CARTA do intendente e provedor da Fazenda Real de Goiás, Sebastião Mendes de Carvalho, ao rei D. João V, sobre a consulta do conselheiro da Fazenda referente à remessa do ouro da Intendência do Tocantins.

Rolo 006

006/ 001

Caixa 5 documento n.351 0075

[ant. 1748, fevereiro, 9, Goiás.

REQUERIMENTO do intendente das minas do Tocantins, João de Mendonça, ao rei D. João V, solicitando licença para seguir para Lisboa a fim de resolver seus negócios.

006/002

Caixa 5 documento n. 372 0216

1748, julho, 21, Vila Boa

CARTA do intendente e provedor da Fazenda Real de Goiás, Manoel Caetano Homem de Macedo, ao rei D. João V, sobre o requerimento dos Irmãos do Santíssimo Sacramento da freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Traíras, das minas de Tocantins, solicitando uma esmola para paramentarem a capela-mor da dita Igreja.

Caixa 5 documento n.381 0274

1748, agosto,12, Lisboa

DECRETO do rei D. João V nomeando Domingos da Fonseca Marques, tabelião do Arraial dos Tocantins, capitania de Goiás.

006/ 003

caixa 5 documento 406 0408

1749, agosto, 17, Vila Boa

CARTA do intendente e provedor da Fazenda Real de Goiás, Manoel Caetano Homem de Macedo, remetendo mapa e relação do rendimento da capitação e censo, da Intendência de Vila Boa, Tocantins e comissárias, das matrículas de 1748.

Caixa 5 documento n. 416 0480

1749, dezembro, 2, Lisboa

CONSULTA do Conselho Ultramarino, ao rei D. João V, sobre o requerimento dos irmãos da Confraria do Santíssimo Sacramento da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Traíras, minas do Tocantins, solicitando esmola para paramentarem a capela –mor da igreja da dita freguesia e poderem terminar a sua construção.

Rolo 007

007/002

caixa 6 documento n.444

1750, agosto, 5, Vila Boa

CARTA do fiscal e intendente da Casa de Fundição de Goiás, Antônio Luís Lisboa, ao rei D. José, remetendo mapas do quinto e do rendimento da capitação da capitania de Goiás de 1749.

Rolo 008

008/ 002

Caixa 7 documento n. 499

1752, Janeiro, 18, Vila Boa

CARTA do governador e capitão-general de Goiás, conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha, ao rei D. José, sobre a lei determinando que cada sede de comarca das minas do Brasil construa à custa da sua Fazenda Real uma casa de Fundição, e remetendo a avaliação feita pelos pedreiros e carpinteiros para a criação de uma fábrica de fundição em Goiás.

008/ 003

Caixa 7 documento n. 518

1752, março, 6, Salvaterra de Magos

DECRETO do rei D. José nomeando Domingos da Fonseca Marques no ofício de tabelião do arraial do Tocantins, comarca de Goiás, pelo tempo de 3 anos, podendo, em seu impedimento, nomear outra pessoa.

Caixa 7 documento n.519 0454

1752, março, 8, Vila Boa

CARTA do [governador e capitão-general de Goiás, conde dos Arcos], D. Marcos de Noronha, ao rei D. José, sobre as providências tomadas para a conversão e estabelecimentos dos índios na capitania de Goiás e acerca da proibição de iniciar guerra com os índios.

Rolo 009

009/ 002 Idem

009/ 003 Ídem

Rolo 010

010/ 001

Caixa 8 documento n. 565 0122

1753, maio, 22, Lisboa

PROVISÃO do rei D. José ao governador e capitão-general de Goiás, conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha, mandando que continue com zelo e acerto a promover a redução indígena, aprovando as despesas da Fazenda Real com o estabelecimento de duas aldeias na capitania de

Goiás, e que os povos concorram com o pagamento de Venceslau Gomes da Silva, o qual castigou e reduziu os índios bravos.

011/ 002 Ídem

011/ 003 Ídem

Rolo 012

012/ 001

Caixa 9 documento n.617 0191

[1753]

ESCRITO de Francisco Tossi Colombina sobre os índios Acroás e Xacriabás aldeados por Venceslau Gomes da Silva; acerca do aldeamento do Duro e o gasto feito com o mesmo pela Fazenda Real de Goiás.

012/ 002

Caixa 10 documento n.622 0369

1754, janeiro, 28, Traíras

OFÍCIO do Governador e capitão-general de Goiás, conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha, ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Diogo de Mendonça Corte Real, sobre os grandes delitos cometidos pelos índios, bastardos, carijós, mulatos e negros, e a necessidade de se criar em Goiás uma Junta de Justiça para se colocar em prática a ordem a respeito da pena de morte.

Rolo 013

013/ 001

Caixa 10 documento n.629 0018

1754, março, 1, Lisboa

DECRETO ao rei D. José nomeando o conde de São Miguel, D. Álvaro [José Xavier Botelho de Távora], governador e capitão-general de Goiás.

Transcrição: Caixa 1 documento n. 31, 0302

1737, março, 19, Goiás.

Vou começar a partir do “microfilme” 0307

Joseph da Sylva Vallença Cavalleyro professo na ordem de Cristo, escrivão actual da Intendência e quintos Reais de todaz estas minas dos Goayazes e seus descubertos, e nellas escrivão da superintendência geral, por provimento de Ex.mo. Senhor Conde de Sarzedas Governador e Capitão-general da Capitania de São Paulo e minas de sua repartição.

Certifico que em meu poder e cartório se acha hum sumario de testemunhas que mandou fazer o Doutor Gregório Dias da Sylva superintendente geral de todas estas minas para perguntar algumas pessoas vindas do descoberto de Carlos Marinho para se conhecer de algumas couzas pertencentes ao mesmo descoberto, cujo Sumario o seu teor deverão advertim he o seguinte: Anno do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo de 1736 annos, aos vinte tres dias do mês de junho do dito anno neste Arrayal de São Joseph Minas dos Tocantins, em casas de morada do Doutor Gregorio Dias da Sylva superintendente geral dessas minas, onde eu escrivão [as o] diante nomeado fui vindo, para [efeito] de fazer este auto, e sendo ahi por [ellas] me foi dito que por se achar nestas minas com a Matrícula da Real capitação delas, e por não ser possivel passar ao descoberto de Carlos Marinho, mandara aquellas Cristovão Piquete com cartas de serviço de sua Majestade, para o Coronel Francisco de Rovoredo em nome della Intendente e Superintendente entrar a administrar justiça aqueles moradores e fazer assentar o registro das entradas Reais, e outras diligencias que encarregava, afim de por aquelles moradores em boa harmonia, e fazer lista das pessoas que ali se achavão para passar a fazer naquelle continente a Matricula, carregando o dito Piquete as ditas minas e entregando as cartas ao dito Revoredo, logo que o Capitão mor das terras novas Manoel da Costa Madureyra, que se acha naquelle descoberto como regente della, soube que tivera o tal Ravoredo cartas [delle] Doutor

Superintendente, o mandara noteficar, para que dentro de tres dias, sahisse daquellas minas com pena de confiscação de bens e de ser remetido prezo para o Estado do Maranhão, [escrevendo] a elle Doutor superintendente o referido, e enviando [elle] as ordens que tinha recebido, na noute do dia em que partio daquelles descubertos e Cristovão Piquete, o veyo[....] o dito capitão mor Madureyra com hu ajudante, e dous hons brancos, e quinze ou mais negros armados, elle tomarão as cartas que trazia para este Doutor Superintendente geral e abrindo as e lendo as, tomou o dito capitão mor as ordens elle dito Piquete, que levava as ordens para as remeter ao seo governador do Maranhão, e que se elle Doutor Superintendente quizece tomar o despique [...]que os havia de mandar prezo ao mesmo governo, o que não querião dar obediencia ao se São Paulo, [elle] constatarem bem de que dando a hua noute huns tiros a porta do dito capitão mor e tocandoce hua caixa de guerra, se juntaram todos os moradores armados, que passavão de quinhentas armas, dizendo que se persuadirão que vinha o superintendente, e que o querião botar fora por força, e que naquelle descoberto botara bando o dito capitão mor, para cobrar a capitaçam pellas geraes, e que os jornais eram de tres, coatro e mais oitavas por semana, e para se averiguar sumariamente o referido por testemunhas vindas por aquelle descoberto, para se dar conta a Sua Majestade e ao Exmo. Conde general, mandou fazer este auto, que asenou ceu Joseph da Sylva Vallença escrivão desta superintendencia geral, e quintos reais, o escrevy-----
asentada-----

Aos vinte e tres dias do mês de junho de mil e setecentos trinta e seis annos, neste Arrayal de Sam Joseph, em cazas da apozentadoria do Doutor.

Doutor Gregório Dias da Sylva, superintendente geral destas minas, aonde eu escrevam ao diante nomeado fui vindo, para effeito de inquirir a testemunhas neste sumario, as quais foram inquiridas pelo Doutor Superintendente, e chegadas pello Meyrinho gera Joseph da Sylva Mello, cujos no mês dito e costumes cidades são os que ao diante se seguem, e eu Joseph da Sylva Vallença, escrivão da superintendencia geral e quintos Reais o escrevy-----
-----testemunha-----

-----Primeira

Cristovão Piquete, natural da cidade de Londres, e morador neste Arrayal de São Joseph, que vive de seu negocio, de idade que disse ser de quarenta annos pouco mais ou menos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos em que pos sua mão direita e prometeo dizer verdade do que soubece e preguntado ele fosse. E preguntado a elle testemunha pello conteudo no auto sumario dice que indo ele testemunha desse Arrayal de São Joseph com cartas delle doutor superintendente do serviço de sua Majestade para as entregar nos descubertos de Carlos Marinho, ao Coronel Francisco de Rovoredo de Vasconcelos, e chegando aquelle descoberto a treze do corrente entregar as cartas a catorze

CD 2

Rolo 013

013/ 001 Não há documentação referente a Tocantins

013/ 002 ídem

013/ 003

Caixa 11 documento n. 622 n. da imagem 0473

1754, Agosto, 02, Lisboa

CARTA RÉGIA do rei D. José, ao [governador e capitão-general de Goiás, Conde de S. Miguel, D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], instruindo-o sobre como deverá governar a capitania de Goiás; os principais problemas a enfrentar e a necessidade de seguir as instruções de seu antecessor no governo geral de Goiás.

Caixa 11 documento n.669 imagem 0526

1754, outubro, 20, Natividade

PROCURAÇÃO do [coronel] Venceslaú Gomes da Silva ao Senhor José Antônio Pereira da Silva, pare em seu nome apresentar na Provedoria da Fazenda Real de Goiás, a prestação de contas de toda a despesa que ele fez com a sustentação e estabelecimento das aldeias [do Duro e Formiga] dos índios Acroás e Xacriabás, requerendo o pagamento das mesmas defesas.

Rolo 014

014/ 001 Não há documentação referente

014/ 002

Caixa 12 doc.n.706 imagem 0267

1755, fevereiro, 27, Vila Boa

CARTA do [governador e capitão-general de Goiás, conde dos Arcos], D. Marcos de Noronha, ao rei D. José, em resposta à provisão sobre o requerimento do coronel Duarte Pereira Ramos e seus sócios, moradores nas minas dos Tocantins, solicitando confirmar-lhes a concessão de cento e quarenta e duas datas de terras minerais.

014/ 003 Não há documentação referente.

Rolo 015

015/001

Caixa 12, documento n. 721 0082

1755, março, 21, Vila Boa

CERTIDÃO do escrivão das diligências do sindicante, desembargador Manuel da Fonseca Brandão, José Pereira da Cunha, referente a um requerimento do coronel Antônio de Pires Campos solicitando ajuda de custo para continuar na “destruição” do índio Caiapó.

015/ 002 Não há nenhum documento referente à pesquisa

015/ 003

Caixa 12 doc.n. 749

1755, abril, 25, Vila Boa

CARTA de Diogo de Gouveia Osório e Castro, morador nas minas do Tocantins, ao rei [D.José}, sobre os procedimentos corruptos e abuso de autoridade do ouvidor-geral de Goiás, Sebastião José da Cunha Soares e Vasconcelos, deixando de cumprir as ordens reais, agindo despoticamente nas matérias criminais, absolvendo réus culpados, culpando os inocentes, tudo sob o aconselhamento do padre Dr. Filipe da Silveira e Souza

Rolo 16

016/001

Caixa 13, doc.n 771 0029

1755, Outubro, 14, Vila Boa

CARTA do [gov. e cap-gen. De Goiás] conde de S. Miguel [D. Alvaro José Xavier Botelho de Távora] , ao rei [D. José], sobre as missões e catequese indígena; as aldeias de formiga, duro e sta. Ana do Rio das Velhas e remetendo o ofício do missionário das missões da Natividade, aldeia do Duro e presídio de Formiga.

Caixa 13, doc.n. 775 0057

1775, dezembro, 12, Vila Boa

OFÍCIO do [gov. e cap-gen de Goiás] Conde de São Miguel [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], ao [secretário do Estado da Marinha e Ultramar], Diogo de

Mendonça Corte Real, sobre o estabelecimento das aldeias de índios Tapirapés e Cururús, inimigos dos Caiapós; os Acroás da aldeia do Duro e as hostilidades que tem feito os Xacriabás.

016/ 002 Não há nenhum documento referente à pesquisa

016/ 003

Caixa 13 doc.n.802

1756, setembro, 03, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], conde de São Miguel [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Tomé Joaquim da Costa Corte Real, sobre as dívidas da Fazenda Real de Goiás; o estado da cota; a corrupção na administração das aldeias indígenas e enviando as cartas dos missionários e administrador delas.

Rolo 017

017/ 001

Caixa 13, doc.n.803

1756, setembro, 13, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e capitão-general], conde de São Miguel, [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Tomé Joaquim da Costa Corte Real, recomendando a leitura das cartas do administrador e missionários dos índios e precavendo-o para que não dê ouvidos às notícias acerca de sua conduta.

017/ 002

Caixa 14, doc.n.828

1753, fevereiro, 01, Vila Boa

OFÍCIO do [administrador temporal do gentio da Natividade], Venceslau Gomes da Silva, ao [governador e capitão-general de Goiás], Conde de São Miguel [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], sobre a redução indígena; as missões a cargo dos padres jesuítas, e solicitando o que lhe fora prometido em pagamento de seus serviços.

017/003

Caixa 14, doc.n.835 0437

1757, março, 08, Lisboa

DECRETO do rei D. José nomeando Francisco Xavier de Abreu e Mota, tabelião do Judicial e Notas e mais anexos do Arraial do Tocantins, comarca de Goiás, pelo tempo de três anos.

Rolo 018

018/ 001

Caixa 14 doc.n. 853 0122

1757, Junho, 09, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], Conde de São Miguel [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Tomé Joaquim da Costa Corte Real], sobre a sublevação dos índios Acroás e Xacriabás; o estado em que se encontra a capitania e acerca de ser impossível povoar Goiás com indígenas, já que os mesmos são indômitos, bárbaros e infiéis.

018/ 002

Caixa 14, doc. 856

1757, Junho, 11, Vila Boa

CARTA dos oficiais da Câmara de Vila Boa, ao rei [D. José], expondo as atrocidades cometidas pelos índios Caiapós e insistindo na guerra ofensiva como único meio de repressão.

Caixa 14, doc.n.863 0322

[ant. 1757, setembro, 24, Goiás]

REQUERIMENTO do coronel Duarte Pereira Ramos, morador nas minas do Tocantins, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria junto ao rio de Traíras, capitania de Goiás.

Caixa 14, doc. N. 865 0334

1757, outubro, 08, Meia Ponte

CARTA do [governador e capitão-general de Goiás] Conde de São Miguel [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora] ao rei [D. José], sobre os índios Acroás e Xacriabás que desde a deserção de 12 de abril têm se conservado no maior sossego; a bandeira que formou para a redução dos índios e acerca do pedido feito ao Bispo de São Paulo, D. Antônio Galvão, para opinar sobre se deveria ou não fazer uma guerra ofensiva aos indígenas.

Caixa 14, doc.n.866 0338

1757, outubro, 08, Meia Ponte

OFÍCIO do [governador capitão-general de Goiás], Conde de São Miguel [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Tomé Joaquim da Costa Corte Real], sobre a sublevação dos índios [Acroás e Xacriabás] que apenas causou susto à população; acerca de uns papéis relativos às aldeias indígenas que não devem cair nas mãos do conde dos Arcos, [D. Marcos de Noronha], e sobre a calúnia do [intendente do ouro e provedor da Fazenda Real de Goiás], Anastácio da Nóbrega.

Caixa 14, doc. n. 867 0347

1757, outubro, 08, Meia Ponte

OFÍCIO do ouvidor-geral de Goiás, Antônio da Cunha Sotomaior, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Tomé Joaquim da costa Corte Real], sobre o levante de 2 aldeias indígenas na capitania de Goiás e o estrago q nela tem feito os índios Caiapós.

018/ 003 Não há documentação referente à pesquisa.

ROLO 019

019/ 001

Caixa 15 doc. 889 0121

1758, abril, 25, Vila Boa

CARTA do [governador e capitão-general de Goiás] Conde de S. Miguel [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], ao rei D. José, sobre as cartas q enviou relatando a situação das missões da capitania de Goiás, os padres jesuítas q se ocupam destas missões e os administradores delas.

Caixa 15 doc. n.892 0147

1758, abril, 30, Vila Boa

CARTA do ouvidor-geral de Goiás, Antônio da Cunha Sotomaior, ao rei [D. José] remetendo relação dos lugares e povoações da Capitania de Goiás, as distâncias q existem se umas as outras e a descrição dos rios q banham as povoações, para se formar uma carta topográfica de todo o Brasil, evidenciando-se os sertões.

Obs: Consta desta relação os seguintes arraiais com seus distritos: Meia ponte, Sta. Luzia, Flores do Paranã, Senhora dos Remédios, Natividade, Barra da Palma, São Félix, Traíras e Pilar.

019/ 002

Caixa 15 doc. 903 0258

[ant. 1758, agosto, 17, Goiás]

REQUERIMENTO do guarda-mor Agostinho Pinheiro Caldas, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria no distrito de São José do Tocantins, junto ao correjo Fundo q faz barra no rio Maranhão, capitania de Goiás.

Caixa 15, doc. 907 0307

1758, setembro, 23, Lisboa

CONSULTA do Conselho Ultramarino, ao rei [D. José], sobre a carta do [governador e capitão-general de Goiás] Conde de S. Miguel [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], acerca dos insultos dos índios Caiapós ao guarda-mor de Goiás, Baltazar de Godói Bueno Gusmão; o seu procedimento a este respeito; a expedição q organizou aos sertões do Norte da capitania e a necessidade de se formar uma nova aldeia.

Caixa 15 doc. n 913 0345

OFÍCIO [minuta] do [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Tomé Joaquim da Costa Corte Real], ao [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, remetendo as leis sobre a liberdade dos índios e a pastoral do Bispo do Maranhão com a bula expedida pelo papa Benedito XIV.

019/ 003 Não há documentação referente à pesquisa.

Rolo 020

020/ 001 Não há documentação referente à pesquisa

020/ 002

Caixa 15 doc. 945 0243

[ant. 1759, novembro, 10, Goiás]

REQUERIMENTO de Barnabé Moreira de Paiva, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria na freguesia de S. José do Tocantins, capitania de Goiás.

020/ 003 Não Há documentação referente á pesquisa

Rolo 021

021/ 001 Não há documentação referente a pesquisa

021/ 002

Caixa 16, doc. 980

1760, maio, 28, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao [secretário de estado dos Negócios Estrangeiros], Conde de Oeiras, [Sebastião José de Carvalho e Melo], informando q em Goiás já não se encontram jesuítas paroquiando aldeias indígenas, e q 2 padres q andavam a pregar missões no distrito de Tocantins, já foram conduzidos para Vila Boa.

021/ 003 Não há documentação referente a pesquisa

Rolo 022

022/ 001 Não há documentação referente a pesquisa

022/ 002

Caixa 17, doc. 1018 0330

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao [secretário de Estado de Negócios Estrangeiros], conde de Oeiras, [Sebastião de Carvalho e Melo], sobre as fazendas de gado das recolhidas do Coração de Jesus da Cidade de São Luís do Maranhão, situadas além do rio Tocantins em território no espiritual pertencente ao Pará, cuja administração estava a cargo dos padres jesuítas.

Caixa 17, doc.1023 0390

CARTA ao [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao rei [D. José], sobre as queixas dos habitantes do distrito de Natividade acerca das contínuas invasões dos índios Acroás e Xacriabás q depois da soblevação de 1757, quando assassinaram traiçoeiramente os guardas do presídio e abandonaram as aldeias de São Francisco Xavier do Duro e de São José, continuavam com maior ousadia e crueldade a praticarem mortes e roubos.

022/ 003 Não há documentação referente a pesquisa

Rolo 023

023/ 001

Caixa 17, doc. 1029 0017

1760, dezembro, 30, Vila Boa

OFÍCIO do[governador e capitão-general de Goiás] , João Manuel de Melo, ao [secretário de estado e Negócios Estrangeiros], conde de Oeiras, [Sebastião José de Carvalho e Melo], sobre a visita q empreendeu pela capitania de Goiás; os descaminhos da renda da Câmara de Vila Boa; os arraiais mais invadidos pelos índios Acroás e Xacriabás; o gasto excessivo com as aldeias indígenas, cujas benfeitorias mostram pouco gasto; a causa da sublevação dos indígenas e acerca dos padres jesuítas.

023/ 002

Caixa 18, doc.1046 0336

[ant. 1761, julho, 13, Goiás]

REQUERIMENTO de João Antônio Peixoto, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria no lugar chamado Calhamares, capitania de Goiás.

023/ 003

Caixa 18 doc.1056 0445

[ant. 1761, outubro, 16, Goiás]

REQUERIMENTO de Caetano Pereira Cortes, [morador nas minas de São Félix] ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria na outra parte do rio Tocantins, por nome Maranhão, dividindo com os rios da Canabrava e São Félix, capitania de Goiás.

Caixa 18, doc.1060 0471

CARTA RÉGIA [cópia] do rei D. José ao governador e capitão-general de Goiás, [João Manuel de Melo], sobre as atitudes a tomar acerca dos índios Acroás, Xacriabás e Caiapós e a construção de cadeias seguras na capitania de Goiás.

CD 3

Rolo 024

024/ 001 Não há documentação referente a pesquisa.

024/ 002

Caixa 18, documento 1101 0263

CARTA do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao rei [D. José], sobre Ter permitido q os povos e moradores da capitania de Goiás fizessem guerra ofensiva aos índios Acroás e Xacriabás.

024/ 003 Não há documentação referente a pesquisa

Rolo 025

025/ 001

Caixa 19, doc. 1156 0146

1763, maio, 28, Vila Boa

OFÍCIO de [governador e capitão-general], João Manuel de Melo, ao secretário do estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre a junta que se convocou para decidir o modo de se fazer a guerra aos índios bárbaros e as bandeiras q se estão preparando para os castigarem.

025/ 002

Caixa 19, doc. 1167 0256

1763, julho, 16, Vila Boa

OFÍCIO DO [governador e capitão-general], João Manuel de Melo, ao secretário de estado [da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado], sobre as notícias das hostilidades com q os castelhanos começaram a atacar a fronteira no rio Guaporé e remetendo as cópias das cartas recebidas sobre esse assunto.

Caixa 19, doc.1178 0321

1763, outubro, 25, Vila Boa

OFÍCIO do [ouvidor-geral de Goiás], desembargador Antônio José de Araújo e Sousa, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de mendonça Furtado, sobre as despesas com a criação de duas companhias de soldados pedestres para defenderem a estrada de São Paulo e vizinhanças de Vila Boa dos assaltos dos índios Caiapós, as quais depois foram reduzidas a uma só Companhia da qual foram capitães, Antônio Lemos de Faria, Antônio Pires de Campos e Manuel de Campos Bicudo.

Caixa 19, doc.1192 0425

1763, novembro, 28, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre o recebimento dos exemplares do tratado definitivo da paz e os da última sentença q o parlamento de Paris proferiu contra a Sociedade de Jesus.

Rolo 026

026/ 001 Não há documentação referente a pesquisa

026/ 002

Caixa 20, doc.1240 0277

[ant. 1764, outubro, 28, Goiás]

REQUERIMENTO do sargento-mor Manuel Alves Cardos, morador na freguesia de São José do Tocantins, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria no ribeirão Beliago, detrás da serra, capitania de Goiás.

026/ 003 Não há documentação referente a pesquisa

Rolo 027

027/ 001

Caixa 21, doc. 1274 0123

1765, março, 30, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre a bandeira composta para reprimir a invasão dos índios Xavantes e acerca do ataque à aldeia deles.

Caixa 21, doc.1275 0127

1765, abril, 12, Vila Boa

CARTA do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao rei [D. José], sobre os limites da capitania de Goiás após a sua desanexação da de São Paulo e o conflito com a capitania de Minas Gerais no tocante do território da parte do sul até o Rio Grande [Triângulo Mineiro].

027/ 002 Não há documentação referente a pesquisa

027/ 003 Ídem

Rolo 028

028/ 001 Não há documentação referente a pesquisa

028/ 002

Caixa 21 doc. n 1326 0208

[ant. 1765, dezembro, 06, Goiás]

REQUERIMENTO de Joaquim de Macedo Pereira Costa Rangel, morador do Arraial do Cocal, distrito de Traíras, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria nas margens do rio Maranhão, ao pé de uma serra, capitania de Goiás.

Caixa 21, doc. 1332 0349

[post. 1765]

OFÍCIO do [ouvidor-geral de Goiás, desembargador Antônio José de Araújo e Sousa], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado], sobre a grande extensão da capitania de Goiás; a distância de Vila Boa ao Rio de Janeiro e Bahia; as dificuldades para a aplicação da justiça e fundição do ouro e acerca da necessidade de se repartir a capitania em duas comarcas, sendo a divisa o Maranhão.

028/ 003

Caixa 22, doc. 1339 0407

1766, março, 20, São Félix

OFÍCIO do [intendente do ouro da Casa de Fundição de S. Félix], Manuel Gomes da Costa, ao [secretário de estado dos Negócios Estrangeiros], conde de Oeiras, [Sebastião José de Carvalho e Melo], sobre Ter sido provido pelo [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, no dito cargo; Ter passado às minas de Natividade para fazer a averiguação nos bens dos jesuítas, e acerca de estar em condições de servir no presente ofício e a necessidade de se proibir aos negociantes o trato com os índios do presídio do Duro, pela facilidade do extravio do ouro.

Caixa 22, doc.1340 0412

[ant. 1766, abril, 02, Goiás]

REQUERIMENTO de Agostinho da Silva Lisboa, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta patente no posto de tenente da Cavalaria Auxiliar do novo Regimento do Arraial de São José do Tocantins, capitania de Goiás.

Rolo 029

029/ 001

Caixa 22, doc. 1353 0041

[ant. 1766, junho, 16, Goiás]

REQUERIMENTO de Manuel Alves Cardoso, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta patente no posto de capitão do novo Regimento da Cavalaria Auxiliar do Arraial de São José do Tocantins, capitania de Goiás.

Caixa 22, doc. 1362 0107

1766, julho, 04, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre o recebimento e a distribuição às pessoas gradas da capitania, da coleção impressa e autêntica da lei de 06 de maio de 1765, precavendo as populações quanto as maquinações dos jesuítas.

029/ 002 Não há documentação referente a pesquisa

029/ 003

Caixa 22, doc. 1381 0423

1766, julho, 17, Vila Boa

OFÍCIO do ouvidor-geral de Goiás, desembargador Antônio José de Araújo e Sousa, ao rei [D. José], sobre Ter cumprido a ordem mandando depositar em um cofre com três chaves a coleção impressa e autêntica q contém a Lei de 06 de maio de 1765, considerando de nenhum valor em seus domínios o Breve da nova confirmação do Instituto da Sociedade de Jesus.

Rolo 030

030/001

Caixa 22, doc. 1418 0040

1766, dezembro, 30, Vila Boa

OFÍCIO do [ouvidor-geral de Goiás], desembargador Antônio José de Araújo e Sousa, ao [secretário do estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado], sobre a lei das resistências; o procedimento q se deve quando os resistentes

forem pessoas poderosas; o pequeno numero de fogos dos julgados de Couros [Paranã], Barra da Palma [Terras Novas] e Arraias; a dificuldade da administração da justiça devido às grandes distâncias entre eles; acerca da nova lei dos testamentos e a criação de novos auditores.

030/002

Caixa 23, doc. 1440 0242

1767, junho, 22, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás] , João Manuel de Melo, ao secretário de estado [da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre as invasões dos índios Caiapós no distrito do Arraial de Santa Luzia e rio das Velhas e acerca do sucesso de duas bandeiras organizadas contra eles, das quais tomaram parte os Bororós do Rio das Pedras.

030/ 003 Não há documentação referente a pesquisa

Rolo 031

031/ 001

Caixa 23, doc. 1471 0091

[ant. 1767, novembro, 09, Goiás]

REQUERIMENTO de Luís Coelho Furtado, morador no distrito do Tocantins, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria na paragem do ribeirão das Pedras, capitania de Goiás.

Caixa 23 doc.1472 0101

[ant. 1767, novembro, 09, Goiás]

REQUERIMENTO de Joaquim de Macedo Pereira Horta Rangel, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria na paragem das margens do rio Maranhão, capitania de Goiás.

031/ 002

Caixa 24, doc. 1491

[ant. 1768, abril, 15, Goiás]

REQUERIMENTO de Antônio Carlos da Rocha, ao rei [D. José], solicitando confirmação de carta patente no posto de Capitão da Infantaria da Ordenança do arraial de São José do Tocantins], capitania de Goiás, vago por falecimento de Agostinho Pinheiro Caldas.

Caixa 24, doc. 1508 0374

1768, junho, 22, Vila Boa

CARTA do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao rei [D. José], sobre o requerimento do tabelião do julgado do Tocantins, Domingos da Fonseca Marques, solicitando mais ano e meio de serventia no mesmo ofício.

Caixa 24, doc. 1509 0385

1768, junho, 22, Vila Boa

CARTA do [governador e capitão-genera de Goiás] , João Manuel de Melo, ao rei [D. José], consultando acerca da vantagem da capitania de Goiás cobrar os direitos dos q vêm para ela pelo caminho das Minas Gerais.

CD 2

Rolo 013

013/ 001 Não há documentação referente a Tocantins

013/ 002 ídem

013/ 003

Caixa 11 documento n. 622 n. da imagem 0473

1754, Agosto, 02, Lisboa

CARTA RÉGIA do rei D. José, ao [governador e capitão-general de Goiás, Conde de S. Miguel, D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], instruindo-o sobre como deverá governar a capitania de Goiás; os principais problemas a enfrentar e a necessidade de seguir as instruções de seu antecessor no governo geral de Goiás.

Caixa 11 documento n.669 imagem 0526

1754, outubro, 20, Natividade

PROCURAÇÃO do [coronel] Venceslaú Gomes da Silva ao Senhor José Antônio Pereira da Silva, pare em seu nome apresentar na Provedoria da Fazenda Real de Goiás, a prestação de contas de toda a despesa que ele fez com a sustentação e estabelecimento das aldeias [do Duro e Formiga] dos índios Acroás e Xacriabás, requerendo o pagamento das mesmas defesas.

Rolo 014

014/ 001 Não há documentação referente

014/ 002

Caixa 12 doc.n.706 imagem 0267

1755, fevereiro, 27, Vila Boa

CARTA do [governador e capitão-general de Goiás, conde dos Arcos], D. Marcos de Noronha, ao rei D. José, em resposta à provisão sobre o requerimento do coronel Duarte Pereira Ramos e seus sócios, moradores nas minas dos Tocantins, solicitando confirmar-lhes a concessão de cento e quarenta e duas datas de terras minerais.

014/ 003 Não há documentação referente.

Rolo 015

015/001

Caixa 12, documento n. 721 0082

1755, março, 21, Vila Boa

CERTIDÃO do escrivão das diligências do sindicante, desembargador Manuel da Fonseca Brandão, José Pereira da Cunha, referente a um requerimento do coronel Antônio de Pires Campos solicitando ajuda de custo para continuar na “destruição” do índio Caiapó.

015/ 002 Não há nenhum documento referente à pesquisa

015/ 003

Caixa 12 doc.n. 749

1755, abril, 25, Vila Boa

CARTA de Diogo de Gouveia Osório e Castro, morador nas minas do Tocantins, ao rei [D.José}, sobre os procedimentos corruptos e abuso de autoridade do ouvidor-geral de Goiás, Sebastião José da Cunha Soares e Vasconcelos, deixando de cumprir as ordens reais, agindo despoticamente nas matérias criminais, absolvendo réus culpados,

culpando os inocentes, tudo sob o aconselhamento do padre Dr. Filipe da Silveira e Souza

Rolo 16

016/001

Caixa 13, doc.n 771 0029

1755, Outubro, 14, Vila Boa

CARTA do [gov. e cap-gen. De Goiás] conde de S. Miguel [D. Alvaro José Xavier Botelho de Távora] , ao rei [D. José], sobre as missões e catequese indígena; as aldeias de formiga, duro e sta. Ana do Rio das Velhas e remetendo o ofício do missionário das missões da Natividade, aldeia do Duro e presídio de Formiga.

Caixa 13, doc.n. 775 0057

1775, dezembro, 12, Vila Boa

OFÍCIO do [gov. e cap-gen de Goiás] Conde de São Miguel [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], ao [secretário do Estado da Marinha e Ultramar], Diogo de Mendonça Corte Real, sobre o estabelecimento das aldeias de índios Tapirapés e Cururús, inimigos dos Caiapós; os Acroás da aldeia do Duro e as hostilidades que tem feito os Xacriabás.

016/ 002 Não há nenhum documento referente à pesquisa

016/ 003

Caixa 13 doc.n.802

1756, setembro, 03, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], conde de São Miguel [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Tomé Joaquim da Costa Corte Real, sobre as dívidas da Fazenda Real de Goiás; o estado da cota; a corrupção na administração das aldeias indígenas e enviando as cartas dos missionários e administrador delas.

Rolo 017

017/ 001

Caixa 13, doc.n.803

1756, setembro, 13, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e capitão-general], conde de São Miguel, [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Tomé Joaquim da Costa Corte Real, recomendando a leitura das cartas do administrador e missionários dos índios e precavendo-o para que não dê ouvidos às notícias acerca de sua conduta.

017/ 002

Caixa 14, doc.n.828

1753, fevereiro, 01, Vila Boa

OFÍCIO do [administrador temporal do gentio da Natividade], Venceslau Gomes da Silva, ao [governador e capitão-general de Goiás], Conde de São Miguel [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], sobre a redução indígena; as missões a cargo dos padres jesuítas, e solicitando o que lhe fora prometido em pagamento de seus serviços.

017/003

Caixa 14, doc.n.835 0437

1757, março, 08, Lisboa

DECRETO do rei D. José nomeando Francisco Xavier de Abreu e Mota, tabelião do Judicial e Notas e mais anexos do Arraial do Tocantins, comarca de Goiás, pelo tempo de três anos.

Rolo 018

018/ 001

Caixa 14 doc.n. 853 0122

1757, Junho, 09, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], Conde de São Miguel [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Tomé Joaquim da Costa Corte Real], sobre a sublevação dos índios Acroás e Xacriabás; o estado em que se encontra a capitania e acerca de ser impossível povoar Goiás com indígenas, já que os mesmos são indômitos, bárbaros e infieis.

018/ 002

Caixa 14, doc. 856

1757, Junho, 11, Vila Boa

CARTA dos oficiais da Câmara de Vila Boa, ao rei [D. José], expondo as atrocidades cometidas pelos índios Caiapós e insistindo na guerra ofensiva como único meio de repressão.

Caixa 14, doc.n.863 0322

[ant. 1757, setembro, 24, Goiás]

REQUERIMENTO do coronel Duarte Pereira Ramos, morador nas minas do Tocantins, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria junto ao rio de Traíras, capitania de Goiás.

Caixa 14, doc. N. 865 0334

1757, outubro, 08, Meia Ponte

CARTA do [governador e capitão-general de Goiás] Conde de São Miguel [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora] ao rei [D. José], sobre os índios Acroás e Xacriabás que desde a deserção de 12 de abril têm se conservado no maior sossego; a bandeira que formou para a redução dos índios e acerca do pedido feito ao Bispo de São Paulo, D. Antônio Galvão, para opinar sobre se deveria ou não fazer uma guerra ofensiva aos indígenas.

Caixa 14, doc.n.866 0338

1757, outubro, 08, Meia Ponte

OFÍCIO do [governador capitão-general de Goiás], Conde de São Miguel [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Tomé Joaquim da Costa Corte Real], sobre a sublevação dos índios [Acroás e Xacriabás] que apenas causou susto à população; acerca de uns papéis relativos às aldeias indígenas que não devem cair nas mãos do conde dos Arcos, [D. Marcos de Noronha], e sobre a calúnia do [intendente do ouro e provedor da Fazenda Real de Goiás], Anastácio da Nóbrega.

Caixa 14, doc. n. 867 0347

1757, outubro, 08, Meia Ponte

OFÍCIO do ouvidor-geral de Goiás, Antônio da Cunha Sotomaior, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Tomé Joaquim da costa Corte Real], sobre o levante de 2 aldeias indígenas na capitania de Goiás e o estrago q nela tem feito os índios Caiapós.

018/ 003 Não há documentação referente à pesquisa.

ROLO 019

019/ 001

Caixa 15 doc. 889 0121

1758, abril, 25, Vila Boa

CARTA do [governador e capitão-general de Goiás] Conde de S. Miguel [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], ao rei D. José, sobre as cartas q enviou relatando a situação das missões da capitania de Goiás, os padres jesuítas q se ocupam destas missões e os administradores delas.

Caixa 15 doc. n.892 0147

1758, abril, 30, Vila Boa

CARTA do ouvidor-geral de Goiás, Antônio da Cunha Sotomaior, ao rei [D. José] remetendo relação dos lugares e povoações da Capitania de Goiás, as distâncias q existem se umas as outras e a descrição dos rios q banham as povoações, para se formar uma carta topográfica de todo o Brasil, evidenciando-se os sertões.

Obs: Consta desta relação os seguintes arraiais com seus distritos: Meia ponte, Sta. Luzia, Flores do Paranã, Senhora dos Remédios, Natividade, Barra da Palma, São Félix, Traíras e Pilar.

019/ 002

Caixa 15 doc. 903 0258

[ant. 1758, agosto, 17, Goiás]

REQUERIMENTO do guarda-mor Agostinho Pinheiro Caldas, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria no distrito de São José do Tocantins, junto ao correjo Fundo q faz barra no rio Maranhão, capitania de Goiás.

Caixa 15, doc. 907 0307

1758, setembro, 23, Lisboa

CONSULTA do Conselho Ultramarino, ao rei [D. José], sobre a carta do [governador e capitão-general de Goiás] Conde de S. Miguel [D. Álvaro José Xavier Botelho de Távora], acerca dos insultos dos índios Caiapós ao guarda-mor de Goiás, Baltazar de Godói Bueno Gusmão; o seu procedimento a este respeito; a expedição q organizou aos sertões do Norte da capitania e a necessidade de se formar uma nova aldeia.

Caixa 15 doc. n 913 0345

OFÍCIO [minuta] do [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Tomé Joaquim da Costa Corte Real], ao [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, remetendo as leis sobre a liberdade dos índios e a pastoral do Bispo do Maranhão com a bula expedida pelo papa Benedito XIV.

019/ 003 Não há documentação referente à pesquisa.

Rolo 020

020/ 001 Não há documentação referente à pesquisa

020/ 002

Caixa 15 doc. 945 0243

[ant. 1759, novembro, 10, Goiás]

REQUERIMENTO de Barnabé Moreira de Paiva, ao rei [D José], solicitando confirmação da carta de sesmaria na freguesia de S. José do Tocantins, capitania de Goiás.

020/ 003 Não Há documentação referente á pesquisa

Rolo 021

021/ 001 Não há documentação referente a pesquisa

021/ 002

Caixa 16, doc 980

1760, maio, 28, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao [secretário de estado dos Negócios Estrangeiros], Conde de Oeiras, [Sebastião José de Carvalho e Melo], informando q em Goiás já não se encontram jesuítas paroquiando aldeias indígenas, e q 2 padres q andavam a pregar missões no distrito de Tocantins, já foram conduzidos para Vila Boa.

021/ 003 Não há documentação referente a pesquisa

Rolo 022

022/ 001 Não há documentação referente a pesquisa

022/ 002

Caixa 17, doc. 1018 0330

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao [secretário de Estado de Negócios Estrangeiros], conde de Oeiras, [Sebastião de Carvalho e Melo], sobre as fazendas de gado das recolhidas do Coração de Jesus da Cidade de São Luís do Maranhão, situadas além do rio Tocantins em território no espiritual pertencente ao Pará, cuja administração estava a cargo dos padres jesuítas.

Caixa 17, doc.1023 0390

CARTA ao [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao rei [D. José], sobre as queixas dos habitantes do distrito de Natividade acerca das contínuas invasões dos índios Acroás e Xacriabás q depois da soblevação de 1757, quando assassinaram traiçoeiramente os guardas do presídio e abandonaram as aldeias de São Francisco Xavier do Duro e de São José, continuavam com maior ousadia e crueldade a praticarem mortes e roubos.

022/ 003 Não há documentação referente a pesquisa

Rolo 023

023/ 001

Caixa 17, doc 1029 0017

1760, dezembro, 30, Vila Boa

OFÍCIO do[governador e capitão-general de Goiás] , João Manuel de Melo, ao [secretário de estado e Negócios Estrangeiros], conde de Oeiras, [Sebastião José de Carvalho e Melo], sobre a visita q empreendeu pela capitania de Goiás; os descaminhos da renda da Câmara de Vila Boa; os arraiais mais invadidos pelos índios Acroás e Xacriabás; o gasto excessivo com as aldeias indígenas, cujas benfeitorias mostram pouco gasto; a causa da sublevação dos indígenas e acerca dos padres jesuítas.

023/ 002

Caixa 18, doc.1046 0336

[ant. 1761, julho, 13, Goiás]

REQUERIMENTO de João Antônio Peixoto, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria no lugar chamado Calhamares, capitania de Goiás.

023/ 003

Caixa 18 doc.1056 0445

[ant. 1761, outubro, 16, Goiás]

REQUERIMENTO de Caetano Pereira Cortes, [morador nas minas de São Félix] ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria na outra parte do rio Tocantins, por nome Maranhão, dividindo com os rios da Canabrava e São Félix, capitania de Goiás.

Caixa 18, doc.1060 0471

CARTA RÉGIA [cópia] do rei D. José ao governador e capitão-general de Goiás, [João Manuel de Melo], sobre as atitudes a tomar acerca dos índios Acroás, Xacriabás e Caiapós e a construção de cadeias seguras na capitania de Goiás.

CD 3

Rolo 024

024/ 001 Não há documentação referente a pesquisa.

024/ 002

Caixa 18, documento 1101 0263

CARTA do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao rei [D. José], sobre Ter permitido q os povos e moradores da capitania de Goiás fizessem guerra ofensiva aos índios Acroás e Xacriabás.

024/ 003 Não há documentação referente a pesquisa

Rolo 025

025/ 001

Caixa 19, doc. 1156 0146

1763, maio, 28, Vila Boa

OFÍCIO de [governador e capitão-general], João Manuel de Melo, ao secretário do estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre a junta que se convocou para decidir o modo de se fazer a guerra aos índios bárbaros e as bandeiras q se estão preparando para os castigarem.

025/ 002

Caixa 19, doc. 1167 0256

1763, julho, 16, Vila Boa

OFÍCIO DO [governador e capitão-general], João Manuel de Melo, ao secretário de estado [da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado], sobre as notícias das hostilidades com q os castelhanos começaram a atacar a fronteira no rio Guaporé e remetendo as cópias das cartas recebidas sobre esse assunto.

Caixa 19, doc.1178 0321

1763, outubro, 25, Vila Boa

OFÍCIO do [ouvidor-geral de Goiás], desembargador Antônio José de Araújo e Sousa, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre as despesas com a criação de duas companhias de soldados pedestres para defenderem a estrada de São Paulo e vizinhanças de Vila Boa dos assaltos dos índios Caiapós, as quais depois foram reduzidas a uma só Companhia da qual foram capitães, Antônio Lemos de Faria, Antônio Pires de Campos e Manuel de Campos Bicudo.

Caixa 19, doc.1192 0425

1763, novembro, 28, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre o recebimento dos exemplares do tratado definitivo da paz e os da última sentença q o parlamento de Paris proferiu contra a Sociedade de Jesus.

Rolo 026

026/ 001 Não há documentação referente a pesquisa

026/ 002

Caixa 20, doc.1240 0277

[ant. 1764, outubro, 28, Goiás]

REQUERIMENTO do sargento-mor Manuel Alves Cardos, morador na freguesia de São José do Tocantins, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria no ribeirão Belião, detrás da serra, capitania de Goiás.

026/ 003 Não há documentação referente a pesquisa

Rolo 027

027/ 001

Caixa 21, doc. 1274 0123

1765, março, 30, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre a bandeira composta para reprimir a invasão dos índios Xavantes e acerca do ataque à aldeia deles.

Caixa 21, doc.1275 0127

1765, abril, 12, Vila Boa

CARTA do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao rei [D. José], sobre os limites da capitania de Goiás após a sua desanexação da de São Paulo e o conflito com a capitania de Minas Gerais no tocante do território da parte do sul até o Rio Grande [Triângulo Mineiro].

027/ 002 Não há documentação referente a pesquisa

027/ 003 Ídem

Rolo 028

028/ 001 Não há documentação referente a pesquisa

028/ 002

Caixa 21 doc. n 1326 0208

[ant. 1765, dezembro, 06, Goiás]

REQUERIMENTO de Joaquim de Macedo Pereira Costa Rangel, morador do Arraial do Cocal, distrito de Traíras, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria nas margens do rio Maranhão, ao pé de uma serra, capitania de Goiás.

Caixa 21, doc. 1332 0349

[post. 1765]

OFÍCIO do [ouvidor-geral de Goiás, desembargador Antônio José de Araújo e Sousa], ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado], sobre a grande extensão da capitania de Goiás; a distância de Vila Boa ao Rio de Janeiro e Bahia; as dificuldades para a aplicação da justiça e fundição do ouro e acerca da necessidade de se repartir a capitania em duas comarcas, sendo a divisa o Maranhão.

028/ 003

Caixa 22, doc. 1339 0407

1766, março, 20, São Félix

OFÍCIO do [intendente do ouro da Casa de Fundição de S. Félix], Manuel Gomes da Costa, ao [secretário de estado dos Negócios Estrangeiros], conde de Oeiras, [Sebastião José de Carvalho e Melo], sobre Ter sido provido pelo [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, no dito cargo; Ter passado às minas de Natividade para fazer a averiguação nos bens dos jesuítas, e acerca de estar em condições de servir no presente ofício e a necessidade de se proibir aos negociantes o trato com os índios do presídio do Duro, pela facilidade do extravio do ouro.

Caixa 22, doc.1340 0412

[ant. 1766, abril, 02, Goiás]

REQUERIMENTO de Agostinho da Silva Lisboa, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta patente no posto de tenente da Cavalaria Auxiliar do novo Regimento do Arraial de São José do Tocantins, capitania de Goiás.

Rolo 029

029/ 001

Caixa 22, doc. 1353 0041

[ant. 1766, junho, 16, Goiás]

REQUERIMENTO de Manuel Alves Cardoso, ao rei [D. José] , solicitando confirmação da carta patente no posto de capitão do novo Regimento da Cavalaria Auxiliar do Arraial de São José do Tocantins, capitania de Goiás.

Caixa 22, doc. 1362 0107

1766, julho, 04, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao secretário de estado da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre o recebimento e a distribuição às pessoas gradas da capitania, da coleção impressa e autêntica da lei de 06 de maio de 1765, precavendo as populações quanto as maquinações dos jesuítas.

029/ 002 Não há documentação referente a pesquisa

029/ 003

Caixa 22, doc. 1381 0423

1766, julho, 17, Vila Boa

OFÍCIO do ouvidor-geral de Goiás, desembargador Antônio José de Araújo e Sousa, ao rei [D. José], sobre Ter cumprido a ordem mandando depositar em um cofre com três chaves a coleção impressa e autêntica q contém a Lei de 06 de maio de 1765, considerando de nenhum valor em seus domínios o Breve da nova confirmação do Instituto da Sociedade de Jesus.

Rolo 030

030/001

Caixa 22, doc. 1418 0040

1766, dezembro, 30, Vila Boa

OFÍCIO do [ouvidor-geral de Goiás], desembargador Antônio José de Araújo e Sousa, ao [secretário do estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado], sobre a lei das resistências; o procedimento q se deve quando os resistentes forem pessoas poderosas; o pequeno numero de fogos dos julgados de Couros [Paranã], Barra da Palma [Terras Novas] e Arraías; a dificuldade da administração da justiça devido às grandes distâncias entre eles; acerca da nova lei dos testamentos e a criação de novos auditores.

030/002

Caixa 23, doc. 1440 0242

1767, junho, 22, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás] , João Manuel de Melo, ao secretário de estado [da Marinha e Ultramar], Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre as invasões dos índios Caiapós no distrito do Arraial de Santa Luzia e rio das Velhas e acerca do sucesso de duas bandeiras organizadas contra eles, das quais tomaram parte os Bororós do Rio das Pedras.

030/ 003 Não há documentação referente a pesquisa

Rolo 031

031/ 001

Caixa 23, doc. 1471 0091

[ant. 1767, novembro, 09, Goiás]

REQUERIMENTO de Luís Coelho Furtado, morador no distrito do Tocantins, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria na paragem do ribeirão das Pedras, capitania de Goiás.

Caixa 23 doc.1472 0101

[ant. 1767, novembro, 09, Goiás]

REQUERIMENTO de Joaquim de Macedo Pereira Horta Rangel, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria na paragem das margens do rio Maranhão, capitania de Goiás.

031/ 002

Caixa 24, doc. 1491

[ant. 1768, abril, 15, Goiás]

REQUERIMENTO de Antônio Carlos da Rocha, ao rei [D. José], solicitando confirmação de carta patente no posto de Capitão da Infantaria da Ordenança do arraial

de São José do Tocantins], capitania de Goiás, vago por falecimento de Agostinho Pinheiro Caldas.

Caixa 24, doc. 1508 0374

1768, junho, 22, Vila Boa

CARTA do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao rei [D. José], sobre o requerimento do tabelião do julgado do Tocantins, Domingos da Fonseca Marques, solicitando mais ano e meio de serventia no mesmo ofício.

Caixa 24, doc. 1509 0385

1768, junho, 22, Vila Boa

CARTA do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao rei [D. José], consultando acerca da vantagem da capitania de Goiás cobrar os direitos dos q vêm para ela pelo caminho das Minas Gerais.

COMECEI AQUI 20 DE MAIO DE 2005

031/003

Caixa 24 doc. 1511 0413

1768, junho, 22, Vila Boa

CARTA do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao rei [D. José], sobre ter mandado publicar por toda a capitania a lei para se extinguir em todo o Estado do Brasil o ofício de ourives.

Caixa 24, doc. 1512 0418

1768, junho, 22, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e cap-gen de Goiás], João Manuel de Melo, ao secretário da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre o Ato do Parlamento de Paris, expulsando os jesuítas da França.

Caixa 24 doc. 1513

1768, junho, 23, Vila Boa 0424

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre a necessidade da capitânia de Goiás cobrar os direitos dos que vêm a ela pelo caminho das Minas Gerais, capitania que tem faltado ao estipulado a respeito dos direitos das entradas.

Caixa 24, doc. 1517, 0454

1768, junho, 24, Vila Boa

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre a sua esperança de poder em breve voltar à corte; o arraial do Tocantins pretender se constituir em vila; acerca das cartas recebidas e entregues por Antônio Joaquim de Araújo Velasco, mandando se proceder à cobrança das quantias que se deviam a ele e a seu tio o capitão-mor Francisco Xavier Leite de Velasco.

Rolo 032

032/001

Caixa 24, doc. 1531

1769, Fevereiro, 20, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre o recebimento dos exemplares da Dedução cronológica e da Petição de Recurso apresentada pelo procurador da Real Coroa, e acerca de haver colocado em observância a lei mandando extinguir as associações, comunicações e privilégios da Companhia de Jesus.

Caixa 24, doc.1532 0086

1769, Fevereiro, 20, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre a pretensão do conde de Valadares, acerca dos limites da capitania das Minas Gerais com a de Goiás, querendo que pertença àquela o território das cabeceiras do rio das Velhas no caminho de São Paulo.

Caixa 24, doc. 1534 0168

1769, fevereiro, 21, Vila Boa.

CARTA do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao rei [D. José], remetendo, conforme a provisão de 18 de janeiro de 1768, as relações das Igrejas da capitania de Goiás que se encontram no distrito do Bispado do Rio de Janeiro e Grão-Pará.

Anexo: 5 docs., (consta das relações as igrejas que se encontram coladas ou não, as capelas filiais e as que existem em aldeias, bem como o número de pessoas de confissão).

032/002

Caixa 24, doc. 1558 0392

1769, junho, 29, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sobre o recebimento dos exemplares da primeira e segunda dedução Cronológica, parte da Petição de Recurso apresentada pelo procurador da Real Coroa, e acerca de ter mandado observar a lei extinguindo as associações e comunicações de privilégios da Companhia de Jesus.

032/003

Caixa 24, doc. 1564 0432

1769, junho, 30, Vila Boa.

CARTA do [ouvidor geral] e provedor da Fazenda Real de Goiás, desembargador Antônio José de Araújo e Souza, ao rei [D. José], sobre não poder prestar contas do rendimento do contrato das entradas pro não ter ainda em mãos as relações do Distrito do Tocantins, e remetendo mapa e relação do rendimento do dito contrato no distrito da Provedoria da Fazenda Real de Goiás.

Caixa 24, doc.1573 0498

1769, dezembro, 18, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás], João Manuel de Melo, ao secretário de estado da Marinha e Ultramar, Francisco Xavier de Mendonça Furtado,

sobre ter recebido do Conde de Valadares o Índice das coleções das Provas citadas na Dedução cronológica e Analítica e nas duas petições de recurso; o contrato das entradas que nas Minas Gerais se arremata por menor preço; a chegada do novo provedor [da Fazenda Real de Goiás], Antônio Cabral de Almeida e suas primeiras providências.

Rolo 033

033/001 Não há documentação referente à pesquisa.

033/002 ídem

033/003 ídem

OBSEVAÇÃO: Helena, o governador e capitão-general de Goiás, João Manuel de Melo, faleceu. Por esse motivo, a maioria das cartas são referentes ao seu falecimento e à escolha de um novo governador.

Rolo 034

034/001 Não há documentação referente à pesquisa.

034/002

Caixa 26, documento 1635 0219

[ant. 1771, fevereiro, 27, Goiás.

REQUERIMENTO de João da Silva Lopes, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria no distrito da Barra da Palma, na fazenda chamada Espírito Santo, capitania de Goiás.

Caixa 26, doc. 1645 0285

[ant. 1771, maio, 22, Goiás]

REQUERIMENTO de Domingos da Fonseca Marques, ao rei [D. José], solicitando que se repitam por mais vias as ordens dadas a respeito de sua súplica referente ao prejuízo que experimentou com o novo regimento, no ofício de [tabelião do arraial do Tocantins], na comarca de Goiás.

Caixa 26, doc. 1649 0322

[ant. 1771, junho, 18, Goiás]

REQUERIMENTO do guarda-mor das terras minerais e capitão da Companhia de Cavalaria de São José do Tocantins, Manuel Álvares Cardoso, ao rei [D. José], solicitando a mercê do Hábito da Ordem de Cristo em remuneração aos seus serviços.

Caixa 26, doc. 1655 0347

[ant. 1771, julho, 15, Goiás]

REQUERIMENTO de Manuel Lucas da Cunha, morador no distrito do Cocal, ao rei [D. José], solicitando confirmação da carta de sesmaria nas margens do rio Maranhão, entre a roça que foi de João Alves Braga até o riacho das Pedras, capitania de Goiás.

034/003 Não há documentação referente à pesquisa.

Rolo 035

035/001

Caixa 26, doc 1665 0015

[ant. 1771. outubro, 11, Goiás]

REQUERIMENTO do vigário colado da freguesia do Senhor Bom Jesus de Anta, comarca da Vila Boa de Goiás, Nicolau Teixeira de Carvalho Sotomaior e Castro, ao rei

[D. José], informando que por ter pertencido a Companhia de Jesus, os seus inimigos, amparados nisso, citavam-no em juízo, não lhe dando tempo de impugnar as ações; solicita que se informe da verdade dessa exposição e depois de avaliados os seus bens, pague-se os seus credores e se entregue a ele o remanescente dos bens que lhe foram tirados injustamente.

Caixa 26, doc. 1685 0151

1772, agosto, 06, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao [secretário da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre as cartas apresentadas pelos ex-governadores acerca dos guardas do registro do rio das Velhas que limita as capitanias de Goiás e Minas Gerais, e a disputa territorial entre as ditas capitanias.

Caixa 26, doc. 1688 0161

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao [secretário da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a necessidade de se elaborar uma carta geográfica de Goiás, para esclarecerem-se as dúvidas existentes acerca dos limites desta capitania com a de Minas Gerais.

Caixa 26, doc. 1692 0194

[ant. 1772, outubro, 19, Goiás]

REQUERIMENTO do padre da Igreja de São José do Tocantins, José Malheiro, ao rei [D. José], solicitando alvará de mantimento na forma do estilo.

035/002

Caixa 26, doc. 1702 0271

[ant. 1772, novembro, 22, Goiás]

REQUERIMENTO de padre Roberto Carvalho Ribeiro, ao rei [D. José], solicitando provisão do Tribunal do Conselho Ultramarino para receber as Cômruas acerca dos quatro anos que foi vigário da Igreja de São José do Tocantins, capitania de Goiás.

035/003

Caixa 27, 1730 0457

1773, maio, 02, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao [secretário da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a dificuldade de civilizar os índios, devido à falta de pessoas qualificadas para esta missão.

Rolo 036

036/001

Caixa 27 doc. 1743

1773, Agosto, 06, Pontal

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao [secretário da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre as medidas que se deve tomar para tornar-se viável a navegação do rio Tocantins, necessária à população da capitania de Goiás.

Caixa 27 doc. 1752 0139

1774, janeiro, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao [secretário da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o envio de alguns navegantes ao Pará pelo rio Tocantins, a fim de se conhecer a capacidade de navegação do dito rio.

Caixa 27, doc.1753 0149

1744, janeiro, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao [secretário da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a possibilidade de dividir a comarca de Goiás devido a sua grande extensão, facilitando a administração da justiça, retirando excessivas utilidades de alguns ministros que recebem emolumentos por várias funções, e acerca da necessidade de se criar o ofício de Juiz de Fora.

002

Caixa 27, doc. 1763 0212

1774, janeiro, 27, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao [secretário da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a viagem que fez para conhecer os limites e riquezas de Goiás; acerca da fertilidade dos terrenos, abundância de matos, a produção de culturas nos julgados e a má qualidade dos terrenos dos arraiais do Tocantins, São Félix, Barra da Palma e Paraná.

Caixa 27, doc. 1769 0235

1774, março, 13, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao [secretário da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre o exame feito para conhecimento das potencialidades da navegação do rio Tocantins e as utilidades da navegação deste rio para Goiás e Pará.

Caixa 27, doc. 1776 0291

1774, junho, 20, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao secretário de estado da Marinha e Ultramar[, Martinho de Melo e Castro, sobre os repetidos ataques e mortes executados pelos índios Caiapós e Xavante, e acerca das bandeiras formadas para descobrimento de novas minas em Goiás.

003 Não há documentação referente à pesquisa.

Rolo 037

037/001

Caixa 27, doc. 1820 0031

1775, julho, 02, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao [secretário de estado dos Negócios Estrangeiros], marquês de Pombal, [Sebastião José de Carvalho e Melo], sobre a nomeação do intendente [Joaquim José Freire de Andrade], para diretor dos índios, e

acerca de um incidente com os índios Xacriabás onde procurou persuadi-los ao aldeamento e à conseqüente cristianização.

Caixa 28, doc. 1824 0059

1775, agosto, 25, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao secretário de estado da Marinha e Ultramar[, Martinho de Melo e Castro, sobre o descobrimento de uma nação de índios menos hostis; o alferes da Companhia dos Dragões, José Pinto da Fonseca para entrar em contato com os ditos índios e solicitando remuneração para o executor das diligências dos contatos com esses índios.

Caixa 28, doc. 1825 0079

1775, agosto, 25, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao secretário de estado da Marinha e Ultramar[, Martinho de Melo e Castro, sobre a pacificação dos índios Xacriabás e acerca dos atos administrativos que tem feito para aldeã-los.

Caixa 28, doc. 1827 0087

1775, novembro, 20, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao secretário de estado da Marinha e Ultramar[, Martinho de Melo e Castro, sobre a pacificação dos índios silvestres, especialmente os Carajás e Javaés; as dificuldades para sujeitar os bastardos e mestiços que entram para as bandeiras, e solicitando remuneração para os oficiais que auxiliaram as bandeiras organizadas para a exploração das terras minerais.

Caixa 28, doc. 1830 0116

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao secretário de estado da Marinha e Ultramar[, Martinho de Melo e Castro, sobre a prosperidade das suas diligências com os índios, o encontro com os chefes dos Carajás e Javaés e o envio de uma bandeira para explorar a região do Araguaia.

Caixa 28, doc. 1838 0200

1776, junho, 15, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao [secretário de estado dos Negócios Estrangeiros], marquês de Pombal, [Sebastião José de Carvalho Melo], sobre a criação de aldeias indígenas; o sucesso na civilização dos Carajás e Javaés; os provimentos de boca e guerra que enviou para as ditas aldeias sem recorrer aos recursos da Fazenda Real, utilizando-os no aumento das praças de pedestres e no estabelecimento da aldeia dos índios Caiapós.

002

Caixa 28, doc. 1855 0305

1776, setembro, 20, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao [secretário de estado dos Negócios

Estrangeiros], marquês de Pombal, [Sebastião José de Carvalho Melo], sobre suas práticas administrativas acerca da aldeia de São José de Mossâmedes e solicitando as determinações e o provimento da Fazenda Real para a civilização dos Carajás, Javaés e outras nações indígenas.

Caixa 28, doc. 1860 0325

1776, setembro, 21, Vila Boa.

OFÍCIO do [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], ao [secretário de estado dos Negócios Estrangeiros], marquês de Pombal, [Sebastião José de Carvalho Melo], solicitando sucessor para o ouvidor-geral de Goiás, [Antônio José Cabral de Almeida], levando-se em consideração o zelo que tem tido o desempenho de suas funções, sua grande atividade na coleta do subsídio literário e na formação da bandeira do Tocantins.

Caixa 29, doc. 1862 0339

1777, janeiro, 27, Lisboa.

OFÍCIO do [secretário de estado de Negócios Estrangeiros], marquês de Pombal, [Sebastião José de Carvalho e Melo], ao [governador e capitão-general de Goiás, barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], sobre o sucesso das diligências organizadas para atrair os índios Carajás, Javaés e Xacriabás; a organização da aldeia Nova Beira; a atuação dos jesuítas que lesaram a Fazenda Real nos estabelecimentos indígenas; os prêmios concedidos ao oficial José Pinto da Fonseca e ao ouvidor Antônio José Cabral de Almeida pela atuação em Goiás, e a permissão para se utilizar os recursos da Fazenda Real, com moderação e economia, nas suas diligências em Goiás.

003 Não há documentação referente à pesquisa.

Rolo 038

038/001 Não há documentação referente à pesquisa.

002

Caixa 29, doc.1877 0312

1777, junho, 15, Vila Boa.

CARTA do ex-administrador dos contratos das entradas e dízimos [de Goiás], Custódio Barroso Basto, à rainha [D. Maria I], sobre as violências e injustiças que lhe têm feito o intendente e provedor da Fazenda Real de Goiás, [barão de Mossâmedes], José de Almeida Vasconcelos [de Soveral e Carvalho], prejudicando os seus negócios ao aldearem os índios Acroás próximo à sua fazenda de gado.

Anexo 7

Mapas

Mapa 1



Mapa 2



Mapa 4

Anexo 8

Amostra de Fotos de Jóias - Demais Fotos Referentes às Jóias Seguem no CD de Anexos



Raphael Mendes 2007



Raphael Mendes 2007



Raphael Mendes 2007



Raphael Mendes 2007



Raphael Mendes 2007



Raphael Mendes 2007



Raphael Mendes 2007



Raphael Mendes 2007



Raphael Mendes 2007



Raphael Mendes 2007

Anexo 9

Fotos de Ourives Nativitanos



Jesumar - Raphael Mendes 2007



João Bosco - Raphael Mendes 2007



Bisa - Raphael Mendes 2007



Val - Raphael Mendes 2007



Aprendiz da oficina do Jesumar - Raphael Mendes 2007



Aprendiz da oficina de Val e Bisa - Raphael Mendes 2007



Mestre Antonio Nunes – Ourives Natividade - Foto cedida por Simone Camelo



Mestre Leopoldo Hermano – Ourives Natividade - Foto cedida por Simone Camelo



Mestre Juvenal Rodrigues Cerqueira – Ourives Natividade Foto cedida por Simone Camelo